

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

FELIPE ADAM

**A HISTÓRIA DO JORNALISMO BRASILEIRO ATRAVÉS DAS BIOGRAFIAS DE
PROFISSIONAIS DA IMPRENSA PUBLICADAS PELAS EDITORAS
UNIVERSITÁRIAS (1998-2018)**

**PONTA GROSSA
2020**

FELIPE ADAM

**A HISTÓRIA DO JORNALISMO BRASILEIRO ATRAVÉS DAS BIOGRAFIAS DE
PROFISSIONAIS DA IMPRENSA PUBLICADAS PELAS EDITORAS
UNIVERSITÁRIAS (1998-2018)**

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Área de concentração: Processos Jornalísticos.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Gadini.

**PONTA GROSSA
2020**

A192 Adam, Felipe
A história do jornalismo brasileiro através das biografias de profissionais da imprensa publicadas pelas editoras universitárias (1998-2018) / Felipe Adam. Ponta Grossa, 2020.
159 f.

Dissertação (Mestrado em Jornalismo - Área de Concentração: Processos Jornalísticos), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Gadini.

1. Processos jornalísticos. 2. História do jornalismo brasileiro. 3. Biografias jornalísticas. 4. Editoras universitárias. I. Gadini, Sérgio Luiz. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Processos Jornalísticos. III.T.

CDD: 079.81

FELIPE ADAM

**A HISTÓRIA DO JORNALISMO BRASILEIRO ATRAVÉS DAS BIOGRAFIAS DE
PROFISSIONAIS DA IMPRENSA PUBLICADAS PELAS EDITORAS
UNIVERSITÁRIAS (1998-2018)**

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Área de concentração: Processos Jornalísticos.

Ponta Grossa, 28 de fevereiro de 2020.

Prof. Dr. Sérgio Luiz Gadini
Doutor em Ciências da Comunicação
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Dra. Cassilda Golin Costa
Doutora em Linguística e Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Rafael Schoenherr
Doutor em Geografia
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual

Eu, Felipe Adam, CPF 082.567.799-85, RG 5.377.057, responsabilizo-me pela redação do trabalho, aqui apresentado como dissertação de Mestrado em Jornalismo (UEPG), sob o título **A história do jornalismo brasileiro através das biografias de profissionais da imprensa publicadas pelas editoras universitárias (1998-2018)**, atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não), e que não sejam de minha exclusiva autoria, estão citados entre aspas, com a devida indicação de fonte (autor e data) e a página de que foram extraídos (se transcrito literalmente) ou somente indicados fonte e ano (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizada legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 28 de fevereiro de 2020.



Felipe Adam

RA: 3100118009018

AGRADECIMENTOS

Migrar para uma outra cidade não é fácil. Quando essa mesma cidade se localiza em outro estado, fica ainda mais difícil. Porém, os dois anos que passei em Ponta Grossa, na região dos Campos Gerais do Paraná, foram muito mais intensos do que eu pudesse um dia imaginar. A cidade que eu escolhi para estudar e trabalhar durante os últimos 24 meses me proporcionou alegrias, sensações de afeto e harmonia as quais compartilho neste texto. O amadurecimento emocional e intelectual se deu de tal maneira que é quase impossível não mencionar as pessoas com quem convivi e que me auxiliaram neste recomeço de vida. Por isso, todo respeito e gratidão por este pedaço de chão que me recebeu tão bem cujos habitantes pude formar laços de amizade tão eternos.

Se eu fechar os olhos e lembrar de tudo que aconteceu nesse período, posso sentir que Deus me acompanhou em todos os meus momentos dessa trajetória. A cada semana, um desafio superado, uma vitória alcançada, uma força renovada. Sem a presença d'Ele, o fardo não seria tão leve. Agradecer parece ser tão pouco perante o que venci, mas é muito diante de tudo que presenciei.

Aos meus pais, Wilson e Joceli, que mesmo à distância torceram pelo filho, enviaram energias positivas, rezaram pelo meu cotidiano e se alegraram a cada mensagem de felicidade encaminhada por mim. Este trabalho é dedicado a vocês, por acreditarem no meu potencial, pela alegria ao vê-los com saúde e pelo orgulho que sinto em também chamá-los de amigos. Amo vocês.

Neste parágrafo, lembro com carinho de cada professor do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), em especial, aos docentes integrantes do Grupo de Pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação: Dra. Karina Janz Woitowicz, Dr. Rafael Schoenherr e Dr. Sérgio Luiz Gadini. À Karina, por ser um refúgio seguro em meio a sua singela arte de ouvir; ao Rafael, pelas sábias conversas, trocas de conhecimento e aspirações; e ao orientador Gadini, por toda paciência em me auxiliar quando minha descrença pessoal parecia fazer tudo transparecer impossível. Além disso, agradeço à professora Dra. Cassilda Golin Costa - pesquisadora da área de cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - por ter aceito em participar e avaliar este documento. Grato por todas as contribuições, tão bem mencionadas nos exames de qualificação e da defesa final desta dissertação.

Aos demais docentes do mestrado – Dr. Carlos Morais, Dra. Cintia Xavier, Dr. Felipe Pontes, Dra. Graziela Bianchi, Dr. Ivan Bomfim, Dr. Guilherme Carvalho, Dra. Hebe

Gonçalves, Dr. Marcelo Bronosky e Dra. Paula Melani – por cada compartilhamento de aprendizado durante as disciplinas e as oportunidades de esclarecimentos. Também lembro dos três pesquisadores cuja convivência ocorreu no momento do estágio de pós-doutorado – Dr. Guilherme Fernandes, Dr. Jeferson Bertolini e em especial, Dr Muriel Amaral, que acompanhou a fase terminal do mestrado a minha aprovação no processo seletivo de doutorado em Comunicação. Por fim, porém, não menos importante, recordo com muito carinho da secretária Joseli Terezinha Manoel Pinto, a Jô, que compartilhou risadas, ouviu preocupações, torceu pelos meus avanços e sempre se prontificou em ajudar. Um obrigado especial.

Menciono aqui as professoras Dra. Ione Jovino e Dra. Marly Catarina Soares que me aceitaram como aluno especial na disciplina “Gênero, Etnia e Sexualidade em debate” todas as sextas matutinas do Mestrado em Estudos da Linguagem da UEPG no primeiro semestre. E ainda ao professor Dr. José Carlos Fernandes, que me confiou a chance de participar da disciplina “Jornalismo, Memória e Narrativas Culturais” no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFPR, nas segundas vespertinas do segundo semestre.

Agradeço ainda à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que me proporcionou a bolsa de estudos durante os 24 meses de pesquisa em solo paranaense. Aos colegas Abinoan, Dyepeson, Edilene, Larissa, Lígia, Nara, Paula e Vinícius que dividiram os mesmos anseios quando assumiram a função de bolsistas do programa. Agradecimento especial a Larissa que, no segundo ano do mestrado, ouviu as angústias e compartilhou dos mesmos medos, receios e incertezas. Gratidão eterna.

Ser bolsista no Mestrado em Jornalismo da UEPG foi importante porque proporcionou uma maior dedicação a uma temática de interesse pessoal. Além disso, o envolvimento com a organização, mediação, apresentação de eventos, edição de periódicos – tanto da Revista Internacional de Folkcomunicação (RIF) quanto à Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo (Rebej) -, contatos com os professores, divulgação de trabalhos; enfim, todas as atividades foram importantes para se reaproximar do círculo acadêmico. Inclusive, na atuação de representante discente e na agregação dos colegas, sem distinção, às atividades do programa. A propósito, desejo felicidades e sucesso aos colegas Alex, Álvaro, André, Anna Vitória, Bruna, Bruno, Daniel, Ítalo, Jéssica, Larissa, Lígia, Paula, Regilson e Thanile, que ingressaram comigo no mestrado na turma de 2018 e dividiram os mesmo sonhos.

Gratidão ao professor Gadini que me confiou a oportunidade de coorientar duas alunas do terceiro ano de Jornalismo da UEPG quando estas participavam do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic). Foi durante os encontros e debates com a Nadine e

Luiza que pude ter a certeza que a docência no ensino superior foi o caminho mais certo que pude escolher.

Ao professor Dr. Rafael Kondlatsch, que aceitou minha parceria em compartilhar experiências e momentos interessantes na disciplina de Teorias da Comunicação junto aos alunos do primeiro ano de Jornalismo da UEPG. A essa piaçada da turma 34, também meu obrigado pela oportunidade de acreditarem em mim durante o estágio de docência.

Ao Lucas, Regilson e Sebastião (amigos do apartamento 41 do condomínio San Luca) e Danian, Gustavo, Kelvin, Marcos, Matheus e Muriel (colegas do apartamento 22 do edifício Bavária), com quem dividi experiências, risadas, refeições e tarefas domésticas. Obrigado pela parceria!

Quanto à temática de estudo, embora o projeto inicial tinha uma abordagem diferente no momento da seleção e passado por outras angulações ao longo de 2018, o fio condutor sempre foi o jornalismo biográfico, termo emprestado do professor Vilas Boas (2008). A leitura de obras jornalísticas, especialmente biografias, se deu ainda na faculdade a partir do quinto semestre. Na ocasião, através das disciplinas que mencionavam conceitos de jornalismo literário, livros-reportagem, perfis, memórias, história oral, intensifiquei a leitura de clássicos ou lançamentos relacionados ao gênero. Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), o tema de pesquisa foi moldado várias vezes: de biografias vencedoras do Prêmio Jabuti de Literatura ao levantamento de “biografias” de jornais brasileiros que pudessem recontar a trajetória de sucesso ou derrocada do jornalismo no país; porém, minha ideia foi sempre focar nas histórias de vida.

Durante a pesquisa, houve momentos em que conversas com muitos dos pesquisadores citados neste trabalho, pessoalmente ou em redes sociais – como os professores Alexandre Maciel, Edvaldo Pereira Lima, Karine Moura Vieira, Monica Martinez -, foram de grande utilidade. Além disso, a troca constante de e-mails com grupos de pesquisa vinculados a eventos da área, contribuiu para que o trabalho ganhasse forma. Todas as conversas foram importantes para se ter a certeza de que o assunto pudesse render, tendo o apoio de quem já é referência na área. A seguir, apresento a dissertação de mestrado fermentada em 24 meses de intensos trabalhos e discussões, com a franca humildade de acreditar que a investigação possa ter contribuído aos estudos do jornalismo brasileiro.

Ponta Grossa (PR), verão de 2020.

“Mil cairão ao teu lado, e dez mil, à tua direita, mas tu não serás atingido”.
(Salmos 91:7)

RESUMO

O objetivo da dissertação é caracterizar a história do jornalismo brasileiro através das biografias de jornalistas ou profissionais da imprensa publicadas no período de 1998 a 2018 nas editoras universitárias. Para isso, utilizou-se da abordagem qualitativa em uma amostra de oito livros biográficos assinados por jornalistas. Na leitura de *Com Clarice* (SANT'ANNA; COLASANTI, 2013), *José Mendonça: A vida revelada* (FRICHE; GUIMARÃES; FARIA, 2009), *Juca Kfoury: O militante da notícia* (ALENCAR, 2006), *Machado de Assis: Um gênio brasileiro* (PIZA, 2005), *Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley* (CARVALHO, 2012), *Tarquínio: Começar de novo* (MOTTA, 2012), *Tarso de Castro: Editor de "O Pasquim"* (BERTOL, 2001) e *Tinhorão: O legendário* (LORENZOTTI, 2010), observam-se três elementos que puderam contribuir na caracterização histórica do jornalismo brasileiro - ambiente jornalístico, espaços de pertencimento e legado do biografado - os quais serviram como categorias (BAUER, 2000) de análise. A presente pesquisa de mestrado ainda identifica um total de 29 biografias assinadas por jornalistas brasileiros no recorte temporal de 1998 a 2018, observa a relação das histórias de vida com o jornalismo e deste, com o segmento biográfico, além de apresentar a evolução da indústria editorial no Brasil, a partir dos anos 1920, quando Monteiro Lobato transforma o objeto livro em mercadoria. Ademais, apoiado no método do Jornalismo Biográfico (VILAS BOAS, 2008), os resultados indicam que os oito livros selecionados para amostra se utilizam de uma linguagem laudatória, próxima a uma homenagem; denotam um caráter regional, característica associada ao perfil das editoras universitárias (BUFREM, 2001); possuem um protagonista cuja história é o fio condutor da narrativa e apresentam marcações temporais não-cronológicas. Por fim, conclui-se que o gênero Biografia é uma ferramenta válida para o resgate e preservação de uma história para o jornalismo brasileiro.

Palavras-chave: Processos jornalísticos. História do jornalismo brasileiro. Biografias jornalísticas. Editoras universitárias.

ABSTRACT

The aim of the dissertation is to characterize the history of Brazilian journalism through the biographies of journalists or press professionals published between 1998 and 2018 in university publishers. For this, we used the qualitative approach in a sample of eight biographical books signed by journalists. In the reading of *Com Clarice* (SANT'ANNA; COLASANTI, 2013), *José Mendonça: A vida revelada* (FRICHE; GUIMARÃES; FARIA, 2009), *Juca Kfoury: O militante da notícia* (ALENCAR, 2006), *Machado de Assis: Um gênio brasileiro* (PIZA, 2005), *Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley* (CARVALHO, 2012), *Tarquínio: Começar de novo* (MOTTA, 2012), *Tarso de Castro: Editor de "O Pasquim"* (BERTOL, 2001) and *Tinhorão: O legendário* (LORENZOTTI, 2010), there are three elements that could contribute to the historical characterization of Brazilian journalism - journalistic environment, spaces of belonging and legacy of the biographer - which served as categories (BAUER, 2000) of analysis. The present master's research also identifies a total of 29 biographies signed by Brazilian journalists in the period from 1998 to 2018, observes the relationship between life stories and journalism and this, with the biographical segment. In addition to that, presents the evolution of the publishing industry in Brazil, from the 1920s, when Monteiro Lobato transformed the book object into merchandise. Furthermore, supported by the Biographical Journalism method (VILAS BOAS, 2008), the results indicate that the eight books selected for the sample use a laudatory language, close to a tribute; denoting a regional character, a characteristic associated with the profile of university publishers (BUFREM, 2001); they have a protagonist whose history is the guiding thread of the narrative and they have non-chronological time marks. In conclusion, the genre Biography is a valid tool for the rescue and preservation of a story for Brazilian journalism.

Keywords: Journalistic processes. History of journalism. Journalistic biographies. University publishers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Distribuição das editoras universitárias por região brasileira (2018)	44
Gráfico 2 - Distribuição das editoras universitárias na região Sul (2018)	45
Figura 1 – Capa da biografia de Roberto Carlos	60
Figura 2 – Capa do livro sobre a relação do biógrafo Paulo Cesar de Araújo e o biografado, Roberto Carlos	60
Figura 3 – André Maurois	87
Figura 4 – Luís Viana Filho	87
Figura 5 – Raimundo Magalhães Jr.	88
Figura 6 – Capa da biografia de Stefan Zweig	94
Figura 7 – Capa da biografia de Olga Benário Prestes	95
Figura 8 – Capa da biografia de Elis Regina	95
Figura 9 – Capa da biografia de Chico Xavier	96
Figura 10 – Capa da biografia de Assis Chateaubriand	96
Figura 11 – Capa da biografia de Irineu Evangelista de Souza	97
Gráfico 3 - Quantidade de editoras acadêmicas que possuem uma categoria destinada a biografias no catálogo virtual	103
Gráfico 4 - Autores que mais assinam obras biográficas em editoras universitárias (1998 - 2018)	105

Gráfico 5 - Período de vida dos oito biografados selecionados para a amostra	115
Gráfico 6 - Presença dos seis aspectos biográficos (VILAS BOAS, 2008) em cada obra da amostra	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Pesquisa de biografias em Programas de Pós-Graduação de Comunicação/Jornalismo na região Sul do Brasil	49
Tabela 2 - Narrativas biográficas escritas por jornalistas brasileiros e publicadas pelas EUB's (1998-2018)	106
Tabela 3 - Narrativas biográficas escritas por jornalistas brasileiros sobre jornalistas ou profissionais da imprensa e publicadas pelas EUB's (1998-2018)	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEU - Associação Brasileira de Editoras Universitárias
ABJL - Associação Brasileira de Jornalismo Literário
ADI - Ação Direta de Inconstitucionalidade
Alcar - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBL - Câmara Brasileira do Livro
Cepal - Companhia de Edição, Impressão e Publicação de Alagoas
Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação
CBF - Confederação Brasileira de Futebol
Edipucrs – Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
EducS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Edufma – Editora da Universidade Federal do Maranhão
Edufpi - Editora da Universidade Federal do Piauí
Edufsc - Editora da Universidade Federal de Santa Catarina
Edunesp – Editora da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
EdUnP - Editora Universidade Potiguar
Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FIB – Festival Internacional de Biografias
FGV – Fundação Getúlio Vargas
Fipe - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
FURG - Universidade Federal do Rio Grande
IFC - Instituto Federal Catarinense
Imesp - Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
INL - Instituto Nacional do Livro
LA - Livros de Atualidade
Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização
MPB – Música Popular Brasileira
Pibic - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PLS – Projeto de Lei do Senado
PUC/RJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
SNEL – Sindicato Nacional dos Editores de Livros
STF – Supremo Tribunal Federal
STN - Sociedade Tipográfica de Neuchâtel
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
Udesc - Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL - Universidade Estadual de Londrina
UEM - Universidade Estadual de Maringá
UENP - Universidade Estadual do Norte do Paraná
UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa
UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz
UFBA - Universidade Federal da Bahia
UFC – Universidade Federal do Ceará
UFCSPA - Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul
UFMA – Universidade Federal do Maranhão
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFPel - Universidade Federal de Pelotas
UFPR - Universidade Federal do Paraná
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
UnB – Universidade de Brasília
Unesp - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Unespar - Universidade Estadual do Paraná
Unicamp – Universidade Estadual de Campinas
Unicentro - Universidade Estadual do Centro-Oeste
UNIFESSPA - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Unila - Universidade Federal da Integração Latino-Americana
Unioeste - Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Unisantos – Universidade Católica de Santos

Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Unisul - Universidade do Sul de Santa Catarina

UnP - Universidade Potiguar

UPF Editora - Editora da Universidade de Passo Fundo

USP – Universidade de São Paulo

UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

UTP - Universidade Tuiuti do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 2. A INDÚSTRIA EDITORIAL NO BRASIL	25
2.1 PANORAMA HISTÓRICO: DE LOBATO À DITADURA MILITAR	27
2.2 AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: DOS LIVROS DIDÁTICOS À ABEU	38
CAPÍTULO 3. BIOGRAFIA: UM GÊNERO DE FORÇAS	47
3.1 MÚLTIPLOS CAMPOS	48
3.2 O CONCEITO DE LIVRO-REPORTAGEM	66
CAPÍTULO 4. O UNIVERSO DAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS	75
4.1 AS HISTÓRIAS DE VIDA E O JORNALISMO	76
4.2 O BIOGRAFISMO BRASILEIRO PELA ÓTICA JORNALÍSTICA	86
CAPÍTULO 5. METODOLOGIA DE PESQUISA	101
CAPÍTULO 6. RESULTADOS DA AMOSTRA BIOGRÁFICA	114
6.1 CARACTERÍSTICAS DOS BIOGRAFADOS	126
6.2 ELEMENTOS QUE COMPÕE A HISTÓRIA DO JORNALISMO BRASILEIRO	133
6.2.1 Ambiente jornalístico.....	133
6.2.2 Espaços de pertencimento	139
6.2.3 Legado do biografado	142
CONCLUSÃO	148
REFERÊNCIAS	153

INTRODUÇÃO

O gênero biográfico se destaca no Brasil pela grande produção e alta vendagem. De cartas e diários aos livros em formato de memória ou perfil, a demanda pelas narrativas biográficas no segmento do mercado livreiro é um fato notório. Pesquisa encomendada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) apontou que os assuntos artes; biografias; matemática, estatística, lógica e ciências naturais foram os únicos três segmentos que apresentaram crescimento na produção de títulos, de 2016 para 2017. No caso das biografias, a variação positiva foi de 11,14%. Segundo Alexandre Maciel (2018, p. 128), a partir de dados do Censo do Livro Digital de 2017, as biografias impactaram “[...] com sua força no mercado, representando um crescimento de 27% em volume e 41% em faturamento no comparativo de 2016 e 2017”. Não à toa, grandes editoras – como o Grupo Companhia das Letras¹, o Grupo Editorial Record², a L&PM Editores³, a Globo Livros⁴ e a Intrínseca⁵ - apostam na oferta da categoria nos catálogos.

Efetivamente, a excessiva publicação de biografias em nossos dias mostra tanto sua resistência ao tempo e aos estereótipos do gênero quanto a busca de novos posicionamentos críticos a respeito de seu inegável trabalho ficcional; mostra também o favor sustentado do público, que busca nelas esse *algo a mais* que ilumine o contexto vital da figura de algum modo conhecida – dificilmente se lê a biografia de um personagem que se desconhece. Não é por acaso, então, que reiteradamente aparece, em declarações, como o gênero preferido nos hábitos de leitura de intelectuais e escritores. (ARFUCH, 2010, p. 139-140).

Em virtude da aceitação mercadológica, cursos de curta e longa duração ofertam aos leitores as noções básicas e até avançadas da produção de livros em formato biográfico. Os encontros, na maioria das vezes, são conduzidos por biógrafos experientes que, num estilo palestra, orientam e recontam os desafios da arte de “sujar os sapatos” (TALESE, 2004). Em

¹ No levantamento realizado para o mestrado no dia 20 de novembro de 2018, o autor constatou que a Editora Schvarcz S/A, razão social do Grupo Companhia das Letras, apresentava 458 obras cadastradas no segmento Biografias, Memórias, Diários.

² No levantamento realizado para o mestrado nos dias 11 e 16 de outubro de 2018, o autor constatou que o Grupo Editorial Record apresentava 422 obras cadastradas no segmento Biografia / Memória.

³ Em pesquisa efetivada para o mestrado nos dias 29 de novembro e 03 de dezembro de 2018, o autor constatou que a Newtec Editores Ltda, razão social da L&PM Editores apresentava 117 obras biográficas catalogadas.

⁴ Ao realizar uma pesquisa pelo acervo digital no dia 17 de novembro de 2018, o autor constatou que a Editora Globo Livros Ltda contabilizava 108 biografias.

⁵ Ao realizar uma pesquisa pelo acervo digital nos dias 17 e 18 de novembro de 2018, o autor constatou que a Editora Intrínseca Ltda disponibilizava 63 títulos biográficos.

2005, o professor Edvaldo Pereira Lima fundou a Associação Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) onde ofertou a Pós-Graduação em Jornalismo Literário nas cidades de São Paulo (SP) e Curitiba (PR). Fernando Moraes aproveitou a chance para se aproximar ainda mais dos leitores e no ano de 2013, o biógrafo de Olga Benário, Assis Chateaubriand, Casimiro Montenegro Filho e Paulo Coelho foi a Recife (PE) comandar o curso *Como escrever uma biografia*⁶. Ruy Castro, que biografou Nelson Rodrigues, Garrincha, Carmen Miranda, além de ter traçado um histórico sobre a bossa nova e o samba-canção, oferece cursos na Estação das Letras⁷, no Rio de Janeiro (RJ). A mesma instituição foi palco, em 2015, da oficina *Biografias, escrevendo histórias reais*⁸, ministrado por Denílson Monteiro, autor de *Dez, nota dez! Eu sou Carlos Imperial* (2008), *A bossa do lobo: Ronaldo Bôscoli* (2011), *Chacrinha: A biografia* (2014).

Já em São Paulo, a Universidade do Livro – pertencente a Fundação Editora da Unesp -, realiza oficinas, palestras, workshops a respeito do mercado editorial. Na onda biográfica, já ofereceu os cursos *Imersão em ghostwriting: teoria e prática* em agosto de 2019, *O trabalho do ghost-writer*, em julho de 2019 e *Obras em domínio público; as biografias; utilização de conteúdos digitais* em agosto de 2015. Ainda em São Paulo, o Instituto Vera Cruz⁹ oferece uma pós-graduação em Formação de Escritores onde uma das linhas de pesquisa é a não-ficção. Entre os professores que já atuaram no corpo docente, jornalistas biógrafos como Josélia Aguiar¹⁰, autora de *Jorge Amado: Uma biografia* (2018), e Jotabê Medeiros, que lançou *Belchior: Apenas um rapaz latino-americano* (2017) e *Raul Seixas: Não diga que a canção está perdida* (2019). Detalhe: ambos pertencem ao grupo de autores da Todavia, editora que ao final de outubro de 2019 lançou o prêmio Todavia de Não-ficção – “Histórias reais para tempos irreais”. Segundo o regulamento, o prêmio contemplaria projetos de biografias e reportagens sobre temas e trajetórias relevantes aos leitores brasileiros.

Para além dos aspectos econômicos e de identificação de mercado, existe também um interesse autoral que motiva a tentar compreender o cenário do biografismo no Brasil. Embora no mercado essa categoria apareça com destaque, o mesmo não se pode dizer na universidade. Áreas como História e Ciências Sociais, por exemplo, possuem experiência em pesquisas com biografias; porém, o jornalismo ainda caminha devagar nesse gênero. Por isso, considera-se

⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/04/escritor-fernando-morais-ministra-oficina-de-escrita-criativa-no-recife.html>. Acesso em 03 fev. 2020.

⁷ Disponível em: <http://estacaodasletras.com.br/5-x-ruy-castro-jornalismo-2/>. Acesso em 03 fev. 2020.

⁸ Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2015/08/12/curso-enfoca-as-biografias>. Acesso em 03 fev. 2020.

⁹ Disponível em: <https://site.veracruz.edu.br/instituto/formacao-de-escritores/>. Acesso em 03 fev. 2020.

¹⁰ Segundo postagem publicada no perfil da autora no Instagram (@_joseliaaguiar), a autora ministrou o curso *Biografias: Da pesquisa à escrita* nos dias 13, 20 e 27 de janeiro e projetava a segunda edição nos dias 1º, 8 e 15 de fevereiro na livraria, biblioteca e espaço cultural Taperá Taperá, em São Paulo (SP).

necessário identificar e conceituar a pouca evidência do estudo biográfico na área jornalística acadêmica. Vilas Boas (2002, p. 12) já havia advertido que “[...] infelizmente, estudos sobre biografias são ocasionais nas universidades brasileiras. [...] Tampouco se encontra à disposição uma teoria biográfica geral ou uma história da biografia no Brasil”. Nas observações preliminares realizadas, percebe-se que na academia - nos eixos relacionados à Comunicação - , o assunto não chama atenção. Ademais, em eventos relacionados à associações da área, como a Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar), Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), por exemplo, a temática é pouco estudada.

O site da Alcar¹¹ divulga os anais dos encontros nacionais – realizados desde 2003; porém, a partir de 2009, passou a ser organizado a cada dois anos – e dos encontros regionais¹². Porém, o portal não fornece um espaço para pesquisa dos termos-chave. Assim, em uma rápida análise dos títulos de trabalhos apresentados nos GT’s de História da Mídia Impressa, apenas dois artigos foram encontrados: *Desafios para a construção da biografia do pioneiro gaúcho*, de Hamilton Almeida, apresentado em 2005 no encontro da Alcar nacional realizado em Novo Hamburgo (RS) e *Biografismo e os elementos jornalísticos na produção da narrativa biográfica*, de Felipe Adam, apresentado na Alcar regional de Santa Maria (RS), em 2018.

Já o site da Compós¹³ fornece os anais dos eventos de 2000 a 2018. As pesquisas as expressões *biografia*, *biógrafo*, *biografado*, *biografia jornalística*, *biografismo*, *narrativas biográficas* no portal da associação, foram encontrados somente quatro trabalhos dentro os 20 grupos de pesquisa: *Televisão, memória e narrativas biográficas de celebridades*, escrito por Ana Paula Goulart Ribeiro e Igor Sacramento, apresentado em 2015 na capital Brasília (DF); já em 2011, *Imagem e palavra: Retrato e biografia na constituição do sujeito*, assinado por Gabriela Frota Reinaldo na cidade Porto Alegre (RS); em 2003, *Biografias em fractais: Múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis*, artigo de Felipe Pena exposto no evento de Recife (PE). No ano de 2001, *Idolatria e malandragem: A cultura brasileira na biografia de Romário*, texto assinado por Ronaldo Helal e apresentado no Rio de Janeiro (RJ).

Embora os encontros da SBPJor¹⁴ aconteçam desde 2003, o site da entidade fornece apenas os anais dos eventos realizados de 2012 a 2018. Pesquisou-se as palavras-chave *biografia*, *biógrafo*, *biografado*, *biografia jornalística*, *biografismo*, *narrativas biográficas* e

¹¹ Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1>. Acesso em 15 nov. 2019.

¹² Na região Sul, o evento acontece desde 2007. A partir de 2008, o encontro também irá ocorrer a cada dois anos.

¹³ Disponível em: https://www.compos.org.br/anais_encontros.php. Acesso em 15 nov. 2019.

¹⁴ Disponível em: <http://sbpjour.org.br/sbpjour/anais-sbpjour/>. Acesso em 15 nov. 2019.

ao total, o resultado encontrado foram somente oito trabalhos restritos a três autores. Destaque para Karine Moura Vieira, com quatro artigos: *Sujeitos do biográfico: Jornalistas e a construção do status de autoria na produção da biografia como reportagem*, em 2016, na cidade de Palhoça (SC); *Biografismo: Um fenômeno do jornalismo brasileiro*, em Campo Grande (MS), no ano de 2015; *Teoria da prática: O discurso de si e a construção de uma noção de autor na produção de biografias por jornalistas brasileiros*, em 2013, na capital Brasília (DF) e *Da transversalidade à circulação: A função-autor do jornalista na rearticulação do biográfico na contemporaneidade*, em 2012, na cidade de Curitiba (PR). Os demais artigos são de Rodrigo Bartz com *Biografia Jornalística: Convergências possíveis*, apresentado em 2018 na cidade de São Paulo (SP) e *Biografia jornalística: Algumas possibilidades*, em Santa Cruz do Sul (RS) no ano de 2014. Michele da Silva Tavares emplacou dois trabalhos: *Jornalismo e Biografismo: Reflexões, diálogos e aproximações entre os fazeres*, além de *Lula e Obama em fragmentos biográficos temporalizados: A vitória presidencial sob o olhar de Veja e The Economist*, respectivamente debatidos nos eventos realizados em 2014 e 2012.

Martinez e Albuquerque (2017), por sua vez, realizaram um retrato das narrativas biográficas ou biografias disponíveis no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), diretamente inseridas como um dos objetos de estudo do jornalismo literário. Na varredura, encontraram 13 resultados; porém, o filtro foi mais específico, especialmente àquelas que tratam de biografias no jornalismo. Assim, a pesquisa resultou em somente cinco artigos. Como considerações finais, as autoras apontam que, mesmo tendo sucesso nas livrarias, “[...] os estudos científicos deste tipo de produção ainda são poucos [...] o que evidencia a necessidade da discussão do tema no meio acadêmico” (MARTINEZ; ALBUQUERQUE, 2017, p. 58).

Mesma sintonia é observada no levantamento realizado a partir das editoras universitárias. Das 123 editoras vinculadas à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) no ano de 2018, apenas 7,3% - ou seja, nove - possuem uma categoria específica às narrativas biográficas, grupo este que envolve as autobiografias, cartas, diários, ensaios, memórias, perfis e a própria biografia. Na coleta realizada nos dias 30 de setembro, 1º e 02 de outubro de 2018, notou-se ainda que 29% das editoras estão localizadas na região Sul e que tanto a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (Imesp) quanto a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) são as instituições que mais possuem obras biográficas no catálogo: ambas com 19. Para fins de caráter histórico, o livro *Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios*, escrito por Valdemar de Souza Lima e publicado pela Imprensa Oficial Graciliano Ramos, vinculada à Companhia de Edição, Impressão e Publicação de Alagoas

(Cepal) em 1971, foi a primeira obra de caráter biográfico publicada por uma entidade associada à ABEU¹⁵.

Contudo, se os estudos biográficos na academia não apresentem tanta intensidade no campo jornalístico quanto em outras áreas, o cenário de publicações biográficas assinadas por jornalistas tem apresentado mudanças. É válido reconhecer que, diante do levantamento realizado junto às editoras universitárias e do resultado encontrado, constata-se que das 29 obras de caráter biográfico escritas por jornalistas, há uma proximidade autoral entre os sexos masculino e feminino – dos 31 autores, 16 homens e 15 mulheres. Já no quesito biografados, a discrepância é grande – do total de 30, 26 são homens contra quatro mulheres. Outro fator de destaque no resultado são os protagonistas os quais os autores se interessam. Quase metade deles - 46,66%, ou exatamente 14 – são jornalistas ou profissionais envolvidos com a área. Figuras conhecidas do meio como Assis Chateaubriand, Clarice Lispector e Machado de Assis até anônimos, como Esmeraldo Tarquínio, advogado, político e jornalista paulista da Baixada Santista e José Mendonça - jornalista e professor que esteve à frente da criação do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ou seja, nas editoras universitárias, jornalistas gostam de escrever sobre si mesmos.

O problema que irá nortear a discussão desta dissertação é como os livros biográficos sobre jornalistas publicados em editoras universitárias ajudam a contar a história do jornalismo brasileiro. Assim, o objetivo geral desta pesquisa de mestrado é caracterizar a história do jornalismo brasileiro através das biografias de jornalistas publicadas no período de 1998 a 2018 nas editoras universitárias. Como intenções mais específicas, a dissertação pretende identificar a presença de jornalistas brasileiros na produção de biografias publicadas nas editoras universitárias; observar a relação das histórias de vida com o jornalismo e deste, com o segmento biográfico, além de apresentar a evolução da indústria editorial no Brasil, a partir dos anos 1920, quando Monteiro Lobato transforma o objeto livro em mercadoria.

Parte-se do pressuposto de que o gênero biografia, representada pelo suporte livro-reportagem, é o local ideal para o jornalista que queira se dedicar com mais profundidade nas reportagens. Em virtude da falta de espaço e tempo encontrado no jornalismo impresso, muitos profissionais abraçam o meio literário para poder se satisfazer. Assim foi com célebres jornalistas biógrafos, como Alberto Dines, Fernando Moraes, Regina Echeverría, Ruy Castro, e mais recentemente, Ernesto Rodrigues, Lira Neto e Mário Magalhães. Porém, a participação feminina na autoria dessas obras é muito pequena. Em 2018, por exemplo, o mercado comercial

¹⁵ A associação foi oficialmente criada apenas em 1987.

de livros no segmento biográfico recebeu duas obras assinadas por mulheres jornalistas estreantes no gênero: em agosto, *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço*, da paulista Adriana Negreiros e em novembro, *Jorge Amado: Uma biografia*, da baiana Josélia Aguiar. Em ambos os livros, a trajetória é contada levando em conta o local de fala: no primeiro caso, em especial, a história do cangaço é contada por uma mulher a partir da protagonista Maria Bonita - ao invés da figura de Virgulino Ferreira da Silva, o famoso Lampião.

Para ilustrar a representatividade dos jornalistas biógrafos em premiações de destaque no país, a dissertação recorre, neste parágrafo, ao reconhecimento máximo do mercado editorial brasileiro. Tyciane Vaz (2014, p. 23) adverte que o Prêmio Jabuti de Literatura proporciona, como principal legado, “[...] a diversidade cultural em um país cada vez mais dominado pelas novas tecnologias, mas que ainda cultiva algumas ações como essa de valorização do papel do livro na sociedade”. Contudo, embora o prêmio tenha sido criado em 1959¹⁶, apenas em 1997 o gênero Biografia apareceu como uma das categorias, ao lado de Ensaio. A partir de 2002, o segmento seria alterado para Reportagem e Biografia. Somente em 2006 a categoria Biografia recebeu destaque isolado na premiação. Em 14 anos do segmento, apenas sete¹⁷ jornalistas conquistaram o troféu de ouro, a começar pelo mineiro Ruy Castro com o título *Carmen: Uma biografia*.

A última jornalista a vencer foi Josélia Aguiar, em 2019, com *Jorge Amado: Uma biografia*. Aliás, a escritora baiana foi a primeira jornalista a receber o Jabuti de ouro na categoria. Antes, a única mulher premiada tinha sido a historiadora paulista Lilian Moritz Schwarcz, em 2009, com o livro *O sol do Brasil*, que conta a trajetória do pintor Nicolas-Antoine Taunay. Curioso mencionar ainda que nesse período, somente uma biografia discorria a respeito de uma mulher – Carmen Miranda – o que faz refletir sobre o imaginário feminino na sociedade e ainda a preservação da memória coletiva.

A fim de facilitar a leitura deste trabalho, propõe-se uma sequência da disposição dos capítulos. Com o intuito de apresentar um resgate histórico da indústria editorial no Brasil, tanto das editoras comerciais quanto acadêmicas, um paralelo é traçado entre ambas no primeiro capítulo, denominado *A indústria editorial no Brasil*. Para isso, Laurence Hallewell (2017),

¹⁶ Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/>. Acesso em 15 nov. 2019.

¹⁷ Em 2006, Ruy Castro com *Carmen: Uma biografia*; no ano seguinte, Lira Neto e *O Inimigo do Rei: Uma biografia de José de Alencar ou a Mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil*; em 2010, Ricardo Alexandre e a obra *Nem Vem Que Não Tem: A vida e o veneno de Wilson Simonal*. Três anos depois, o contemplado foi Mário Magalhães com a biografia *Marighella: O guerrilheiro que incendiou o mundo*. No ano de 2014, Lira Neto receberia o troféu pela segunda vez pelo primeiro volume de *Getúlio*. Em 2018, Claudio Bojunga foi premiado por *Roquette-Pinto: O corpo a corpo com o Brasil* e em 2019, Josélia Aguiar venceu o Jabuti pela obra *Jorge Amado: Uma biografia*.

Luiz Beltrão (2016), Flamarion Maués (2013), Sandra Reimão (1996) e Leilah Santiago Bufrem (2001) contribuem com apontamentos sobre o histórico do livro no Brasil.

Durante esta pesquisa preliminar, observou-se pelos autores utilizados que o gênero biográfico vive no limiar das fronteiras da História, Ciências Sociais e Jornalismo. Por isso, os pontos de vista diversos são especificados no terceiro capítulo, intitulado *Biografia: Um gênero de forças*, quando as abordagens de François Dosse (2015), Howard Becker (1997) e Peter Burke (1992) se fazem presentes. Para demarcar a biografia como um segmento promissor de estudos, demonstra-se um levantamento atualizado das pesquisas a respeito de biografias na área do Jornalismo. No subtópico seguinte, propõe-se uma reflexão a respeito das ideias de Leonor Arfuch (2010) e um ponderamento sobre as definições de livro-reportagem a partir de Edvaldo Pereira Lima (2009), bem como pela ótica de Antonio Heriberto Catalão Jr (2010) e Alexandre Maciel (2018).

No capítulo quatro – *O universo das narrativas biográficas* –, a pesquisa de Cristiane Costa (2005) é utilizada em paralelos com a tese de Karine Moura Vieira (2015) para contextualizar a aproximação das histórias de vida com o jornalismo e este, com a literatura. Na segunda parte, a história da presença jornalística no biografismo brasileiro é abordada por Mariza Andrade (2013), bem como Sergio Vilas Boas (2002; 2008) que auxilia na aproximação da biografia com a realidade jornalística, além de contribuições pontuais de Felipe Pena (2004) e Monica Martinez (2008) acerca das narrativas biográficas.

Em *Metodologia de pesquisa*, com o intuito de contemplar as respostas para o problema proposto, são apresentados os procedimentos operacionais metodológicos, em especial quanto à revisão bibliográfica e as abordagens quantitativas, a partir das leituras de Antonio Gil (2016), Eva Lakatos e Marina Marconi (2011). No capítulo seis, *Resultados da amostra biográfica*, a pesquisa apresenta o percurso de pesquisa para se chegar aos 14 livros biográficos assinados por jornalistas – cujos protagonistas também são profissionais de imprensa – e publicados nas 123 editoras universitárias vinculadas à ABEU no período de 1998 a 2018. Ainda são apresentados os critérios para a escolha dos oito livros integrantes desta amostra: 1) *Com Clarice* (2013), de Affonso Romano de Sant’Anna e Marina Colasanti pela Edunesp; 2) *José Mendonça: A vida revelada* (2009), escrito por Flávio Friche, Manoel Marcos Guimarães e Maria Auxiliadora de Faria pela Editora da UFMG; 3) *Juca Kfoury: O militante da notícia* (2006), assinado por Carlos Alencar e publicado pela Imesp; 4) *Machado de Assis: Um gênio brasileiro* (2005), documentado por Daniel Piza também na Imesp. Os demais são 5) *Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley* (2012), escrito por Isabel Cristine Machado de Carvalho e editado pela EdUnp; 6) *Tarquínio: Começar de novo* (2012), assinado por Rafael

Motta e publicado pela Leopoldianum; além de 7) *Tarso de Castro: Editor de “O Pasquim”* (2001), de Sônia Bertol pela UPF Editora e 8) *Tinhorão: O legendário* (2010), pesquisado por Elisabeth Lorenzotti e publicado na Imesp.

Em seguida, a dissertação discute os oito biografados a partir das características refletidas na metodologia do Jornalismo Biográfico (VILAS BOAS, 2008): Descendência, Fatalismo, Extraordinariedade, Verdade, Transparência e Tempo. Por fim, com o intuito de caracterizar a história do jornalismo através das biografias de jornalistas publicadas no período de 1998 a 2018 nas editoras universitárias, discutem-se os resultados obtidos por meio de três atributos visualizados na leitura das oito obras. Essas propriedades funcionaram como categorias (BAUER, 2000), assim denominadas: “ambiente jornalístico”, “espaços de pertencimento” e “legado do biografado”. Dessa forma, a pesquisa pretende lançar um novo olhar ao segmento biográfico, como fonte de pesquisa, resgate da memória profissional e instrumento para a construção da história do jornalismo no Brasil.

CAPÍTULO 2. A INDÚSTRIA EDITORIAL NO BRASIL

“Publicar é tornar público, é fazer passar do oficioso para o oficial. A publicação é a ruptura de uma censura”.
(CHARTIER, 2009, p. 244).

Nas pesquisas sobre a história cultural (BURKE, 2008), a história da leitura (DARNTON, 1990; CHARTIER, 2009) e, inclusive, aos desafios da indústria editorial (THOMPSON, 2013), constata-se que o mercado cultural dos livros passou por mudanças pelo mundo. São fases que esclarecem como o objeto livro passou de algo reservado à força dominante, muitas vezes limitado a ambientes secretos, para um produto de consumo doméstico e mais recente, mais publicizado.

A partir da perspectiva da história cultural, Peter Burke (2008, p. 55) demonstra que a transformação dos livros no Ocidente passou por três aspectos especiais: “[...] da leitura em voz alta para a leitura silenciosa; da leitura em público para a leitura privada; e da leitura lenta ou intensiva para a leitura rápida ou ‘extensiva’, a chamada ‘revolução da leitura’ do século XVIII”. O historiador inglês ainda prossegue e afirma que o século XIX foi o divisor de águas na leitura. Na Alemanha, por exemplo, mudanças domésticas se tornaram mais evidentes – como ajustes na iluminação, planejamento das mobílias e até a própria organização do dia – a fim de facilitar o conforto do leitor em casa (BURKE, 2008).

Robert Darnton (1990), por sua vez, no estudo sobre o circuito do livro no século XVIII, reconta a saga do personagem Jean-François Favarger, funcionário da Sociedade Tipográfica de Neuchâtel (STN), em conseguir visitar os comerciantes interessados na compra da obra *Encyclopédie*, uma espécie de dicionário científico francês escrito por Jean D’Alambert e Denis Diderot. A viagem era cansativa, feita a cavalo; contudo, Favarger saiu dessa aventura mais atento quanto aos desafios: soube evitar o inspetor de livros, enviar caixotes de obras proibidas e pode decifrar o perfil dos livreiros em cada cidade francesa. “O livreiro podia ser considerado o intermediário mais importante de todo o sistema, pois operava na área crucial em que a oferta se cruzava com a demanda” (DARNTON, 1990, p. 84). Nessa mesma toada, Chartier (2009) estuda a relação entre autor e leitor a partir da extensão dos parágrafos, o emprego de fontes diferenciadas, inclusive o tamanho das letras – em maiúsculas e minúsculas – denotam uma simbologia.

E, para avançar um pouquinho nessa reflexão, gostaria de lembrar a oposição medieval que me parece muito pertinente entre *auctor* e *lector*. O *auctor* é

aquele que produz ele próprio e cuja produção é autorizada pela *auctoritas*, a de *actor*, o filho de suas obras, célebre por suas obras. O *lector* é alguém muito diferenciado, é alguém cuja produção consiste em falar das obras dos outros. Esta divisão, que corresponde àquela de escritor e crítico, é fundamental na divisão do trabalho intelectual. (CHARTIER, 2009, p. 232).

De acordo com Horellou-Lafarge e Segré (2010), o livro - enquanto objeto cultural – continua sendo algo reservado àqueles que já desfrutam do acesso à cultura. Fato comprovado através da relação da quantidade de livros em casa ser diretamente proporcional à hierarquia social. Crianças que acompanham os pais na leitura ou possuem uma biblioteca na residência são mais suscetíveis a se tornarem assíduos leitores. Em pesquisa de Horellou-Lafarge e Segré (2010), os leitores de baixa renda se sentem envergonhados em não pertencer a essa cultura elitizada, já que os gostos populares são considerados mais impróprios, se comparados a uma dita cultura legítima ou mais sofisticada como os clássicos da literatura nacional. Contudo, “Ler é ler livros. Subentende-se que o livro é o símbolo da leitura e o meio valorizado, legítimo, de acesso à cultura, ao saber, aos conhecimentos, oferecendo assim às categorias sociais modestas a perspectiva de uma ascensão social a qual aspiram” (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 96).

Diante dos desafios impostos pela concentração das grandes companhias literárias, a revolução digital que renovou o hábito de leitura e o marketing incontrolável em cima das obras categorizadas como *best-sellers*, a indústria editorial precisou se atentar caso ainda quisesse manter um certo poder (THOMPSON, 2013). A convulsão tecnológica, que ataca o agora, mas tem poder de largo alcance, também chegou na indústria livreira - no Brasil, o mercado de livros enfrenta uma recessão com fechamento de livrarias e demissões em massa. “O campo do poder continua, mas o jogo está mudando. [...] Estamos vivendo uma espécie de revolução, e uma das poucas coisas que podemos ter como certeza sobre uma revolução é que, quando estamos no meio dela, não temos a menor ideia de onde e quando ela irá terminar” (THOMPSON, 2013, p. 441).

Como o intuito desta pesquisa não é apontar tendências ou encontrar soluções para o universo livreiro – e sim, caracterizar a história do jornalismo brasileiro através das biografias de jornalistas publicadas no período de 1998 a 2018 nas editoras universitárias -, será necessário debater sobre esse nicho de editoras. Neste capítulo, iremos pautar a discussão do panorama histórico da indústria editorial no Brasil, especialmente a partir da renovação editorial empregada por Monteiro Lobato até o surgimento das editoras de oposição (MAUÉS, 2013) no período do regime militar bem como o conceito de Livros de Atualidade (BELTRÃO, 2016) e,

em seguida, a abordagem a gênese das editoras universitárias, as características e, ainda, a amostra dos livros e suas respectivas editoras.

2.1 PANORAMA HISTÓRICO: DE LOBATO À DITADURA MILITAR

Na reconstituição histórica a respeito do surgimento e desenvolvimento do livro enquanto produto no Brasil, destacam-se várias figuras. Todavia, é necessário registrar que parte do que a indústria editorial brasileira vivencia nos dias de hoje se deve ao paulista José Bento Monteiro Lobato¹⁸. Formado em Direito e filho de cafeicultores da região do Vale do Paraíba, Lobato irá renovar a atividade editorial, primeiramente, a partir da mudança de estilo e, como reflexo, o perfil e a quantidade de novos leitores (HALLEWELL, 2017).

Nas horas vagas como fazendeiro, Monteiro Lobato aproveitava para elaborar contos sobre a rotina dos vizinhos caipiras. Em 1914, escreve para o jornal *O Estado de S. Paulo* com o intuito de descrever a técnica dos roceiros em queimar a terra para iniciar um novo cultivo, ao qual chamou de “velha praga”. Neste texto, “[...] descrevera os casebres dos caboclos a brotar da noite para o dia no meio da floresta como os cogumelos que nascem sobre a madeira podre – o urupê – e isso lhe forneceu o título para um artigo em que retornou o ataque ao Jeca Tatu e seu modo de vida indolente e antissocial” (HALLEWELL, 2017, p. 351). Dali para a publicação de *Urupês* em 1918 foi apenas questão de tempo. Como primeiro livro, a estreia foi um sucesso, muito derivada da velha e boa tática do boca a boca. Entretanto, a boa vendagem coincidiu “[...] à natureza revolucionária, oportuna e persuasiva do livro” (HALLEWELL, 2017, p. 353) em revelar os problemas enfrentados pelo homem do campo.

A publicação de Lobato daria resultados diretos também ao público. O autor inovou também em manter um vocabulário simples, natural, ao estilo de outro contemporâneo, João do Rio, e sem os preciosismos que permeavam boa partes das obras lidas no período dos anos 1910 e 1920. “O estilo determina, porém, o público leitor. A maneira estudada, erudita, de seus companheiros dirigia-se ao leitor das classes altas [...]. O povo de condições mais modestas, repellido por tal aridez, recebeu bem a agradável leveza estilística do novo autor” (HALLEWELL, 2017, p. 355). O lançamento de *Urupês* levou Monteiro Lobato a enxergar como o mercado editorial era mal administrado naquele jovem Brasil republicano. O problema

¹⁸ Por muitos anos, a biografia tida como mais completa do autor era do escritor Edgard Cavalheiro, intitulada *Monteiro Lobato: Vida e obra*, publicada em dois volumes no ano de 1955. Para fins turísticos e também de pesquisa, a cidade de Taubaté (SP) mantém o Museu Histórico, Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato, localizado na Avenida Monteiro Lobato, s/n, bairro Chácara do Visconde. Disponível em: <http://www.conhecendomuseus.com.br/temporada-4/museu-monteiro-lobato/>. Acesso em 21 jan. 2020.

era a escassa rede de pontos de venda espalhados pelo país, já que naquele momento, o país tinha pouco mais de 30 livrarias e ainda, concentradas nos mesmos lugares (HALLEWELL, 2017). A solução encontrada foi se utilizar da rede de contatos da *Revista do Brasil* - periódico que tinha entre seus autores, pessoas do calibre de Rui Barbosa, Olavo Bilac e com grande atuação na vida intelectual brasileira - e ampliar a oferta de distribuição dos livros (COSTA, 2005).

Num cenário onde personagens como Machado de Assis, José de Alencar e Eça de Queiroz eram cultuados em território nacional – e também fora do Brasil –, sobrava pouco espaço para autores locais terem a oportunidade de expor os trabalhos. Segundo Lobato, “Nada de velharias, medalhões, nada de acadêmicos com farda de general de opereta do tempo de Luís XIV, armado daquela espadinha de corta-papel. Gente nova, de paletó seco, humilde nas suas pretensões, mas gente nova” (HALLEWELL, 2017, p. 359). Dessa época, Lobato oferece oportunidades a novos autores, como Oswald de Andrade e Lima Barreto.

Os ditos letrados procuravam nos jornais o que os livros não forneciam: notoriedade e um pouco de dinheiro (SODRÉ, 1999). Nos anos 1920, São Paulo começa a respirar novos ares. Não era só o crescimento fabril que estava em franca expansão, mas também a indústria editorial. A ameaça paulista de quebra da hegemonia cultural incomodava a então capital da República. O passo foi dado com a Semana da Arte Moderna, em 1922¹⁹. “O que havia de novo era o elemento nacionalista, o reconhecimento da realidade brasileira e a preocupação com essa realidade; e, nisso, a inspiração exemplar e não reconhecida pelos modernistas foi, com toda certeza, o *Urupês*, de Monteiro Lobato” (HALLEWELL, 2017, p. 361), obra esta que expunha um regionalismo crítico.

Comparado a escritores infantis do século XIX como o dinamarquês Hans Christian Andersen – autor de *A pequena sereia* (1837) e *O patinho feio* (1843) –; ao britânico Lewis Carroll - que escreveu *Alice no país das maravilhas* (1865) – e ao italiano Carlo Collodi, com *As aventuras de Pinóquio* (1883) - Lobato foi o primeiro no Brasil a pensar em literatura para as crianças²⁰, em 1920, com a publicação de *A menina do narizinho arrebitado*. “Seu êxito

¹⁹ Entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, o Teatro Municipal de São Paulo, na capital paulistana, sediou a Semana de Arte Moderna, que tinha como objetivo, divulgar as novas tendências artísticas europeias, fato que acabou não sendo bem aceito pela elite da cidade. *Sugestão: 1922: A semana que não terminou*, de Marcos Augusto Gonçalves. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13143>. Acesso em 18 jan. 2020.

²⁰ No Brasil, o Dia Nacional do Livro Infantil é comemorado no dia 18 de abril, alusivo à data de nascimento do escritor Monteiro Lobato. Já o Dia Nacional do Livro é lembrado em 29 de outubro, quando se faz referência à fundação da Biblioteca Nacional.

decorreu, acima de tudo, da recusa a proteger ou condescender: tratava seus leitores, como fazia com seus próprios filhos, como seres humanos racionais”. (HALLEWELL, 2017, p. 376).

Porém, engana-se quem ache que a aventura de Lobato se restrinja aos personagens Jeca Tatu ou ao mundo fantasioso de Narizinho, Pedrinho e da boneca Emília no Sítio do Pica-Pau Amarelo. O escritor se destacou na revolução editorial enquanto homem de negócios à frente da Monteiro Lobato & Cia (futura Companhia Editora Nacional). “Pode-se dizer que Monteiro Lobato foi o primeiro escritor a conceber a literatura como mercadoria” (COSTA, 2005, p. 75). Uma das prioridades foi pensar o livro enquanto produto de consumo para a massa e a atração começava pela capa com desenhos e cores (HALLEWELL, 2017). Ademais, citam-se as melhoras na aparência interna com diagramações renovadas e fontes chamativas, as quais melhoravam a qualidade da impressão, além dos anúncios pagos em jornais.

Durante a Era Vargas, entre 1930 e 1945, Lobato fez críticas ao governo ditatorial e, por isso, sofreu represálias. Enquadrado na Lei de Segurança Nacional e condenado a seis meses de prisão, o escritor “[...] transformou-se em porta voz dos presos políticos e comuns, exigindo a revisão de processos e libertação dos que já tinham cumprido sua pena, pedindo emprego para ex-presidiários e denunciando a tortura no Estado Novo²¹” (COSTA, 2005, p. 80). Após libertado, continuou combativo e da mesma maneira, censurado, como ocorreu com uma tentativa de adaptação da história de *Peter Pan*, peça originalmente escrita pelo britânico James Matthew Barrie. Cansado e desanimado com os rumos totalitários que o Brasil tomava, Lobato se mudou para Argentina e no fim da vida, morou no prédio da editora Brasiliense, onde veio a falecer em 1948, aos 66 anos.

No fim da década de 1920, poucas atividades recebiam destaque fora do eixo Rio - São Paulo. Isto é, já que essa era a região onde se concentrava a capital federal e o movimento intelectual brasileiro, o que despontava como novidade sofria logo uma resistência. Por esse período, uma nova editora surge no país e logo ao Sul do Brasil. Fundada em 1883 na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, a Livraria Globo era uma pequena papelaria com características de oficinas gráficas (HALLEWELL, 2017). Um dos assíduos frequentadores era o futuro presidente Getúlio Vargas, que à época, sugeriu a criação de um periódico, a *Revista da Globo*. Após a Revolução de 1930²², o estado foi projetado

²¹ Período que compreende os anos de 1937 a 1945. Sugestão: O segundo volume da biografia de Vargas, intitulada *Do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)*, e de autoria do jornalista Lira Neto, proporciona informações sobre a política getulista à frente do comando da nação. Disponível: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13459>. Acesso em 02 fev. 2020.

²² Revolução de 30 é o nome que se dá ao movimento de oposição encabeçada pela chapa da Aliança Liberal, liderado pelo gaúcho Getúlio Vargas, diante da vitória de Júlio Prestes nas eleições de 1930. Sugestão: O primeiro tomo da trilogia a respeito do ex-presidente - a biografia *Getúlio (1822-1930): Dos anos de formação à conquista*

nacionalmente. “A década de 1930 deu início a um período favorável à indústria editorial do Brasil. A depressão tornou proibitivo o livro importado e as editoras partiram para as traduções” (COSTA, 2005, p. 84). Segundo Hallewell (2017, p. 449), o intuito da Globo não era focar estritamente na ficção. “Na realidade, depois da Segunda Guerra Mundial, a Globo tornou-se mais conhecida por seus livros técnicos [...] e por suas obras de referência, particularmente a linha de dicionários”, até pela frequente relação com os trabalhos de tradução. É necessário entender que durante os anos 1920, a então capital federal não havia presenciado nenhuma mudança digna de destaque no comércio livreiro. Será com a tomada do poder por Getúlio Vargas que a evolução editorial começará a ter mais força.

Politicamente, representou o fim da República Velha, a fachada erguida para ocultar a oligarquia dos fazendeiros por trás da aparência de uma democracia liberal moderna. Economicamente, proclamou o fim da escravidão do país à agricultura dominada pela exportação, que sustentara aquela república. Socialmente, viu a elite francófila do café, que controlava a velha ordem, ser obrigada a ceder espaço a uma classe média em ascensão. Intelectualmente, significou o fim da antiga e tradicional adoração da Europa e do consequente desprezo por tudo quanto fosse brasileiro. (HALLEWELL, 2017, p. 463).

Após mudanças na direção da editora, o cargo de secretário da revista também foi renovado: Erico Lopes Veríssimo²³, que havia batido na porta da livraria para ser escritor, mas começou os primeiros trabalhos na capital como jornalista (COSTA, 2005). Na verdade, quando pequeno, o gaúcho de Cruz Alta²⁴ já escrevia para um modesto periódico chamado *A caricatura*, o qual ele mesmo editava a partir de observações cotidianas de uma criança (HOHLFELDT; STRELOW, 2009). Quando secretário da Globo, Veríssimo irá aproveitar do espaço para enveredar pelos textos literários “[...] ora antecipando suas próprias obras, ora refletindo teoricamente a seu respeito, como é o caso de artigos como ‘Notas a lápis’, em que aborda a criação de uma literatura dirigida às crianças; discute a condição do escritor brasileiro frente ao seu confrade internacional” (HOHLFELDT; STRELOW, 2009, p. 6). Quando retorna à cidade-natal, o escritor-jornalista se casa em 1931 com a namorada Mafalda e, mesmo de longe,

do poder, assinado pelo jornalista Lira Neto, oferece um panorama detalhado dos bastidores desse período. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12979>. Acesso em 18 jan. 2020.

²³ Sugestão: A obra *Solo de clarineta*, autobiografia do autor publicada em 1973. Veríssimo faleceria no ano de 1975, aos 69 anos.

²⁴ Na cidade de Cruz Alta (RS) também há um casa tombada em preservar a vida e obra do escritor. Trata-se do Museu Erico Veríssimo, localizado na Rua General Osório, 380, bairro Malheiros. Disponível em: <http://www.conhecendomuseus.com.br/temporada-4/museu-erico-verissimo-2/>. Acesso em 21 jan. 2020.

colabora com os cadernos de cultura da capital, tais como o *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* (HOHLFELDT; STRELOW, 2009).

Hallewell (2017) esclarece que Veríssimo, aos poucos, se tornou um dos principais tradutores da Editora Globo – primeiramente na década de 1940, quando viajou com planos de estudar nos Estados Unidos - e assim, foi o responsável em renovar a qualidade literária do catálogo, com autores como os britânicos Agatha Christie, James Joyce e Virginia Woolf, além do norte-americano William Faulkner. Ao mesmo tempo, não largava a experiência como jornalista: atuava ainda na Rádio Farroupilha, onde comandava, duas vezes por semana, o programa infantil “Amigo Velho” e, mais tarde, o “Clube dos 3 porquinhos” (HOHLFELDT; STRELOW, 2009). Enquanto isso, na editora Globo, Veríssimo teria logo a oportunidade de emplacar os próprios trabalhos.

A estreia de *Fantoches* (1932) e *Clarissa* (1933) não animou o gaúcho de Cruz Alta. O êxito comercial viria com *Caminhos cruzados* (1935) – mesmo ano da eleição de Veríssimo como primeiro presidente da Associação Riograndense de Imprensa (ARI) -; porém, sem muito reconhecimento. A fama chegaria três depois, com a obra *Olhai os lírios do campo*, tendo a apoteose do sucesso consagrada pelo romance histórico *O tempo e o vento*. Essa trilogia acompanhou uma tendência encontrada em outras regiões do país com temáticas regionalistas tais como a do paraibano José Lins do Rego Cavalcanti, autor de *Menino de engenho* (1932), *Fogo morto* (1944); o alagoano Graciliano Ramos, que escreveu *São Bernardo* (1934), *Vidas secas* (1938) e a cearense Rachel de Queiroz. Aliás, antes desta ser lembrada pelo trabalho de *O quinze* (1930), Rachel era jornalista. Bulhões e Sobral (2017), por exemplo, retratam como a escritora se aproximou do ofício:

Era a fazenda Junco de onde, futuramente, passando férias, enviaria a sua coluna semanal para a revista *O Cruzeiro*. Futuramente a menina Rachel colaboraria para a revista, numa longa permanência que vai de 1944 a 1975. Mas antes disso é preciso que se diga que começou, naquele tempo da mocidade, no jornal *O Ceará*, no tempo em que era prática o uso de pseudônimos e o que escolheu no momento foi Rita de Queluz. Durante toda a sua vida, nas oportunidades que se apresentavam, gostava sempre de dizer que, mais que romancista e escritora, era jornalista. (BULHÕES; SOBRAL, 2017, p. 40).

Dessa turma de escritores do Nordeste, destaca-se ainda a figura de um jornalista pernambucano, Gilberto Freyre. Este colheu louros da noite para o dia, após ter a dissertação de mestrado – *Casa-grande & Senzala* - publicada pela Livraria Schmidt Editora em dezembro

de 1933 (HALLEWELL, 2017). Outro nordestino, o baiano Jorge Leal Amado de Faria²⁵, também teria muito sucesso com a literatura, após ser descoberto pela mesma editora Schmidt e publicado *O país do Carnaval* em 1931. A editora Ariel apostou no intelectual do jovem escritor e publicou *Cacau* em 1933. Dois anos depois, Amado²⁶ migra para a editora José Olympio com a obra *Jubiabá*. Entretanto, durante essa época, o escritor dividia a pena entre a literatura e o jornalismo. Como repórter policial, integrou a equipe do *Diário da Bahia* e de *O Imparcial*, cujo reflexo se dará na obra *Capitães de areia* (1937), publicado pela editora José Olympio, tido como “[...] o romance mais jornalístico do escritor” (COSTA, 2005, p. 88).

O prólogo denuncia o círculo vicioso por trás do aumento da criminalidade, a falta de interesse real em atacar a questão e as injunções políticas disfarçadas por uma suposta neutralidade jornalística. Como se as páginas do jornal fossem muito pequenas para expressar o problema em toda a sua dimensão, o romancista optou por contá-lo de dentro, ficcionalizando-o. [...] Em *Capitães de areia*, Jorge Amado parece querer mais do que conscientizar seus leitores sobre o problema do menor abandonado, o que inúmeras reportagens antes e depois já tentaram. Percebe-se que, ao contrário do jornalista, o narrador desse romance jamais é neutro. Seu autor não hesita em apontar um caminho: o da luta política. E o faz através da ficção. No livro, a frieza do relato jornalístico é contrabalançada por um lirismo que não nega seu objetivo de despertar emoção, piedade ou revolta. Por experiência própria, Jorge Amado sabia que a objetividade jornalística seria insuficiente para despertar os fortes sentimentos que deveriam ser canalizados para a revolução comunista. (COSTA, 2005, p. 89-90).

Pela Livraria Martins Editora, Jorge Amado teria contrato exclusivo. É durante a experiência nessa casa editorial que Amado publicaria clássicos como *Terras do sem fim* (1943), *Gabriela, cravo e canela* (1958), *Tenda dos milagres* (1969). Autor com vendas exponenciais, uma das razões para que o público se identificasse com as obras de Amado era a abordagem irreverente sobre a sexualidade. “Não que o objetivo social tenha sido posto de lado; é, antes, que Jorge Amado já não usa o sexo apenas para efeito de choque, mas integra-o inteiramente em sua sátira social e, mais ainda, converte-o num elemento cômico, mais do que erótico, de sua narrativa” (HALLEWELL, 2017, p. 562).

²⁵ A obra mais recente sobre o escritor baiano é o livro *Jorge Amado: Uma biografia*, assinado por Josélia Aguiar e premiado no Jabuti de 2019 na categoria Biografia. Disponível em: <https://todavialivros.com.br/livros/jorge-amado-uma-biografia>. Acesso em 21 jan. 2020.

²⁶ Localizado em Salvador (BA), no Largo do Pelourinho, a Fundação Casa de Jorge Amado preserva o acervo bibliográfico e artístico do escritor e da esposa, Zélia Gattai. Na capital baiana, ainda se encontra a Casa do Rio Vermelho (Rua Alagoinhas, 33 – Rio Vermelho), residência onde Jorge, Zélia e os filhos viveram durante 56 anos. Disponível em: <http://www.conhecendomuseus.com.br/temporada-4/fundacao-casa-jorge-amado/>. Acesso em 21 jan. 2020.

Em análise de Andrade (2013), a pesquisadora indica dados a respeito do mercado editorial brasileiro entre os anos de 1938 e 1943, baseada no Anuário Brasileiro de Literatura. Segundo o levantamento junto a algumas casas editoriais da época, como a Companhia Editora Nacional, Civilização Brasileira, Globo, José Olympio, livros com temáticas sobre história e biografias somavam 7% e 5,5% respectivamente. Aventuras, romances policiais e biografias romanceadas já eram apontados como o de maior vendagem, o que reflete também na procura de autores estrangeiros que pudessem suprir essa demanda pelas editoras, “[...] como Alexandre Dumas e Rafael Sabatini (romances épico-históricos), [...] Maurois, Emil Ludwig, Paul Frischauer (biografias), E. Wallace, Horler e Rohmer (histórias de detetive e policiais)” (ANDRADE, 2013, p. 95).

Ainda nessa pesquisa, destacam-se os comentários dos dois principais editores brasileiros no período: José Olympio²⁷ e Ênio Silveira²⁸. Contemporâneos, Olympio e Silveira foram os responsáveis pela renovação do catálogo, com aposta em livros estrangeiros raros e autores nacionais em tiragens elevadas. O primeiro possuía um *casting* de escritores do quilate de José Lins do Rego, Jorge Amado (quando publicou *Capitães de areia*), Oswald de Andrade, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, entre outros (HALLEWELL, 2017). Embora fosse paulista do interior, Olympio fez carreira no Rio de Janeiro com a loja estrategicamente montada na Rua do Ouvidor²⁹, onde servia para ponto de encontro, uma espécie de clube intelectual. Durante o Estado Novo, mesmo tendo conhecido o presidente Vargas por intermédio do amigo Lourival Fontes – responsável pela pasta das Comunicações –, o editor José Olympio também sofreu com a censura do período getulista, não somente com apreensão de livros, mas também de detenções de escritores (HALLEWELL, 2017). Por essa razão, Olympio criticava o enfraquecimento do mercado; porém, indicava que os leitores prestigiavam tanto textos científicos quanto literários. “Para o editor da Companhia Editora Nacional, a elite apreciava obras sobre cultura, [...] e o gosto popular estava na literatura de ficção” (ANDRADE, 2013, p. 95).

A década de 1950 guardava expectativas, em especial pela vitória de Juscelino Kubitschek. O então presidente apoiou o mercado livreiro como um indicador de progresso

²⁷ A quem se interessar, a editora Sextante publicou em 2008, o livro *José Olympio, o editor e sua casa*, assinado pelo jornalista José Mario Pereira. A obra foi finalista do Prêmio Jabuti de Literatura em 2009, na categoria Biografia. Na ocasião, o título premiado foi *O Sol do Brasil*, da historiadora Lilian Moritz Schwarcz.

²⁸ Em 1998, Moacyr Felix escreveu a biografia *Enio Silveira: Arquiteto de liberdades*, publicado pela Bertrand Brasil, hoje um selo vinculado ao Grupo Editorial Record, bem como a José Olympio e a Civilização Brasileira.

²⁹ O logradouro se originou no fim do século XVIII e se tornou o principal ponto de encontro da população carioca interessada nas novidades europeias. O charme da rua se estendeu até meados de 1900, quando o auge cultural se mudou para a Avenida Rio Branco.

cultural. Para isso, foi necessário renovar o parque gráfico, já que com equipamentos antigos e limitados, as editoras precisaram buscar trabalho especializado no exterior. “Graças a Kubitschek, a indústria gráfica crescerá 143,3% entre 1950 e 1960, a quinta maior taxa de crescimento entre as indústrias do país (ainda que grande parte desse crescimento representasse recursos para a produção de jornais)” (HALLEWELL, 2017, p. 585). Ex-vice-presidente da CBL e ex-presidente do SNEL, Ênio Silveira, por sua vez, comandava a Civilização Brasileira e essa liderança representou uma revolução editorial em publicidade e produção gráfica, análoga às proporções que Monteiro Lobato idealizou. Apostou em autores nacionais do tino de Carlos Heitor Cony, Dalton Trevisan, Dias Gomes, Ferreira Gullar, Millôr Fernandes, Raimundo Magalhães Jr. Buscou variedades de traduções em *best-sellers* garantidos, desde o inglês George Orwell e o norte-americano Ernest Hemingway ao argentino Júlio Cortázar e o tcheco Franz Kafka. Outra novidade foi o investimento na tiragem da obra-prima *Lolita*, do russo Vladimir Nabokov: graças à distribuição publicitária em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife, o resultado foram mil exemplares comercializados em dez meses (HALLEWELL, 2017).

Além da ficção, Silveira acreditava em assuntos atrativos como a psicologia popular e a educação sexual (HALLEWELL, 2017). Progressista, o editor tinha muito apreço pelas temáticas ideológicas como a sociologia, economia e política. Andrade (2013, p. 95), em pesquisa, constatou que o próprio Silveira admitia que existiam múltiplos públicos leitores centrados na área de História. A maioria deles “[...] procurava ‘livros de aventuras, sem querer, como frisaria, o público de biografias, segundo ele, um dos mais numerosos’”. Paralelo ao que houve com José Olympio durante a censura varguista, Ênio da Silveira sofreu investidas dos militares no pós-1964.

O autor em desacordo com um regime que teimava em ultrapassar os limites da tolerância oficial pode frequentemente imitar Victor Hugo ou Karl Marx, fugindo para o estrangeiro para disseminar suas ideias malquistas a partir do abrigo do exílio. Um editor não tem essa opção: ou calará sua crítica, ou se exporá, e seu negócio, à enorme variedade de sanções de que dispõe o Estado moderno. [...] Ênio da Silveira manteve-se fiel a uma política editorial que pôs à prova os limites de tolerância de todos os governos, desde Castelo Branco até Geisel. Como resultado, sofreu contínuos prejuízos financeiros e dilapidação de patrimônio, repetidas prisões e pelo menos uma tentativa de assassinato. (HALLEWELL, 2017, p. 588).

A primeira década da ditadura militar, que corresponde aos três primeiros presidentes gerais, indicou credibilidade no quesito livreiro. Se em 1964, a economia dialogava com a

inflação e a indústria editorial produzia 52 milhões de livros, em 1972, o valor alcançava 136 milhões (HALLEWELL, 2017). Data dessa época a realização da primeira Bienal Internacional do Livro, em São Paulo. Sandra Reimão (1996, p. 61) declara que o ponto crucial na indústria livreira nacional se dá em 1972, quando “[...] o mercado editorial brasileiro ultrapassa a marca de um livro por habitante ao ano”. Embora as editoras de oposição sofressem com a repressão, outras conseguiam realizar o trabalho sem filtros, o que ajuda também no aumento da indústria do livro. Uma das razões para esse crescimento é “[...] a queda nas taxas de analfabetismo, o crescimento do número de estudantes universitários, a industrialização da produção e da comercialização editorial, inclusive em bancas de jornal, e o crescimento do PIB” (REIMÃO, 1996, p. 72).

Ao final da década de 1960, o mercado editorial chamou atenção das pesquisa acadêmicas. Em 1969, o jornalista e professor pernambucano Luiz Beltrão de Andrade Lima analisou a enxurrada de obras que eram publicadas no Brasil a respeito de assuntos históricos, episódios do cotidiano e histórias de vida. A esse *boom*, Beltrão (2016) nomeou de Livros de Atualidade (LA). Conforme observou, um dos principais atributos desse gênero “[...] é o de ser lançado enquanto os acontecimentos de que trata ainda estão quentes, ainda se situam nas preocupações do cotidiano do público” (BELTRÃO, 2016, p. 205-206).

Com intuito reflexivo, os LA ofereceriam novos ângulos de abordagem após demasiadas informações coletadas pelos jornais, rádios e noticiários televisivos. Beltrão (2016) menciona cinco características essenciais desse tipo de obra: são tematizados; narram os fatos em andamento; são publicados em largas tiragens; possuem um sucesso esporádico e são resultados de novas técnicas inseridas no jornalismo – ao invés de coletar informações através do papel e caneta, os repórteres se utilizam de gravadores. Embora separados por um intervalo de 20 anos, o conceito de Livros de Atualidades se aproxima de um esboço, ainda rudimentar, do que Lima (2009) chamaria de livro-reportagem no início da década de 1990.

Para Beltrão (2016), os LA podem ser enquadrados em quatro grupos: 1) Jornalísticos, onde se inserem as reportagens, entrevistas e demais relatos; o 2) Memorialístico, que envolve as memórias, biografias e depoimentos – neste segundo grupo, Beltrão (2016, p. 211) ainda incluía os textos intimistas, ou seja, textos que dialogam com aquilo que é secreto, como os relatos de diplomatas e “[...] os ‘diários de campanhas eleitorais ou movimentos revolucionários, que implicam sempre em episódios e aspectos sigilosos’”. O terceiro grupo dos LA são o 3) Documental, que compreende projetos, relatórios, orçamentos, discursos e, por fim, o 4) De referência, que serve como um guia, um manual atualizado sobre a programação de festas, catálogo de produtos ou descrição de roteiros turísticos. Nessa análise a respeito do

mercado editorial, Beltrão (2016) ainda menciona que os jornalistas são a classe profissional mais preparada para a autoria. Além disso, à época, poucas empresas jornalísticas investiam no desdobramento de reportagens em LA, salvo a Bloch Editores³⁰, os Diários Associados e a Editora Leitura. Assim, Beltrão (2016) concluía o artigo e ainda alertava para as vantagens de se investir numa obra como esta:

Sem dúvida que a expansão dos LA no Brasil está sujeita a condições não apenas editoriais como políticas: como toda obra jornalística, o gênero reclama um clima de liberdade, o que não exclui a responsabilidade dos seus autores e o direito do Estado de fixar os limites dessa liberdade, que estão inscritos na Constituição e que visam ao resguardo do interesse coletivo. Mas é desse interesse, coincidente, aliás, com os propósitos do desenvolvimento nacional e as realizações governamentais e empresariais nesse sentido, que os problemas políticos, econômicos e sociais do País sejam expostos, através de fatos e conjunturas correntes, como se tem feito, embora ainda timidamente, com a Amazônia, o Nordeste, a Universidade, a política petrolífera e de minérios, a de energia e eletrificação, a das comunicações, a da colonização e da ocupação efetiva do oeste alvo de tanta cobiça estrangeira. (BELTRÃO, 2016, p. 227-228).

O fenômeno editorial atuava em paralelo às políticas de repressão, o que dificultou e tornou arriscado o mercado livreiro das ciências sociais e de política, já que um título ou apenas uma palavra poderiam ser mal interpretadas pelos censores. Milhares de obras “[...] foram sumariamente confiscados de livrarias e de editoras pelas mais diversas razões: por falarem do comunismo (mesmo que fosse contra), porque o autor era *persona non grata* do regime, por serem traduções do russo, ou simplesmente porque tinham capas vermelhas” (HALLEWELL, 2017, p. 633). Um decreto de janeiro de 1970, assinado pelo “[...] mais conservador – e certamente o mais intransigente e inflexível – de todos os presidentes militares do Brasil nestes últimos anos, Emílio Garrastazu Médici” (HALLEWELL, 2017, p. 645), impunha a censura prévia ao livros que ditassem sobre conteúdo sexuais e que afetassem a moral e bons costumes da família.

‘Bons costumes’ é uma expressão sujeita a interpretação muito ampla, que proporcionou base legal para diversas proibições discutíveis. A juventude da República deveria, além disso, ser protegida também por uma exigência: qualquer publicação que contivesse ‘matéria erótica ou versasse sobre crime, violência, aventura amorosa, horror ou humor picante’ só poderia ser distribuída em embalagens resistentes e opacas, com a advertência ‘proibida

³⁰ Fundada pelos irmãos Adolfo, Arnaldo e Bóris Bloch, a editora ficou mais conhecida pela publicação das revistas *Manchete* e *Fatos&Fotos*. Porém, “[...] a atividade editorial da Bloch no setor de livros para o público em geral talvez tenha atingido sua maior intensidade nos fins da década de 1960, quando sua produção chegava a cerca de trinta títulos por ano” (HALLEWELL, 2017, p. 577).

a venda a menores de 18 anos de idade’. As editoras que acreditassem que seus livros tratavam de assuntos inteiramente fora das áreas suscetíveis de sanção poderiam publicá-las sem autorizações, correndo, porém, o risco de severas penas por qualquer erro de julgamento. (HALLEWELL, 2017, p. 645-646).

Em meados da década de 1970, enquanto construções imperiais eram iniciadas, como a ponte Rio-Niterói e a usina hidrelétrica binacional de Itaipu, outras não se concretizavam, como a rodovia Transamazônica. Associado a isso, havia o embalo ufanista pela conquista do tricampeonato de futebol na Copa do Mundo realizada no México em 1970. Essa estratégia converge com os valores e atitudes promovidos pelo projeto de militarização do Estado, focados no entretenimento; porém, mascarados por um controle social da informação. “O aumento de programas esportivos na televisão, jogos e novelas produzidos localmente e importados de outros países da América Latina [...] é um índice em que a necessidade de responder ao desafio foi sentida” (MATTELART, 2017, p. 729)³¹. No contrapé dessa euforia, emanado pelo governo paternalista, cerca de 40 novos comércios livres surgiram no início de 1970 a meados de 1980 com o perfil de editoras de oposição (MAUÉS, 2013), como as paulistas Alfa-Ômega, Brasil Debates, Ciências Humanas, Kairós; as cariocas Graal, Paz e Terra, Vozes, Zahar Editores e a gaúcha L&PM. “O que caracterizava o conjunto das editoras de oposição era seu perfil e sua linha editorial claramente oposicionistas, sem que isso implicasse que essas empresas tivessem necessariamente vinculações políticas explícitas” (MAUÉS, 2013, p. 13).

Segundo Maués (2013), como a oposição ao regime uniu vários dissidentes ideológicos, não se pode mencionar que editoras de oposição sejam sinônimo de editoras de esquerda. “[P]arece que nenhum livro de oposição era apenas um produto editorial e comercial. Ele era uma manifestação política pública, que se dirigia aos formadores de opinião, ou ao menos tinha essa pretensão” (MAUÉS, 2013, p. 29). Para corroborar a pesquisa, Maués se utiliza do levantamento de Deonísio Silva. Dos 434 livros proibidos durante o período de 21 anos do regime militar, aproximadamente 84% - ou 364 títulos - se enquadraram na lista de ameaça à família brasileira. Porém, da lista inicial, 16% - ou 70 livros - tinham cunho político/ideológico. Assim, por mais que a indústria editorial colhesse bons resultados em relação à impressão de títulos, havia um cenário de censura e perseguição, mesmo que às vezes, essa repressão era abafada.

³¹ Versão original: “El aumento de los programas deportivos en la televisión, de los de juegos y telenovelas producidas localmente e importadas de otros países latinoamericanos [...] es un índice de que se ha sentido la necesidad de responder al reto”.

Durante o período 1964-1980, a censura não se define exclusivamente pelo veto a todo e qualquer produto cultural; ela age como repressão seletiva que impossibilita a emergência de um determinado pensamento ou obra artística. São censuradas as peças teatrais, os filmes, os livros, mas não o teatro, o cinema ou a indústria editorial. O censor atinge a especificidade da obra, mas não a generalidade de sua produção. (ORTIZ, 1995, p. 116).

A partir da metade dos anos 1970, com um regime que se demonstrava menos repressivo aos olhos da população; contudo, ainda atuante nos porões dos centros de combate à ditadura – um dos exemplos é o assassinato do jornalista Vladimir Herzog³² em 25 outubro de 1975 -, as biografias e demais livros-reportagens terão o espaço multiplicado nas editoras. Livros de ex-presos políticos, denúncias sobre o regime militar, histórias de militantes de oposição e até de temas tabus (MAUÉS, 2013) se tornam obras prioritárias nas pesquisas. É dessa época a publicação de *A Ilha: Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro* (1976), obra assinada pelo jornalista mineiro Fernando Morais e editada pela Alfa-Ômega numa tiragem inicial de três mil cópias. “Quase imediatamente entrou na relação dos best-sellers e ali permaneceu por quase um ano, tendo, em 1980, chegado à cifra de 146 mil exemplares em dezesseis edições” (HALLEWELL, 2017, p. 653). Outra publicação de Morais foi também catalogada pela mesma editora: *Olga* (1985), história da companheira de Luís Carlos Prestes e que se tornaria a primeira biografia de uma mulher assinada por um jornalista.

2.2 AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: DOS LIVROS DIDÁTICOS À ABEU

Antes de imergir no estudo sobre os aspectos das editoras universitárias, será necessário abordar a dificuldade em instalar uma universidade no Brasil. Diferente dos países da América espanhola, que já desfrutavam de um ensino superior desde o século XVI, o maior país em território da América Latina precisou enfrentar resistências da metrópole portuguesa. “A mesma lógica de dominação proibiu a impressão de livros na colônia, contribuindo ao atraso do Brasil em relação à renovação das letras, das artes e das ciências que a modernidade desenvolvia na Europa no mesmo período” (MARQUES NETO; ROSA, 2010, p. 336). A

³² Duas obras auxiliam o leitor a entender quem foi o jornalista Herzog: *As duas guerras de Vlado Herzog* (2012), de Audálio Dantas, publicado pela Civilização Brasileira e *Meu querido Vlado* (2015), de Paulo Markun, editado pela Objetiva. Sugestão: o site do Instituto Vladimir Herzog. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/>. Acesso em 02 fev. 2020.

solução encontrada para atenuar o retrocesso foi o envio de padres jesuítas para educar – e catequizar – os nativos através das letras, grafias e números (MARQUES NETO; ROSA, 2010).

De acordo com Hallewell (2017), ainda antes de eclodir a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o ensino superior no Brasil era tímido e restrito a quem possuía verbas. Profissões consideradas nobres como médicos, advogados e engenheiros se multiplicavam somente entre os descendentes das famílias mais abastadas; isto é, o conhecimento dito universal era limitado a poucos. E assim continuou até 1930, sem haver educação universitária aos moldes do que conhecemos hoje.

A primeira universidade do Brasil, no sentido geralmente aceito da palavra, foi a criada em São Paulo, em 1934 [...] No ano seguinte (1935), Pedro Ernesto Batista, prefeito do Rio de Janeiro, fundou a Universidade do Distrito Federal, muito semelhante à sua congênere paulista. Essas instituições recrutaram proeminentes professores estrangeiros – em sua maioria, franceses – e introduziam muitas disciplinas novas, em especial a sociologia. [...] Infelizmente, os que estavam no poder com Vargas não mostravam muito entusiasmo por qualquer desenvolvimento da educação superior. O preconceito contra qualquer inovação era suficientemente forte para confundir sociologia com socialismo. (HALLEWELL, 2017, p. 415-416).

Com essa confusão governamental, o ministério da Educação de Vargas intervia na administração das universidades, ao analisar desde a questão curricular até o perfil ideológico dos docentes. Em meio a isso tudo, a pioneira Universidade de São Paulo (USP) sobreviveu. Com o início da República Populista³³, as expectativas de melhora se tornaram mais evidentes. “A expansão realmente significativa teve início no governo de Juscelino Kubitschek, quando aumentou o envolvimento direto do Governo Federal: as universidades federais passaram de uma única em 1945, [...] para toda uma rede de instituições financiadas pelo poder central” (HALLEWELL, 2017, p. 416). Com esse cenário mais rentável, casas editoriais se animaram em investir num catálogo direcionado ao público acadêmico, o que também propiciou a criação de editoras nas universidades, como o ocorrido na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1955, na Universidade de Brasília (UnB) em 1961 e na USP em 1962 (HALLEWELL, 2017).

No Brasil, duas razões que motivaram a comercialização do segmento de livros didáticos se deu, primeiro, durante o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral),

³³ Período classificado entre a Era Vargas e o Regime Militar, com a posse de cinco presidentes: Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), Getúlio Vargas (1951-1954), Juscelino Kubitschek (1955-1960), Jânio Quadros (1961) e João Goulart (1964). Após o suicídio de Vargas, João Café Filho, Carlos Luz e Nereu Ramos assumiram o Executivo nacional até a posse de JK.

campanha governamental de alfabetização de adultos realizado a partir de 1968 (HALLEWELL, 2017), programa este que propiciou a impressão de livros básicos pelas editoras José Olympio e Abril. No segundo aspecto, com a expansão do Instituto Nacional do Livro (INL) durante o governo Médici – originalmente criado em 1937 – o setor do livro didático foi ampliado por meio da entidade cujo objetivo era concentrar esforços em três ramificações: “[...] ampliar e atualizar as bibliotecas públicas do país, reeditar obras raras de importância fundamental para os estudos brasileiros e possibilitar [...] o lançamento de obras de real interesse para os mesmos estudos e cujos temas geralmente não encorajam os editores da iniciativa privada” (BUFREM, 2001, p. 54).

Entre a década de 1960 e 1970, a Nacional, comandada por Octalles Marcondes Ferreira, apostou em títulos diversificados desde linguística, psicologia, comunicação a zoologia, genética e geologia, por exemplo. Octalles aproveitou o panorama positivo e foi adiante. Criou uma Biblioteca Universitária com selos variados, organizada por universitários egressos da USP como Antonio Candido e Florestan Fernandes (HALLEWELL, 2017). Desse espaço, alguns livros se destacaram em âmbito geral como o *Teoria e política do Desenvolvimento Econômico* (1977), de Celso Furtado, e a coleção *Biblioteca do Espírito Moderno*, iniciada em 1938. “A maior série dessa coleção é a de história e biografia, que publicou obras de Macaulay, Emil Ludwig, H. G. Wells, Maurois, Toynbee, Van Loon, Will Durant e a *História da República*, de José Maria Bello” (HALLEWELL, 2017, p. 419).

Entretanto, embora houvesse aceitação mercadológica, dentro de alguns nichos universitários a biografia era taxada como um gênero menor, inclassificável por alguns pesquisadores. “No geral, ela tendeu a ser negligenciada, e isso, possivelmente, se devia à necessidade de se demarcar o campo dos historiadores, além do caráter seletivo do processo de sociabilidade universitária diante de uma produção que podia ser considerada ‘não-escolar’”. (ANDRADE, 2013, p. 112). Ignorada pela academia e vulgarizada por setores culturais, a biografia buscou se adaptar.

Parte da crítica universitária, uma ala da esquerda - mais radical - julgava ainda que a biografia privilegiava mais o indivíduo do que o conjunto social. À época, embora marxista, o historiador Nelson Werneck Sodré defendia que a história era resultado de uma construção de indivíduos e não de grupos ou classes espalhadas. Diante disso, Andrade (2013, p. 114) cogita como hipótese que, “[...] se a hegemonia do sujeito ‘tradicional’ não devia ser acatada, admitia-se, por outro, a biografia do um novo e outro sujeito, a ‘classe’”, já que “[...] até Marx reconhecia a importância que toda sociedade confere aos ‘grandes homens’ por ela criados”

(ANDRADE, 2013, p. 115). Essa dicotomia perdurou ainda alguns anos até o gênero ser resgatado no pós-ditadura militar e popularizado pelos jornalistas durante a década de 1990.

Em geral, da perspectiva crítica de esquerda, a narrativa sobre uma vida era tida como incapaz de fazer enxergar a própria sociedade e estaria, de algum modo, fadada a perder sua legitimidade diante do peso das estruturas – bases sobre as quais a narrativa histórica analítica devia ser construída. [...] Dessa perspectiva, um evidente paradoxo não pode ser desprezado, ou seja, o período era também marcado pelo culto personalista, pela defesa intransigente dos timoneiros da política das nações, como ficaram rotulados os condutores das massas exploradas e os porta-vozes das promessas do futuro. (ANDRADE, 2013, p. 117-118).

No estudo do segmento editorial universitário, a principal referência brasileira é a professora Leilah Santiago Bufrem³⁴. Segundo ela, o renascimento urbano ocasionou a expansão da vida intelectual e o nascimento de um ambiente universal para compartilhamento de sabedoria. “Em função do ensino, o livro era instrumento vital para o trabalho e a própria existência da instituição. A editoração de textos é, desde então, uma atividade inerente à instituição universitária” (BUFREM, 2001, p. 31).

Conforme já mencionado, no Brasil, as primeiras editoras vinculadas às universidades nascem em 1955 e no início da década de 1960. Porém, conforme relata Bufrem (2001, p. 36), haveria um hiato no período de 1963 a 1970, momento em que “[...] não foram criadas editoras nas instituições de ensino superior brasileiras”. Na época de endurecimento do regime, as mais afetadas seriam as universidades federais, com repressão e espionagem nos campus. Os reitores, por serem nomeados, exerciam ora a função de fomentador do conhecimento ora vestiam a máscara da censura (BUFREM, 2001). Somente em 1971 é que as editoras em universidades ganhariam novamente espaço no mercado com a criação da editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em contrapartida, na toada de investimentos no INL, o presidente Ernesto Geisel sancionou um decreto no ano de 1976 que tornava obrigatória a reimpressão de títulos classificados como fundamentais para o entendimento do passado histórico e social do país. Desse período, foram rodadas as obras de Bernardo Guimarães, Euclides da Cunha e claro, Machado de Assis. “Assim, uma obra considerada clássica, quando reeditada, poderá estimular críticas e discussões, incentivando um indivíduo, um grupo ou toda a humanidade a refletir sobre ela. A reedição, nesse caso, atenderá a objetivos tanto da vertente preservacionista quanto da ativista” (BUFREM, 2001, p. 62).

³⁴ O livro *Editoras universitárias no Brasil: Uma crítica para a reformulação da prática* (2001) é resultado da tese defendida em 1991 no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (USP).

Com o surgimento e desenvolvimento das editoras a partir das gráficas universitárias, nascem também falsas ideias a respeito de qual o papel de uma editora acadêmica dentro da sociedade. Por ser uma entidade pública inserida em uma indústria com múltiplas empresas dedicadas à iniciativa privada (HALLEWELL, 2017), críticos defendem que o segmento acadêmico não deva visar lucros ou que o catálogo seja repleto de livros baratos, como se o trabalho pelo conhecimento não necessitasse ser valorizado e, portanto, recompensado. Outros levantam a bandeira de que “[...] a editora universitária não deve existir, pois as editoras privadas suprem as necessidades da sociedade” (BUFREM, 2001, p. 38). Para essas acusações, Bufrem (2001, p. 43) constata que a editora universitária precisa ser vista como “[...] ‘fator de fomento à qualidade de ensino’, sendo objeto de suas preocupações ‘livros-textos, oriundos de qualquer uma de suas áreas, sem definição de prioridades’”. Ademais, ela “[...] precisa ser também um projeto político no sentido mais profundo da palavra, uma vez que tanto pode contribuir para a independência e libertação do povo, o avanço cultural e o melhor conhecimento da realidade em que vive” (BUFREM, 2001, p. 44).

Nesse intuito de conhecer o espaço onde a universidade está inserida, a editora acadêmica carrega consigo uma missão cultural a fim de resgatar e preservar a memória local a partir de dois aspectos: primeiro, de que o documento final se torne supratemporal e segundo, que a obra não priorize um grupo ou classe social (BUFREM, 2001). Por isso, a questão da memória se demonstra tão especial e delicada ao mesmo tempo pois, enquanto a obra se torna um instrumento de conservação do passado, a tendência de privilégio unilateral pode guardar perigos.

Walter Benjamin afirma que a sociedade conhece ‘apenas a história do vencedor, impedindo que outras histórias sejam conservadas como outros possíveis e outros passados’ e excluindo os riscos à sua unidade. É preciso, portanto, definir o objeto da conservação, seu significado social e político, para que se possa perceber o que ele representa. A prisão do objeto e do seu significado poderá contribuir para evitar as tendência fascistas ou iconoclastas de um programa cultural. (BUFREM, 2001, p. 46).

Com o intuito de congrega as editoras universitárias e promover a coesão cultural no âmbito acadêmico, em 1984 aconteceu o I Seminário Nacional das Editoras Universitárias Brasileiras, realizado em Niterói (RJ). Entre as discussões abordadas, planejou-se que as editoras compartilhassem entre elas quais os títulos ou temáticas iriam trabalhar durante o ano. Além disso, incentivou-se a criação de associações regionais que pudessem mobilizar a categoria. Em 1985 foi a vez de Salvador (BA) sediar o evento na Universidade Federal da

Bahia (UFBA) e no ano seguinte, 116 editoras se reuniram em Campinas (SP) para planejar o futuro do segmento. “De 1985 e 1988 foram criadas dezenove editoras, evidenciando o maior movimento do últimos trinta anos” (BUFREM, 2001, p. 36), o que ajuda a compreender o motivo do segmento editorial universitário no Brasil ter crescido na década de 1980: foram lançados 250 títulos por ano, bem acima dos cerca de 40 publicados pelos países vizinhos da América Latina, embora a maioria se concentrasse em ambientes acadêmicos de São Paulo e em Brasília (HALLEWELL, 2017). Em 1987, durante a realização do quarto seminário sediado em Goiânia (GO), foi fundada a ABEU, instituição sem fins lucrativos e que vinculava 123 editoras até o ano de 2018. É a partir desse nicho que buscamos nossa amostra de estudos desenvolvida nesta pesquisa de mestrado.

A partir dos anos de 1990, cresceu o número de editoras universitárias e também aumentaram os títulos publicados por elas: atualmente, respondem por cerca de 8% dos livros publicados no país. [...] A expansão do ensino superior em todo o país, determinada pelo surgimento de muitas novas universidades particulares, e o aumento expressivo do número de alunos em nível de pós-graduação são algumas das explicações para esse crescimento. (HALLEWELL, 2017, p. 699-700).

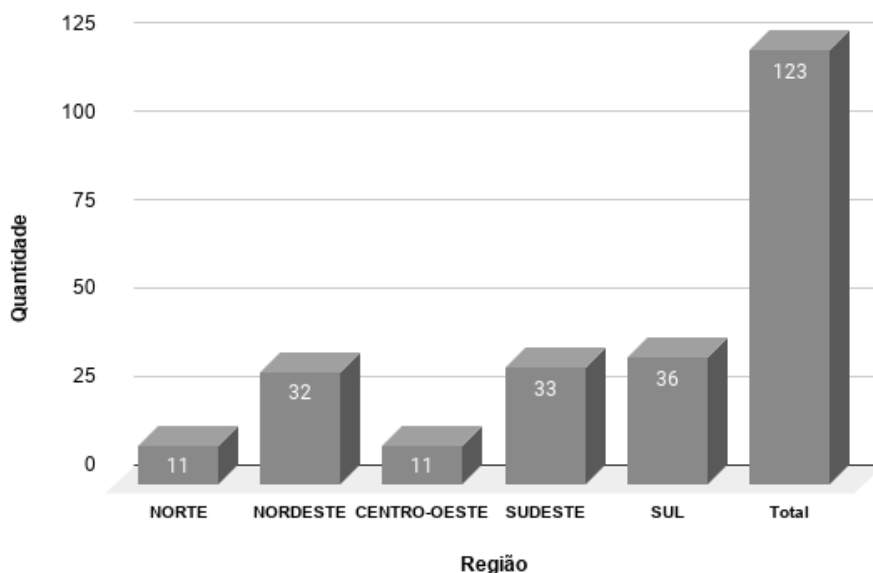
Em setembro de 2018, a ABEU divulgou pesquisa³⁵ atualizada sobre o catálogo das editoras com o intuito de verificar um cenário real das publicações via universidade. Segundo a amostra, existem 22.123 títulos ativos nas editoras, sendo que 1.971 foram publicados em primeira edição no ano de 2017 (ABEU, 2018). O estudo também informou que 64% das editoras participantes realizam tiragem menor que 500 exemplares (ABEU, 2018). Ademais, 52,9% das respostas indicam que as editoras possuem uma política para o livro digital (ABEU, 2018).

Diante do levantamento realizado nos dias 30 de setembro, 1º e 2 de outubro de 2018 através do site da associação (www.abeu.org.br), observou-se a disposição das editoras universitárias pelo país, conforme o Gráfico 1 a seguir. A região Sul conta com a maior quantidade – 36 - em contraste às regiões Norte e Centro-Oeste, empatados com 11. Mesmo o Sul e o Centro-Oeste possuírem três estados cada, a primeira região supera em três vezes a quantidade desta região. Outro dado que pode ser considerado é a disposição das editoras por instituições de ensino superior: 61% ou 75 editoras são de caráter público, enquanto 28% - isto

³⁵ Das 123 editoras filiadas à ABEU, 85 responderam ao questionário aplicado de 21 de maio a 11 de junho de 2018. Disponível em <http://www.abeu.org.br/farol/abeu/blog/abeu/abeu-divulga-mais-completa-pesquisa-realizada-com-editoras-universitarias/12999>. Acesso em 12 jun. 2019.

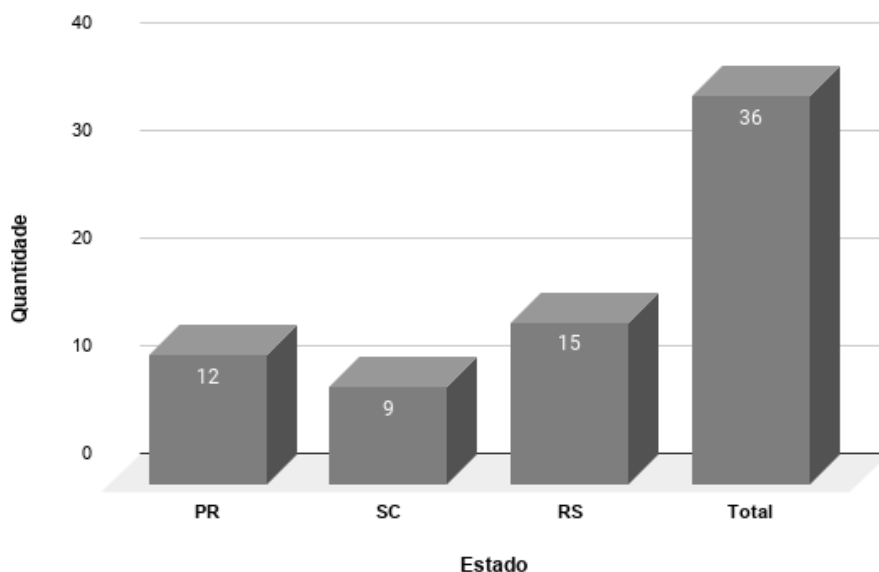
é, 35 – são de ambiente privado. Os demais 11% ou 13 editoras são ligadas a alguma empresa, fundação ou de caráter oficial, sem vínculo universitário.

Gráfico 1 - Distribuição das editoras universitárias por região brasileira (2018)



Fonte: O autor.

Na investigação de Hallewell (2017) a respeito do livro e, por consequência, da indústria editorial no Brasil, o autor dedica um capítulo para analisar as cinco regiões do país. Sobre o Sul - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul -, Hallewell (2017, p. 679) aponta que o comércio livreiro gaúcho se sobressai. “[E]m 1980, 75,1% de seus municípios possuíam pelo menos uma loja que vendia livros”. Abaixo, a partir do Gráfico 2, nota-se a distribuição de editoras universitárias pelos três estados do Sul. Na investigação desta dissertação, embora não seja um dos objetivos, ainda se pode averiguar um equilíbrio sobre o caráter das instituições que estão associados à ABEU no Sul do Brasil: 18 privadas contra 16 públicas, além de duas não relacionadas a universidades. Pelo gráfico, constata-se que o estado gaúcho novamente ganha destaque: são 15 editoras universitárias, sendo dez de caráter privado e cinco, públicas. São elas: Universidade Federal do Rio Grande (FURG), UFRGS, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

Gráfico 2 - Distribuição das editoras universitárias na região Sul (2018)

Fonte: O autor.

O Paraná vem logo em seguida. Das 12 editoras, oito são públicas, o que demonstra a quantidade de universidades gratuitas no estado: Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Das sete instituições mantidas pelo estado, apenas duas não mantêm vínculo com a ABEU, embora tenham uma editora vinculada à instituição: Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) e Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Das 399 cidades, 45,8% delas ao menos possuem algum ponto de venda de livros; fato que reflete no legado cultural deixado por escritores como Cristóvão Tezza, Domingos Pellegrini, Helena Kolody, Paulo Leminski. No caso de Curitiba, por exemplo, a capital já viveu momentos áureos, como a década de 1930-1940, quando a editora Guaíra publicava coleções de Biografias, Contos Nacionais, Romances Brasileiros (HALLEWELL, 2017). Após um incêndio ter destruído a oficina editorial, a Guaíra encerrou os trabalhos em 1961³⁶.

Já Santa Catarina, segundo Hallewell (2017), é o estado mais pobre em âmbito editorial. Fato que se confirma ao se analisar a quantidade de editoras acadêmicas: das nove

³⁶ Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=439>. Acesso em 23 jan. 2020.

listadas, apenas três são públicas – Instituto Federal Catarinense (IFC), Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Curioso é que, embora a Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) possua uma editora universitária, ela não estava associada à ABEU na época da coleta dessas informações, em 2018.

Ao fim deste primeiro capítulo, buscou-se traçar um panorama histórico da indústria editorial no Brasil. Para fins didáticos, decidiu-se abordar o contexto a partir do trabalho pioneiro de Monteiro Lobato até o comércio livreiro enquanto editoras de oposição (MAUÉS, 2013) ao longo da ditadura militar. Em seguida, o trabalho focou no segmento das editoras universitárias e para isso, foram tratadas as experiências de incentivo à impressão de livros didáticos e técnicos, além de uma síntese histórica do desenvolvimento das universidades e, por consequência, das editoras. No próximo capítulo, a dissertação volta o olhar para a biografia enquanto gênero literário e as múltiplas forças que nela atuam.

CAPÍTULO 3. BIOGRAFIA: UM GÊNERO DE FORÇAS

“Combater as injustiças perpetradas pelo tempo, mas também distanciar-se das lendas douradas a fim de impor um ponto de vista mais imparcial – o do historiador –, parece, pois, representar bem uma das motivações maiores dos biógrafos”.
(DOSSE, 2015, p. 112).

Desde 2010, o site *Publishnews* realiza o levantamento dos livros mais comercializados no Brasil. Se o internauta optar, poderá acessar os segmentos específicos como autoajuda, infantojuvenil e negócios. Em 2019, dos 20 livros mais vendidos na categoria não-ficção³⁷, cinco eram relacionados às histórias de vida. Na terceira colocação, *Minha história*³⁸, autobiografia da ex-primeira dama norte-americana, Michelle LaVaughn Robinson Obama; em sexto lugar, *Aprendizados*, autobiografia da modelo gaúcha Gisele Bündchen; na décima posição, *Prólogo, ato, epílogo*, memórias da atriz carioca Fernanda Montenegro, escrita em parceria com a jornalista Marta Goés; no 15º lugar, *O diário de Anne Frank* e em seguida, *Furacão Anitta*, a respeito da cantora carioca Larissa de Macedo Machado, a Anitta, escrita pelo jornalista Léo Dias.

A curiosidade humana pela vida alheia se reflete na quantidade de temporadas dos mais variados *reality shows*, além das atuais redes sociais, que apenas ratificam o poder de aproximar fãs e ídolos, até pouco tempo intocáveis. Nesse mesmo caminho, outra forma são os livros em formato de biografias, autobiografias, perfis, memórias ou diários que recontam trajetórias de dificuldade, superação e sucesso. Em todos os exemplos acima citados, observa-se o interesse do público pelo outro; porém, não apenas pelo íntimo, pela vida privada. “As biografias sugerem o universal embutido na particularidade do indivíduo. É como se o leitor se deliciassem com o fato ‘de não estar sozinho no mundo’, de poder compartilhar sua própria história com outra pessoa, não importando a época” (VILAS BOAS, 2002, p. 37).

Não seria estranho imaginar que um gênero tão mercadológico como a biografia despertasse tanta atenção também nas pesquisas acadêmicas. No jornalismo, especificamente, as investigações envolvendo a biografia não são fartas; porém, não se pode afirmar que o assunto é desprezado. Autores pioneiros como Lima (2009) e os seus trabalhos envolvendo Jornalismo Literário e o livro-reportagem; Vilas Boas (2002; 2008) e o Jornalismo Biográfico; Pena (2004) com sua contribuição às caracterizações do Jornalismo Literário e a própria

³⁷ Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/13/2019/0/0>. Acesso em 09 jan. 2020.

³⁸ O livro, em poucos dias após o lançamento, assumiria a posição de obra mais vendida em todos os formatos na história da plataforma Amazon.

biografia; Martinez (2008) e o método da Jornada do Herói adaptada à estruturação da narrativa; mais recentes, como Vieira (2015) e Maciel (2018), dão novo fôlego aos estudos biográficos.

As histórias de vida servem para ensinar, informar, orientar, entreter. Valorizar o outro, destacar ações exemplares do próximo ou prestigiar o passado foram atitudes estratégicas que serviram para influenciar leitores. Este capítulo se pauta aos tensionamento que polarizam o campo biográfico. O objetivo é apresentar, primeiramente, os múltiplos campos de estudo da biografia na academia, com foco na História e nas Ciências Sociais; em seguida, tratar dos conceitos de livro-reportagem, suporte jornalístico que abriga o gênero biográfico na modalidade impressa.

3.1 MÚLTIPLOS CAMPOS

Para se ter uma ideia mais concreta a respeito das pesquisas acadêmicas envolvendo o assunto no Brasil foi necessário acessar o catálogo de Teses e Dissertações³⁹, vinculado ao portal Capes. De acordo com a plataforma, existem 742 resultados com a palavra *biografias*. Entretanto, desse valor, 219 são relativos à grande área de conhecimento das Ciências Humanas; 79 são associados a Linguística, Letras e Artes; 38 das Ciências Sociais Aplicadas. Dentro desse último número, 16 são vinculados à Comunicação enquanto área de conhecimento. Para fins dessa pesquisa, atêm-se aos seis trabalhos defendidos na região Sul. Vale mencionar que, após a leitura dos resumos dessas pesquisas, o número de textos que realmente tratam de biografias se limitou a três: *Fragmentos de um discurso biográfico: Poéticas, políticas e devorações do biografema na comunicação contemporânea*, dissertação de Luis Felipe Silveira de Abreu, defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFRGS); *A batalha das biografias na arena midiática da democracia: Uma análise de enquadramento da deliberação mediada jornalística*, pesquisa de Paulo Ferracioli Silva no Mestrado em Comunicação Social (UFPR), apresentada em 2017, e, por fim, *Do fazer um saber: A construção do biografar - O discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros*, tese de Karine Moura Vieira defendida em 2015 no doutorado em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Ao averiguar *biógrafo* como palavra-chave no banco de Teses e Dissertações, encontrou-se 51 pesquisas. Nos filtros, chegou-se a quatro na grande área do conhecimento das

³⁹ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em 14 nov. 2019.

Ciências Sociais Aplicadas e três na área da Comunicação, sendo dois na região Sul: *A construção narrativa do biógrafo e do biografado em Roberto Carlos em detalhes e O réu e o rei*, dissertação de Babiana Mugnol defendida em 2018 no mestrado em Comunicação (UFRGS), além da tese de Karine Moura Vieira⁴⁰, já mencionada no parágrafo anterior.

A apuração buscou a palavra *biografado* no mesmo sistema, o qual indicou 80 trabalhos. Na pesquisa refinada, alcançou-se nove relacionadas à Ciências Sociais Aplicadas e somente duas em Comunicação como área de conhecimento. Contudo, apenas uma delas era da região Sul: *O desafio de narrar uma vida: A crítica genética no estudo da biografia como gênero jornalístico*, pesquisa de Karine Moura Vieira apresentada para obtenção do título de mestre em Comunicação (UFRGS) em 2011.

Válido mencionar que foram ainda pesquisadas no catálogo de Teses e Dissertações da Capes as palavras-chaves “*escritor-jornalista*”, com 33 pesquisas – sendo duas em Comunicação; “*jornalista-autor*”, com seis trabalhos e um em Comunicação; “*jornalismo biográfico*” e “*jornalista biógrafo*”, ambos com apenas um trabalho na área de conhecimento Comunicação. Todavia, nenhuma dessas investigações foram oriundas de resultados de pesquisas desenvolvidas na região Sul. Com o termo “*biografia jornalística*”, a plataforma não sinalizou trabalho no Brasil. Dessa forma, para fins de organização, segue a Tabela 1 com a distribuição das pesquisas em biografias nos doze⁴¹ programas de pós-graduação relacionados a área de Comunicação e Informação na região Sul.

Tabela 1 - Pesquisa de biografias em Programas de Pós-Graduação de Comunicação/Jornalismo na região Sul do Brasil
(continua)

ESTADO	IES	PPG	CIDADE	NOTA CAPES	PESQUISAS BIOGRAFIAS
PARANÁ	UEL	Ciência da Informação	Londrina	4	0
		Comunicação ⁴²	Londrina	3	0
	UEPG	Jornalismo	Ponta Grossa	3	0
	UFPR	Comunicação Social	Curitiba	4	1
	UTP	Comunicação e Linguagens	Curitiba	5	0

⁴⁰ A autora seria novamente apresentada na plataforma quando se pretendeu encontrar trabalhos acadêmicos com a palavra-chave *biografismo*. A tese é a única investigação da Grande Área de Conhecimento/Ciências Sociais Aplicadas e Área Conhecimento/Comunicação dentre os 24 resultados encontrados na primeira busca.

⁴¹ Tabela elaborada pelo autor baseado na avaliação quadrienal divulgada pela Capes em 2017. Disponível em: <http://avaliacaoquadrienal.capes.gov.br/resultado-da-avaliacao-quadrienal-2017-2>. Acesso em 16 jan. 2020.

⁴² Por possuírem nota 3 junto à Capes, os programas de pós-graduação da Udesc, UEL e da UEPG ofertam apenas o mestrado.

Tabela 1 - Pesquisa de biografias em Programas de Pós-Graduação de Comunicação/Jornalismo na região Sul do Brasil
(conclusão)

ESTADO	IES	PPG	CIDADE	NOTA CAPES	PESQUISAS BIOGRAFIAS
SANTA CATARINA	Udesc	Gestão da Informação	Florianópolis	3	0
	UFSC	Ciência da Informação	Florianópolis	4	0
		Jornalismo	Florianópolis	4	0
RIO GRANDE DO SUL	PUC	Comunicação Social	Porto Alegre	5	0
	UNISINOS	Ciências da Comunicação	São Leopoldo	6	1
	UFRGS	Comunicação e Informação	Porto Alegre	5	3
	UFSM	Comunicação	Santa Maria	5	0

Fonte: O autor.

Segundo dados obtidos na Plataforma Brasil (2019)⁴³, o Brasil possui 56 programas de pós-graduação na área de Comunicação e Informação. Deste valor, 15 têm somente mestrados acadêmicos, 32 têm mestrado/doutorado e nove são apenas mestrados profissionais. Se restringir os dados apenas nos estados da região Sul do Brasil, chega-se a doze programas da área de Comunicação e Informação. No Paraná são cinco: *Ciência da Informação e Comunicação*, na Universidade Estadual de Londrina (UEL); *Jornalismo*, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); *Comunicação Social*, na Universidade Federal do Paraná (UFPR); *Comunicação e Linguagens*, na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).

No estado do Rio Grande do Sul, quatro programas com doutorado: *Comunicação Social* na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS); *Ciências da Comunicação* na Unisinos; *Comunicação e Informação* na UFRGS; *Comunicação* na UFSM. Enquanto isso, em Santa Catarina, existem apenas três: o de *Ciência da Informação e Jornalismo*, ambos vinculados à UFSC e o de *Gestão da Informação*, ofertado pela Udesc.

Pelo fato da biografia permanecer num tensionamento de forças, como a História e as Ciências Sociais - mas que também impacta em estudos de outras áreas como o Direito, por exemplo - será necessário contextualizar os conceitos desses campos a fim de se também entender o que o gênero biográfico representa para o jornalismo. No campo historiográfico, um

⁴³ Disponível em: <https://goo.gl/2JrFkp>. Acesso em 14 nov. 2019.

dos precursores dos estudos foi o francês François Dosse (2015), que a classificou como um gênero impuro. Segundo ele, a biografia pode servir de instrumento à caça do passado, a uma reconstituição de uma época, embora seja utópica a ideia de totalizar uma vida numa obra literária. A biografia fornece ao “[...] leitor a ilusão de um acesso direto ao passado, possibilitando-lhe, por isso mesmo, comparar sua própria finitude à da personagem biografada” (DOSSE, 2015, p. 13). E prossegue, ao concluir que “[...] a impressão de totalização do outro, por ilusória que seja, responde ao empenho constante de construção do eu em confronto com o outro” (DOSSE, 2015, p. 13).

Cada escritor se utiliza de técnicas para a construção do texto. O historiador se baseia na história oral, por exemplo, para resgatar lembranças das fontes, da mesma forma que o jornalista poderá ir a campo e acessar documentos do entrevistado para a confecção do texto. Entretanto, Dosse (2015) alerta que o desafio biográfico impõe alguns cuidados, tais como a escrita em ordem cronológica – fator que será contestado por Pena (2004) adiante – e a descentralização demasiada do protagonista; afinal de contas, a biografia exige foco no indivíduo.

Bem antes do escritor austríaco Stefan Zweig⁴⁴ ser reconhecido pelas biografias do político Joseph Fouché e da rainha Maria Antonieta, o simples relato oral da vida e da maneira de viver já era tradição na Antiguidade Ocidental. Enquanto em algumas cidades da Grécia antiga, evitava-se mencionar os nomes dos soldados mortos em cerimônias fúnebres, no mundo romano - com Plutarco, Tácito e Suetônio -, a biografia irá tomar espaço como forma de perpetuar a história às próximas gerações (DOSSE, 2015). O primeiro é quem fará com que ela se cristalice. “O objetivo capital do projeto de Plutarco é revelar os traços de destaque de um caráter psicológico em sua ambivalência e complexidade, inaugurando assim o gênero da vida exemplar com tons moralizantes” (DOSSE, 2015, p. 127). Tácito se aproximada de Plutarco, ao buscar na biografia a oportunidade de vencer o esquecimento e assim, imortalizar a ação humana através da memória coletiva (DOSSE, 2015). Enquanto isso, Suetônio não procurava revelar detalhes: a missão do escritor era tornar a biografia “[...] um gênero mais reflexivo, realista, impessoal” (DOSSE, 2015, p. 134). Com esses primeiros relatos, o trio seria lembrado na posteridade, ao influenciar a concepção de biografia na Idade Média.

⁴⁴ Para fugir da perseguição nazista que assolava a Europa, o escritor busca exílio no Brasil, onde morre em 1942, aos 60 anos. A residência onde morou na cidade de Petrópolis (RJ) foi transformada na Casa Stefan Zweig, situada na Rua Gonçalves Dias, nº 34, bairro Valparaíso. Disponível em: <https://casastefanzweig.org.br/>. Acesso em 21 jan. 2020.

Ao adentrar no período medieval, Dosse (2015, p. 137) esclarece que o tipo de escrita mais comum era a hagiográfica, a qual “[...] privilegia as encarnações humanas do sagrado e ambiciona torná-las exemplares para o resto da vida”. Nela, “[...] pressupõe o desaparecimento do santo e uma construção singular dos testemunhos de sua vida, com a ideia de mostrar que a própria lógica de sua existência sempre foi orientada pela intenção de sacrificar-se pelos semelhantes” (DOSSE, 2015, p. 139). A origem está relacionada à lembrança dos primeiros mártires e posteriormente, esse tipo de narrativa auxiliará na peregrinação aos locais de culto, com preces e invocações. Alain Boureau categoriza as santidades em grupos como os santos originais, diretamente abençoados pelo contato com Cristo, como os 12 apóstolos; os santos antigos, muitos deles mártires; e os históricos, aqueles religiosos que possuíam alguma relação com a Igreja (DOSSE, 2015). Com a crise do feudalismo em paralelo com a ascensão da burguesia, o fim da Idade Média reflete as mudanças e novidades temporais. A busca por respostas baseadas na realidade não estariam mais nos dogmas exemplificados pelas vidas incólumes. O herói não será mais santificado e sim militarizado, cuja culto ocorrerá por meio das biografias cavaleirescas (DOSSE, 2015).

À diferença do santo na hagiografia, o indivíduo não é aqui o habitáculo da voz divina, mas seu sopro épico deve muito à atenção de Deus, que é a todo instante seu protetor e sua armadura, permitindo-lhe superar a corrida de obstáculos. Para o biógrafo, o cavaleiro é o eleito de Deus cujo percurso está todo balizado de provas dolorosas. Ele deve, com efeito, enfrentar intrigas e traições ao preço de inúmeros ferimentos físicos e psíquicos: ‘A calúnia desempenha o papel de provação’. (DOSSE, 2015, p. 153).

O afastamento de uma vida santificada, carregada por honra, boas virtudes e o posterior reconhecimento, faz com que os bravos homens se tornem a fonte das biografias. Contudo, outra figura individualizada começa a chamar atenção dos biógrafos. “Ao mesmo tempo, a concentração de poderes nas mãos da realeza tende a atrair os olhares para o destino de alguns indivíduos excepcionais graças ao papel que desempenham, notadamente o maior deles, o rei” (DOSSE, 2015, p. 158).

Durante o século XVIII, a figura do herói sofre uma crise. “Os valores guerreiros que o herói encarna vão aos poucos sendo tidos como coisa ultrapassada numa sociedade desejosa de paz” (DOSSE, 2015, p. 166). Mesmo que os guerreiros fossem considerados salvadores, os responsáveis por capturar prisioneiros, demarcar territórios e conquistar povos, vencer uma guerra não simbolizava mais o orgulho de uma nação. “Em definitivo, os êxitos militares nos campos de batalha surgem como um legado efêmero em comparação com a solidez das obras e

descobertas dos grandes homens, cujo trabalho pela humanidade é mais construtivo na edificação de um patrimônio cultural comum” (DOSSE, 2015, p. 167). Na busca por grandes homens, os povos irão procurar figuras que possam representar o símbolo de uma nação coesa em torno de um bem coletivo. Essa racionalidade se insere no século seguinte, porém, começa a sofrer alguns revezes, fato que vai tornar a biografia um gênero estigmatizado pelos historiadores e cientistas sociais. Para o marxista húngaro George Lukàcs, a luta de classes não teria efeito se o foco estivesse voltado ao singular. “O gênero biográfico é visto como um antigo legado da burguesia, cujo defeito básico consiste em ocultar os verdadeiros cacifes, mascarando as desigualdades. Torna-se, pois, fonte de alienação para os leitores” (DOSSE, 2015, p. 199). Tratada com desdém, a biografia se limita a amadores enquanto o campo da História amadurece.

No século XX, novas ciências de âmbito social – tais como a antropologia e a sociologia – surgem para romper com o padrão acadêmico dominado pela História enquanto ciência. No período entre as duas grandes guerras mundiais, após tentativas de se instaurar uma revista de estudos sobre a história econômica direcionada a uma vertente intelectual, os historiadores franceses Lucien Febvre e Marc Bloch lideraram um projeto com o propósito de recuperar a influência da História. Surge a revista “*Annales d’ Historie Économique et Sociale*”⁴⁵ em 1929. A insatisfação dos professores era em relação às narrativas ditas tradicionais que não prestigiava uma história mais social, com a presença de anônimos. De acordo com o historiador britânico Peter Burke (1992, p. 7), os objetivos de Febvre e Bloch eram “[...] a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas ‘história política’. Em terceiro lugar, [...] a colaboração com outras disciplinas”. A partir desse momento em diante, o movimento irá inaugurar uma nova fase, um sopro de renovação, que ficaria conhecido como a “*Nouvelle Histoire*”⁴⁶.

O primeiro ponto em que a Nova História contrasta com a antiga diz respeito ao cotidiano, ou seja, ela irá privilegiar toda a atividade humana, encarando o indivíduo como construção cultural (BURKE, 1992). O segundo tópico afirma que “[...] os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas” (BURKE, 1992, p. 3). Em terceiro lugar, ao invés de valorizar a história dos feitos de grandes homens, líderes e estadistas, “[...] os novos historiadores estão preocupados com ‘a história vista de baixo’; em outras palavras, com as opiniões das pessoas comuns e com a experiência da mudança social.

⁴⁵ Tradução livre: Anais da História Econômica e Social.

⁴⁶ Tradução livre: Nova História.

A história da cultura popular tem recebido bastante atenção” (BURKE, 1992, p. 3). O quarto aspecto desbancaria a História baseada em documentos. Já que os registros oficiais demonstram uma verdade parcial, os novos historiadores necessitariam buscar tipos de fontes que fugissem da linguagem oficial. Como quinto ponto, Burke (1992, p. 4) sintetiza que a corrente da Nova História é ocupada por profissionais que questionam, “[...] tanto com os movimentos coletivos, quanto com as ações individuais, tanto com as tendências, quanto com os acontecimentos”. Por fim, a Nova História se preocuparia com interdisciplinariedade, movida pelo olhar das mais variadas ciências.

A discussão a respeito das narrativas biográficas também desperta atenção nas Ciências Sociais. Aqui, as histórias de vida servem como um instrumento para entender o indivíduo no espaço que ele está inserido. Na década de 1920, em virtude da ebulição social causada pelo fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da quebra na bolsa de valores em Nova York no ano de 1929, o departamento de sociologia da Universidade de Chicago, por meio da figura do repórter Robert Park, decidiu estudar o efeito dessa crise nas pessoas, principalmente o comportamento dos imigrantes na periferia urbana.

É nesse quadro que a Escola de Chicago vê desenvolver-se uma série de projetos de pesquisa conhecidos como de ‘ecologia urbana’, os *Urban Area Projects*. O que unifica esses trabalhos é a visão da cidade como laboratório privilegiado para estudar os problemas de marginalidade, segregação e violência. Essas pesquisas sociológicas irão estimular o cuidado, muito pragmático, de concentrar a atenção do sociólogo nas ações recíprocas de indivíduos e ambientes. (DOSSE, 2015, p. 245).

Surge a etnografia⁴⁷, metodologia que irá auxiliar os pesquisadores a decifrar as consequências das interações sociais nas atitudes dos indivíduos. Park e os integrantes da escola se utilizavam de técnicas empíricas – de cartas a monumentos, de observações a análise estatística – com o intuito de radiografar a sociedade norte-americana no período pré e durante Segunda Guerra, a partir da composição étnico racial, criminologia e do próprio jornalismo (PONTES, 2018).

A primeira obra desse tipo, centrada no fenômeno das migrações e do desenraizamento massivo de etnias e culturas, foi *O camponês polonês na Europa e na América*, de Thomas e Znaniecki (1918), um trabalho sobre cartas

⁴⁷ O antropólogo norte-americano Clifford Geertz (1989, p. 15), revela que “[...] estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” são atividades inerentes ao trabalho de campo etnográfico. Para ele, fazer etnografia é “[...] como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos” (GEERTZ, 1989, p. 20).

e uma autobiografia escritas por imigrantes. [...] A paixão pelo resgate de histórias de vida ou de instituições, biografias de notáveis ou trajetórias relevantes levou, nos anos *New Deal*, a uma intensa indagação sobre os limites imprecisos entre [...] o papel de protagonista do homem e da mulher comuns na produção de conhecimento científicos. (ARFUCH, 2010, p. 244-245).

O sociólogo norte-americano Howard Becker (1997) argumenta que as histórias de vida não devem ser vistas apenas como mais um dado numérico - uma sociologia quantitativa que busca nas estatísticas as respostas para os problemas urbanos -, mas sim como um atributo necessário para formular uma teoria sociológica geral, já que “[...] a história de vida [...] se interessa menos por valores artísticos do que por um relato fiel da experiência e interpretação por parte do sujeito do mundo no qual vive” (BECKER, 1997, p. 102). Cada depoimento funcionaria como um integrante de um painel plural, o que Becker (1997) denomina como um mosaico científico:

A imagem do mosaico é útil para pensarmos sobre este tipo de empreendimento científico. Cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para a nossa compreensão do quadro como um todo. Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros. Diferentes fragmentos contribuem diferentemente para nossa compreensão: alguns são úteis por sua cor, outros porque realçam os contornos de um objeto. Nenhuma das peças tem uma função maior a cumprir; se não tivermos sua contribuição, há ainda outras maneiras para chegarmos a uma compreensão do todo. (BECKER, 1997, p. 104-105).

A analogia do mosaico reflete o que se objetiva analisar sobre os oito livros da amostra desta dissertação. Embora os personagens retratem, em sua maioria, características peculiares de uma imprensa regional, a história entrelaçada de cada esboça uma cultura global – no caso, a jornalística -, decifrada através de hábitos diários, descrições de cargos nas instituições, traços de ambientes. Assim, para se entender a história do jornalismo, as biografias de profissionais da imprensa constituem uma ferramenta importante para compor esse mosaico científico. “Se conhecermos o caso em algum detalhe, como um documento de história de vida nos permite conhecer, nossa pesquisa terá mais chances de ser bem-sucedida; é neste sentido que a história de vida é útil como pedra de toque teórica” (BECKER, 1997, p. 108).

É importante esclarecer que o próprio livro classificado enquanto gênero biográfico já serve como uma fonte de resgate histórico a respeito de uma época ou lugar. Ler a história do escritor Machado de Assis, por exemplo, não significa apenas conhecer parte da vida de Joaquim Maria Machado de Assis, mas também entender o Rio de Janeiro do século XIX e

como relacionar as características daquele local influenciaram na descrição de ambientes ou criação de personagens. Porém, ao optar por uma análise com oito obras biográficas de diversos profissionais da imprensa, pertencentes a espaços divergentes e avaliá-las como um acervo documental de histórias de vida, a presente investigação fornece um panorama – porém, não definitivo –, sobre um determinado período histórico do jornalismo. Como Becker (1997, p. 110) sugere, a “[...] história de vida, se bem-feita, nos fornecerá os detalhes deste processo cujo caráter, de outro modo, só seríamos capazes de especular”. Becker (1997, p. 111) prossegue, ao indicar que esse tipo de narrativa “[...] serve aos propósitos de verificar pressuposições, lançar luz sobre organizações e reorientar campos estagnados”.

A História se aproveita desse sopro de renovação emanado pela sociologia para redirecionar os estudos sobre as biografias. Como resultado da tentativa tardia de adaptar as técnicas, surge a aplicação da história oral na década de 1940, através da criação de um centro de História Oral na Universidade de Colúmbia por meio do historiador norte-americano Allan Nevins (DOSSE, 2015). Embora a história oral tenha sofrido resistências de historiadores, que a julgavam como um método renovado do que a Escola de Chicago já fazia vinte anos antes, Nevins funda em 1967 a “American Oral History Association”⁴⁸, fato que vai ganhar corpo junto às mobilizações das passeatas do Maio de 1968, já que o movimento também “[...] deseja dar a palavra aos sem-vozes, às gentes de baixo, aos oprimidos” (DOSSE, 2015, p. 246).

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos ‘dominados’, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais etc.), à história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da história de vida cotidiana), à história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma ‘história vista de baixo’ (*Geschichte von unten, Geschichte von innen*), atenta às maneiras de ver e de sentir, e que às estruturas ‘objetivas’ e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente ‘micro-histórica’. (FRANÇOIS, 2006, p. 4).

A micro história⁴⁹ serviu como uma forma de valorizar os indivíduos à margem da sociedade. São os relatos de vidas dos sujeitos periféricos que servirão como estudos de caso no intuito de compreender características ou hábitos de uma geração. Precursores da micro história, os italianos Giovanni Levi e Carlo Ginzburg souberam interpretar casos específicos

⁴⁸ Tradução livre: Associação Americana de História Oral.

⁴⁹ A micro história, para Dosse (2015, p. 254), “[...] ocupa-se de estudos de caso, de microcosmos, valorizando as situações-limite de crise”. Historiadores, como os pioneiros Carlo Ginzburg, Edoardo Grendi, Giovanni Levi e Carlo Poni “[...] dão mais atenção às estratégias individuais, à complexidade dos elementos em jogo e ao caráter imbricado das representações coletivas” (DOSSE, 2015, p. 254).

“[...] como exaltação da marginalidade, do avesso, do repudiado, mas como uma maneira de realçar a singularidade como entidade problemática, definida pelo paradoxo ‘o excepcional normal’” (DOSSE, 2015, p. 254-255). No caso de Ginzburg (2006), o historiador se dedica a pesquisar o moleiro Domenico Scandella, apelidado de Menocchio, mas acaba por revisitar o século XVI ao se deparar com identidades múltiplas e complexas concentradas numa única pessoa, conforme apresentado no prefácio de *O queijo e os vermes*.

Em consequência, uma investigação que, no início, girava em torno de um indivíduo, sobretudo de um indivíduo aparentemente fora do comum, acabou desembocando numa hipótese geral sobre a cultura popular - e, mais precisamente, sobre a cultura camponesa – da Europa pré-industrial, numa era marcada pela difusão da imprensa e a Reforma Protestante, bem como pela repressão a esta última nos países católicos. (GINZBURG, 2006, p. 10).

Outra historiadora ajuda a compreender as pesquisas biográficas. Segundo Sabrina Loriga (2011), os estudos individuais auxiliam a compreender não só a pessoa, mas o espaço em que ela está inserida. Para isso, Loriga (2011) resgata a expressão “pequeno x”, proveniente no século XIX e declarada pelo historiador alemão Johann Gustav Droysen. Este escreve que “[...] se chamamos A o gênio individual, a saber, tudo o que um homem é, possui e faz, então este A é formado por $a + x$, em que a contém tudo o que lhe vem das circunstâncias externas, de seu país, de seu povo, de sua época, etc., e em que x representa sua contribuição” (LORIGA, 2011, p. 14). Em outro trabalho, Loriga (1998, p. 232) cita Thomas Carlyle, que afirma “[...] a vida social é resultado de todas as vidas individuais que compõe a sociedade”. Em resumo: “[...] a história é a essência de inúmeras biografias” (LORIGA, 1998, p. 232).

Embora a história oral seja uma técnica originada na área historiográfica, ela também auxilia o campo de estudos das Ciências Sociais – inclusive, o Jornalismo -, a recompor o passado de instituições jornalísticas por meio das histórias de vida. “As entrevistas podem ser extremamente úteis na obtenção de dados sobre o passado inexistentes em arquivos e em documentos de outra natureza, como os escritos, os iconográficos e os audiovisuais” (RIBEIRO, 2015, p. 75). Como fonte de preservação do passado do jornalismo, Ribeiro (2015) alerta que os depoimentos precisam ser checados antes de serem aceitos como verdade absoluta; afinal, qualquer defasagem pode dificultar na reconstituição histórica de uma cidade, época ou lugar. Não no sentido restrito da lembrança, que pode até ser traiçoeira por parte da fonte, mas na reminiscência voltada unicamente ao individual.

Cabe ao pesquisador ficar atento para não se deixar instrumentalizar por interesses alheios à pesquisa. [...] Nesse caso, ainda outro cuidado se faz igualmente necessário: a de que a entrevista não sirva apenas para o culto da lembrança em si mesma ou para a celebração espetacularizada do passado, mas como algo que possa efetivamente funcionar como uma via de acesso a experiências pretéritas, e que possa servir de material passível de múltiplas interpretações pelos variados pesquisadores que lancem mão desse material. (RIBEIRO, 2015, p. 86-87).

A Semiologia também se debruçou ao olhar a biografia como uma espécie de quebra-cabeça. Roland Barthes cunharia a expressão biografema, quando a definiria como uma representação da escrita biográfica. “O princípio biografemático que envolve essa nova escrita da vida diz respeito à fragmentação e pulverização do sujeito; o autor da biografia não é a testemunha de uma vida a ser grafada por ele, mas o ator mesmo de uma escrita” (COSTA, 2010, p. 28). A noção de biografema teve sua importância ao sair de modelos estabelecidos por historiadores, como as hagiografias. Ao invés de roteiros elaborados com a intenção de valorizar os protagonistas exemplares, essa prática esboça um sujeito superficial, disperso. “Eis o anseio de Barthes: ‘Se eu fosse escritor e estivesse morto, como gostaria que minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigável e desvolto, a alguns detalhes, a alguns gostos, a algumas inflexões, ou seja, a biografemas’” (DOSSE, 2015, p. 306).

O termo biografema é encontrado em diversas obras de Barthes. Em uma delas, o francês compara o texto biográfico com a fotografia. “Do mesmo modo, gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de ‘biografemas’; a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema tem com a biografia” (BARTHES, 2011, p. 40). A partir da analogia, busca-se uma noção do que o autor quer dizer com o biografema; algo próximo a uma coleção, uma colcha de retalhos que se estruturam de forma independente. “O suporte de um biografema é este lago de reflexos cambiantes. Sua ecografia se chama escritura” (COSTA, 2010, p. 109).

Ao propor a investigação sobre os meandros do trabalho biográfico, Décio Pignatari (1996, p. 13) concluiu que “[...] o biógrafo arma uma teia interpretante, graças à qual apreende, capta, ‘lê’ a vida de alguém, tal como a aranha à mosca”. Ele buscou na teoria do semiólogo francês a expressão biografema como o elemento básico da biografia ou biodiagrama.

Podemos então dizer que a operação biográfica, ou autobiográfica, implica a coleta de biografemas para a montagem de uma biodiagramação. Os biografemas todos são armados num bastidor biográfico, em função de um certo *design*, um interpretante-objeto a que chamaríamos de “significado” da vida em questão. (PIGNATARI, 1996, p. 13-14).

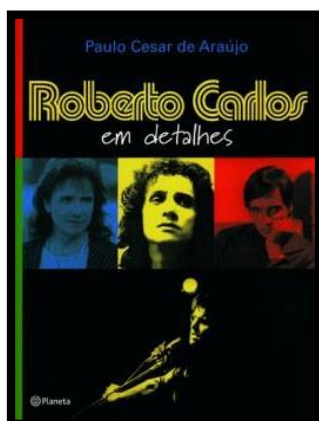
O texto de Pignatari (1996) faz paralelos com outros elementos biográficos pertencentes ao universo cultural, como a pintura e o cinema. Pignatari (1996) compara ainda que, assim como a foto está para o quadro, a biografia está para romance. Porém, as informações se tornam esparsas. “Segue-se que o ‘puzzle’ biodiagramático, também chamado de biografia, passa a apresentar enormes lacunas, quantitativas e qualitativas, transformando-se num arquipélago bizarro de biografemas flutuantes” (PIGNATARI, 1996, p. 16).

O pesquisador escreveu o artigo na metade da década de 1990, ou seja, durante o *boom* da produção e venda das biografias assinadas por jornalistas no Brasil. Contudo, o tom profético da conclusão desperta atenção. “É surpreendente, mas, até 1960, as biografias impressas eram verbais. Elas queriam demonstrar, mais do que mostrar, a vida da pessoa. Agora, mostra-se mais do que demonstra. Entre outras coisas, o próximo século será o grande século da biomídia” (PIGNATARI, 1996, p. 19). Pignatari estava certo e viveria para ver o quanto de biográfico possuem as múltiplas narrativas. Ele morreria em 2012.

O apreço pelas biografias é tanto que o caso se tornou polêmico – e midiático. Ao biografar o ídolo na obra *Roberto Carlos em Detalhes* (2006)⁵⁰ (Figura 1), após 15 anos de investigações, o baiano Paulo Cesar de Araújo protagonizou um dos casos mais conhecidos de combate à liberdade de expressão. Araújo (2014, p. 230) relembra como recebeu a novidade por uma jornalista: “[...] será uma ação conjunta de Roberto e da família de Maria Rita contra você e a editora Planeta. Eles entrarão em dois processos, um cível e outro criminal, pedindo a proibição e o recolhimento dos livros, além de indenização e multa por invasão de privacidade”. Além disso, o cantor considerou que 14 passagens do livro seriam provocantes. “Dessas catorze passagens, seis são consideradas injuriosas a Roberto Carlos e oito difamatórias. Nenhuma caluniosa” (ARAÚJO, 2014, p. 248). O fim da história marcou uma fase delicada que teria reflexo em 2013 e que Araújo fez questão de esclarecer na obra *O réu e o rei: Minha vida história com Roberto Carlos, em detalhes* (Figura 2).

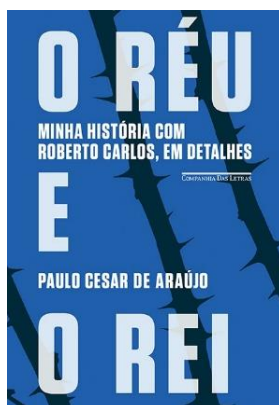
⁵⁰ O livro pode ser encontrado em sites de livros usados na internet. Na Estante Virtual, por exemplo, a biografia chega a ser comercializada a partir de R\$ 159,99 chegando até ao valor de R\$ 1.299,70. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/paulo-cesar-de-araujo/roberto-carlos-em-detalhes/815275243?q=Roberto+Carlos+Em+Detalhes>. Acesso em 13 jan. 2020.

Figura 1 – Capa da biografia de Roberto Carlos



Fonte: ARAÚJO (2006).

Figura 2 – Capa do livro sobre a relação do biógrafo Paulo Cesar de Araújo e o biografado, Roberto Carlos



Fonte: ARAÚJO (2014).

No intervalo entre o caso Roberto Carlos e a liberação das biografias não-autorizadas pelo Superior Tribunal Federal (STF), outros casos de proibições viriam à tona. Ainda em 2007, o jornalista Alaor Barbosa⁵¹ escreveu *Sinfonia Minas Gerais: A vida e a literatura de João Guimarães Rosa*; porém, recebeu processo da filha do escritor um ano depois. No mesmo ano, Ernesto Rodrigues⁵² enfrentou problemas com o ex-dirigente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), João Havelange, após este saber que uma obra estava a caminho. Daniel Feix⁵³

⁵¹ Em virtude dos problemas enfrentados, o escritor entrou na Justiça para cobrar indenização da filha do biografado. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/04/1878789-biografo-de-guimaraes-rosa-quer-indenizacao-de-r-315-mil.shtml>. Acesso em 13 jun. 2020.

⁵² A obra *Jogo duro: A história de João Havelange* foi publicada em 2007 pela editora Record, mas os bastidores da pesquisa foram revelados no documentário *Conversas com JH*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/04/cultura/1404503871_793851.html. Acesso em 13 jan. 2020.

⁵³ Disponível em: <https://www.portalentretextos.com.br/especiais/os-sem-biografia,146.html>. Acesso em 13 jan. 2020. Embora tenha tido problemas com os familiares, a pesquisa foi efetivada e o livro *Teixeirinha: Coração do*

não aceitou que os herdeiros do cantor Vítor Mateus Teixeira, o Teixeirainha, opinassem sobre importantes informações a respeito da infância do cantor gaúcho e, por isso, o trabalho atrasou.

No segundo semestre de 2013, o caso voltaria à tona, novamente com força. Na época, parte da classe artística – Caetano Veloso, Chico Buarque, Djavan, Gilberto Gil, entre outros – se reunia num grupo intitulado Procure Saber, sob a liderança da empresária Paula Lavigne. O intuito era proteger os membros da Música Popular Brasileira (MPB), como já havia sido feito meses antes. No dia 3 de julho, integrantes da classe artística foram ao Congresso Nacional presenciar a votação de um Projeto de Lei do Senado (PLS)⁵⁴ que “[...] estabelecia novas regras para cobrança, arrecadação e distribuição dos direitos autorais de obras musicais no Brasil” (ARAÚJO, 2014, p. 426). A “batalha das biografias” (SILVA, 2017) se transformou em exposição midiática e colocou em campos opostos os defensores da liberdade de expressão e o do direito à privacidade.

Na época da polêmica das biografias não-autorizadas, enquanto o cantor e compositor Djavan afirmava em nota que a classe artística padecia diante da alta produção de livros biográficos e sugeria recompensas financeiras pela vendagem - “Editores e biógrafos ganham fortunas enquanto aos biografados resta o ônus do sofrimento e da indignação. [...] A sugestão de se estabelecer um percentual oriundo da venda desse produto destinado ao biografado me parece razoável” (OGLOBO, 2013)⁵⁵ -, o jornalista Ruy Castro criticava os mesmos artistas desse grupo a respeito do que ele chamou de “campanha antidemocrática”. “Eles vão ao Congresso e dão autógrafos para deputados, tudo porque Roberto Carlos não quer que ninguém fale sobre a perna mecânica dele” (FOLHA DE S.PAULO, 2013)⁵⁶ e complementou que, além dos jornalistas, outros profissionais também são afetados, como pesquisadores, ensaístas e documentaristas. Agora, a pauta era o combate às biografias não-autorizadas que, durante todo o mês de outubro (SILVA, 2017), marcariam as principais discussões da mídia nacional, mas que por infelicidade de Roberto, Caetano, Chico e Gil – embora tenha ganhado corpo – perdeu força à medida que jornalistas, escritores e demais intelectuais fizeram frente às acusações.

Brasil foi lançado em 2019 pela editora Diadorim. Disponível em: <http://www.diadorimeditora.com.br/pd-6d00e1-teixeirinha-coracao-do-brasil.html?ct=1815d0&p=1&s=1>. Acesso em 13 jan. 2020.

⁵⁴ A então presidenta da República, Dilma Rousseff, sancionaria a nova Lei de Direitos Autorais (12.853/2013) no dia 14 de agosto de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12853.htm. Acesso em 11 mar. 2019.

⁵⁵ “Lei Roberto Carlos” (O Globo, 04/10/2013). Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/lei-roberto-carlos-511140.html>. Acesso em 14 jan. 2020.

⁵⁶ “Ruy Castro diz que pagaria ‘dízimo’ para escrever sem censura” (Folha de S. Paulo, 12/10/2013). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/10/1355300-ruy-castro-diz-que-pagaria-dizimo-para-escrever-sem-censura.shtml>. Acesso em 13 mar. 2019.

Diante de toda a exposição midiática e, por consequência, mercadológica que a “batalha das biografias” (SILVA, 2017) impactou ao mercado editorial do país, 12 principais nomes do gênero participaram do I Festival Internacional de Biografias (FIB), realizado em Fortaleza (CE). Entre os dias 14 a 17 de novembro de 2013, Fernando Moraes, Guilherme Fiuza, Humberto Werneck, João Máximo, Josélia Aguiar, Lira Neto, Lucas Figueiredo, Luiz Fernando Vianna, Mário Magalhães, Paulo César de Araújo, Regina Zappa e Ruy Castro debateram a respeito dos bastidores de produção, desde a escolha dos personagens até a fase de escrita. Ao final, assinaram a Carta de Fortaleza, documento que apresentou a união dos profissionais, mas, acima de tudo, a união em defesa pela liberdade da escrita, conforme relatado abaixo, em trecho selecionado da carta.

Alguém já disse que, antes de virar a página da história, é preciso lê-la. Para ler, pesquisar e narrar, a liberdade é imprescindível. Nós, que vivemos sob a censura imposta pela ditadura instaurada em 1964, recusamo-nos a aceitar agora formas de cerceamento da livre manifestação de ideias e relatos históricos. O conhecimento da própria história é um direito dos brasileiros. (VIEIRA, 2015, p. 58).

O caso das biografias não-autorizadas iniciou com pessoas cuja presença e impacto social se relacionam com os próprios personagens que elas representam. Falar de Roberto Carlos Braga é uma coisa; agora, escrever sobre o “rei” Roberto Carlos é diferente. Todavia, o próprio Paulo Cesar de Araújo⁵⁷ (2013) já havia afirmado em entrevista no programa Roda Viva que o cantor é um artista biográfico. “Ele canta a vida dele desde que começou a carreira. [...] Ele fala da mãe (*Lady Laura*), fala do pai (*Meu querido, meu velho, meu amigo*), fala dos filhos (*Quando as crianças saíram de férias*), fez músicas e dedicou publicamente para todas as mulheres que ele amou”. Caberia ao Judiciário dar um ponto final a esse capítulo em junho de 2015. Por unanimidade, os nove ministros do STF entenderam que a liberdade de expressão é mais notável que o direito à privacidade e decidiram a favor da liberação das biografias não-autorizadas. Na decisão do voto, Marco Aurélio Mello proclamou: “[...] a privacidade do cidadão comum é diversa da privacidade do homem público [...], o homem público passa a ser um verdadeiro livro aberto, passa a estar na vitrina e não pode pretender implementar atos a partir de suscetibilidades” (BRASIL, 2015). A ministra Carmen Lúcia também foi enfática no momento do voto. A então presidente do STF reforçou tanto a respeito do conhecimento obtido

⁵⁷ Programa exibido na TV Cultura no dia 28 de outubro de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MbblJTpgcdo>. Acesso em 26 jan. 2020.

por meio das obras biográficas quanto às perdas culturais que a nação adquire quando é impossibilitada de acessar o passado e a memória nacional.

Não se trata da proteção de qualquer direito da personalidade do biografado, mas de uma disputa puramente mercantil, um verdadeiro leilão da história pessoal de vultos históricos, conduzido, muitas vezes, por parentes que jamais os conheceram. [...] O País se empobrece pelo desestímulo a historiadores e autores em geral, que esbarram invariavelmente em familiares que formulam exigências financeiras cumulativas e, por vezes, contraditórias. Ademais, são igualmente graves as distorções provocadas por uma história contada apenas pelos seus protagonistas. Trata-se, como se vê, de um efeito silenciador e distorcivo dos relatos históricos e da produção cultural nacional. [...] Afinal, o monopólio da biografia autorizada representa, na prática, a antítese da ideia do pluralismo em relação às visões da história política, artística e social do país. (BRASIL, 2015).

Diante desse panorama, o Direito também se apropriou do assunto para avaliar o embate, segundo a ótica da legislação jurídica. De acordo com o catálogo de Teses e Dissertações, do portal Capes, a partir da palavra-chave *biografias*, encontrou-se 17 resultados na área de conhecimento Direito⁵⁸, sendo oito pesquisas a partir de 2014, o que demonstra o impacto da decisão do STF nos estudos de liberdade de expressão e direito à privacidade: *A liberdade de expressão na concepção da obra biográfica: O caso “Roberto Carlos em Detalhes”*, tese defendida por Deborah Sztajnberg (2014); *Liberdade de expressão e direitos da personalidade: Critérios de ponderação de interesses para biografias não autorizadas*, dissertação de Ricardo Duarte Guimarães (2015); *Biografias e liberdade de expressão: Critérios legitimadores frente à tutela da personalidade humana*, tese apresentada por Fernanda Nunes Barbosa (2015); *Publicação de biografias não autorizadas: Colisão entre liberdade de expressão e proteção da privacidade à luz do direito ao esquecimento - Controvérsias pós-decisão do Supremo Tribunal Federal*, dissertação de André Ribeiro Porciuncula (2016); *Biografias não autorizadas e os limites do direito à privacidade e à liberdade de expressão, segundo a teoria da proporcionalidade*, dissertação defendida por Eraldo Conceco (2016); *Agências reguladoras e liberdade de expressão: Biografias não autorizadas e atuação da Agência Nacional do Cinema*, dissertação de Camila Antunes Notaro (2016); *A publicação de biografias não autorizadas: Uma interpretação constitucional dos direitos fundamentais da liberdade de expressão e da intimidade e da vida privada à luz do pensamento de Ronald Dworkin*, dissertação de Thiago Bao Ribeiro (2016) e a dissertação *A*

⁵⁸ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em 26 jan. 2020.

intimidade e a vida privada em face de biografias não autorizadas: Avanço da esfera pública sobre a esfera privada, de João Alberto de Oliveira Gois (2018).

Do lado dos protagonistas e familiares diretos do personagem, o debate jurídico volta o olhar à preservação da imagem dos biografados. Sacramento (2018) analisou a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4815 e questiona o entendimento dos ministros perante a primazia da liberdade de expressão. Se o direito é fundamental para que a sociedade possa tanto emitir quanto ter acesso às informações, discute-se, portanto, se todo o tipo de conteúdo poderá ser liberado. Afinal, “[...] as informações de natureza íntima também poderiam ser colocadas em circulação em nome de um direito a ser informado ou apenas aquelas que, de fato, tenham algum interesse público na divulgação?” (SACRAMENTO, 2018, p. 44). Para ilustrar, a presente pesquisa traz o exemplo da biografia *Olga*, escrita por Fernando Moraes na década de 1980. Nela, o jornalista afirma que o líder comunista Luís Carlos Prestes casou com quase 40 anos sem antes nunca ter namorado ou mantido relação sexual. “E se Prestes chegara aos 37 anos sem ter tido uma namorada, uma paixão, uma mulher, não poderia haver circunstância mais propícia para começar: estava em alto mar, num camarote luxuoso, acompanhado de uma belíssima mulher, comunista e revolucionária” (MORAIS, 1986, p. 58-59). À época, o escritor foi criticado por ir a fundo e revelar o dito segredo.

Ademais, segundo Sacramento (2018), proibir a circulação de um obra biográfica não se constitui um ato de censura, já que os direitos à liberdade de se expressar e também de se privar “[...] são previstos constitucionalmente e a limitação de um para o resguardo de outro não é proibir que o indivíduo expresse sua opinião e exerça sua liberdade, mas impedir que seus atos firam um direito constitucional de outro cidadão, direito este tão caro quanto a liberdade” (SACRAMENTO, 2018, p. 104). Embora reconheça que os livros biográficos sejam uma importante ferramenta de memória social, Sacramento (2018, p. 104) adverte que “[p]roibir a necessidade de anuência do biografado ou mesmo que este tome conhecimento que está servindo de objeto em uma obra biográfica [...] é impedir que este indivíduo tente, de alguma forma, resguardar sua intimidade”. O ponto de vista da professora se opõe com o que defende Vieira (2015, p. 88), cuja visão abrange o olhar jornalístico do biógrafo. A pesquisadora defende o acesso aos bens culturais, o que acarreta o resgate e a preservação de uma memória social. “A censura prévia calaria o direito de saber, pois a biografia não se encerra na história de vida narrada, ela ultrapassa esse limite, como uma narrativa que ressignifica uma trajetória”. E prossegue: “É mostrar ao público um pouco da sua história e do seu país, a compreensão da sua cultura” (VIEIRA, 2015, p. 88).

Professora da PUC/RJ, Sacramento (2018) reitera a importância dos trabalhos biográficos como entendimento de um contexto histórico e reconhece que a liberdade de expressão é um direito cidadão. Contudo, o critério da pessoa pública deve ser analisado com parcimônia, pois “[...] mostrar parte de sua privacidade não significa a aceitação de que toda a sua vida privada seja exposta a inúmeros olhos” (SACRAMENTO, 2018, p. 169). Ambos os lados da “batalha das biografias” (SILVA, 2017) possuem argumentos fortes e, por isso, para que as partes não sejam atacadas e os direitos de ambos violados, prioriza-se o interesse público.

Este critério, associado com a fama do biografado, também serviu de argumento para a advogada Fernanda Barbosa. A fama seria um aspecto que poderia ser palpável e avaliado, enquanto o interesse público não. “Para a jurista, figuras públicas são aquelas pessoas que alcançaram o reconhecimento, mas há também as figuras públicas voluntárias. Neste caso específico, são aquelas que procuraram a fama e a notoriedade em razão de suas escolhas de vida, ‘assumindo o risco de exposição’” (MUGNOL, 2018, p. 77). Na mesma toada, a advogada aborda a validade em pesquisar e escrever sobre personagens vivos ou mortos. “Em geral, segundo a autora, as biografias históricas preferem personagens que já morreram pelo maior distanciamento. Já a função cultural prevê, mesmo sob o risco da parcialidade, que a história contemporânea mereça ser objeto de biografia” (MUGNOL, 2018, p. 78). Antes do polêmico caso das biografias não-autorizadas, Ruy Castro havia afirmado em um jornal paulistano que biografar protagonista vivo era uma atitude impraticável. “Às vezes, me perguntam por que não escrevo biografias de gente viva. Respondo que o biografado vivo não é confiável - porque ele terá de ser ouvido e, ao ser entrevistado sobre si mesmo, mentirá para o biógrafo. Pior ainda, obrigará seus amigos a mentir sobre ele” (FOLHA DE S.PAULO, 2009)⁵⁹.

Ao recorrer aos estudos dos alemães Hannah Arendt e Jürgen Habermas, a professora argentina Leonor Arfuch (2010) indaga os paradigmas dos espaços biográficos, como se a discussão se limitasse apenas à coisa pública - ou seja, aos interesses comuns e compartilhados - ou ao ambiente privado - isto é, reservado ao que é doméstico, íntimo, secreto (ARFUCH, 2010).

Assim, poderíamos falar não somente de perdas, mas também de *chances*, não apenas do excesso de individualismo, mas também da busca de novos sentidos na constituição de um *nós*. Porque, e isso é essencial, sabemos que não há possibilidade de afirmação da subjetividade sem intersubjetividade; conseqüentemente, toda biografia ou relato de experiência é, num ponto, *coletivo*, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma

⁵⁹ “O biografado vivo” (Folha de S.Paulo, 30/05/2009). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz3005200905.htm>. Acesso em 27 jan. 2020.

classe, de uma narrativa comum de identidade. É essa a qualidade coletiva, como marca impressa na singularidade, que torna relevantes as histórias de vida, tanto nas formas literárias tradicionais quanto nas midiáticas e nas de ciências sociais. (ARFUCH, 2010, p. 99-100).

A seguir, esboça-se um debate a respeito da aproximação acadêmica do jornalismo com o gênero biográfico. O tópico irá abordar o conceito de livro-reportagem a partir da vertente de três pesquisadores (LIMA, 2009; CATALÃO JR, 2010; MACIEL, 2018). Suporte utilizado por jornalistas que dialogam com a literatura, o livro-reportagem oferece tanto um tempo maior na investigação - ou seja, uma imersão na pesquisa para acesso às informações - quanto um espaço ampliado para o desenvolvimento na discussão dos relatos.

3.2 O CONCEITO DE LIVRO-REPORTAGEM

Na apresentação de *O espaço biográfico*, Arfuch (2010, p. 15) dialoga com o leitor ao expor um dos objetivos das histórias de vida. “Biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências dão conta, há pouco mais de dois séculos, dessa obsessão por deixar impressões, rastros, inscrições, dessa ênfase na singularidade, que é ao mesmo tempo busca de transcendência”. A procura pelas escritas de si e as escritas do outro faz com que o sujeito possa decifrar qual o seu papel na contemporaneidade. Em sintonia com o que acontecia em várias partes do globo, muito incentivado pela onda dos micro-relatos, um dos pontos defendidos pelo movimento da Nova História, as narrativas biográficas tomaram forma e espaço na sociedade, dando prioridade às figuras anônimas. “Os ‘pequenos relatos’ narravam não só identidades e histórias locais, regionalismos, línguas vernáculas, mas também o mundo da vida, da privacidade e da afeição” (ARFUCH, 2010, p. 18).

A argentina resgata no russo Mikhail Bakhtin e no francês Philippe Lejeune as definições para ilustrar o pensamento diante das biografias e das autobiografias. Para Arfuch (2010, p. 55), “[...] não há identidade possível entre autor e personagem, nem mesmo na autobiografia, porque não existe coincidência entre a experiência vivencial e a ‘totalidade artística’”. Ela conclui que não se trata de adaptação por parte de ambos ou de se acostumar em reviver um passado; o retorno acontece também com o biógrafo que, para retratar alguém, precisa passar por uma identificação, uma valoração.

Em minha hipótese, é precisamente esse *valor biográfico* – heroico ou cotidiano, fundado no desejo de transcendência ou no amor aos próximos – que impõe uma ordem à própria vida – a do narrador, a do leitor -, à vivência

por si só fragmentária e caótica da identidade, o que constitui uma das maiores apostas do gênero e, conseqüentemente, do espaço biográfico. (ARFUCH, 2010, p. 55-56).

Laços de cumplicidade são intensamente traçados entre o escritor e o leitor. Ademais, esses pactos levam à construção de um campo incerto onde uma linha tênue tenta separar o público do privado, o interno do externo, o individual e o social, o eu do nós (ARFUCH, 2010). De modo a esclarecer o passado com o objetivo de se entender o presente, o espaço biográfico – aqui compreendido como a “[...] narração de histórias e experiências, a captação de vivências e lembranças – opera, complementarmente, nesse ‘resgate’ do próprio, do local, que é um dos aspectos paradoxais da duplicidade constitutiva da globalização” (ARFUCH, 2010, p. 106). Assim, ao decidirem publicar reportagens no formato livro, jornalistas buscam um espaço ampliado para retratar os acontecimentos. Uma narrativa jornalística impressa não-periódica que se denomina livro-reportagem.

Aliás, quando o assunto é livro-reportagem, Edvaldo Pereira Lima (2009) é logo lembrado pelos estudos registrados no clássico *Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. O trabalho foi originalmente defendido em 1990 no Programa de Ciências da Comunicação da USP sob o título *O livro reportagem com extensão do jornalismo impresso: Realidade e potencialidade* e três anos depois, a primeira versão em livro. A edição mais recente data de 2009. Para caracterizá-lo como plataforma jornalística, Lima (2009) se aproxima do legado de Otto Groth ao observar os quatro tópicos enumerados pelo teórico alemão como fundamentais para se estabelecer a essência da ciência dos jornais: periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade. Segundo Groth (2011), o primeiro aspecto possuiria relação com a regularidade; o segundo, seria intrínseco ao conteúdo. "Sem a universalidade, todo esforço em encontrar ressonância em camadas sociais mais amplas seria inconcebível e em vão. [...] O jornal é hoje o maior educandário, 'a escola dos adultos'" (GROTH, 2011, p. 218). Sobre a atualidade, Groth (2011, p. 223) discorre que é nela que se encontra "a força mais potente" do jornal. Por fim, o alemão orienta que "[...] a publicidade é o meio pelo qual a coletividade torna-se objetivo do jornal" (GROTH, 2011, p. 315).

Lima (2009) aponta que o livro-reportagem constitui apenas duas das qualidades – a universalidade e a publicidade, nomeada pelo docente como “difusão coletiva”; porém, não apresenta periodicidade, bem como seu conceito de atualidade. “A atualidade, idéia de tempo presente, ganha diferentes contornos, de acordo com a periodicidade do veículo em que é inserida. [...] encontramos no livro-reportagem uma extensão do tempo presente superior àquele que percebemos nos periódicos” (LIMA, 2009, p. 30-31). Embora não se encaixe perfeitamente

nos quatro quesitos de Groth, o livro-reportagem abarca procedimentos operacionais do jornalismo, como a pauta, redação e edição. Além disso, como aponta Lima, a narrativa por excelência é a reportagem. O autor explica:

É interessante observar que o livro-reportagem mantém uma espécie de relação às avessas, de ponta-cabeça, com a periodicidade. Embora [...] não obedeça a nenhuma produção regular no tempo, há uma ligação que este estabelece com a periodicidade, se a entendermos conforme a conceituava o teórico alemão. [...] Refere-se ao efeito da periodicidade, mediante a qual a repetição prolonga a existência dos acontecimentos, estende sua durabilidade, diminui sua perecibilidade. (LIMA, 2009, p. 45-46).

Outro professor, Antonio Heriberto Catalão Jr, contribuiu com os estudos do livro-reportagem; porém, a partir da vertente linguística, principalmente pela ótica bakhtiniana de gênero do discurso. Na tese *Jornalismo best-seller*, Catalão Jr (2010) se dedicou a analisar 18 títulos de livros-reportagens mais vendidos no período de 1966 a 2004. Na amostra inicial, 160 obras best-sellers foram relacionadas no período; no filtro, chegou-se ao número 18⁶⁰, ou seja, 11,25% das publicações naquele intervalo de tempo são livros-reportagens.

Como fonte histórica, Catalão Jr (2010) considera que a cobertura da Guerra de Canudos deflagrada no fim do século XIX no interior da Bahia e retratada por Euclides da Cunha - primeiro em reportagem para o jornal *A Província de S. Paulo* (hoje, *O Estado de S. Paulo*) – na obra *Os sertões* pode ser considerada como a primeira experiência de grande reportagem no formato livro. Entre os 18 livros apontados na amostra levantada por Catalão Jr, quatro (ou 22,22%) são biografias escritas por jornalistas: *Olga e Chatô: O rei do Brasil*, do mineiro Fernando Moraes; *As vidas de Chico Xavier*, do carioca Marcel Souto Maior e *Mauá: Empresário do Império*, do paulista Jorge Caldeira.

Segundo Catalão Jr (2010, p. 22), ao afirmar que o livro-reportagem é um veículo, Lima (2009) comete um equívoco na conceituação. “Lima confunde o que é um gênero do discurso [...] com seu suporte, com a mídia em que ele se materializa”. Além disso, o autor

⁶⁰ Segundo a pesquisa de Catalão Jr (2010), os 18 livros-reportagem mais vendidos são, em ordem: *Olga* (Fernando Moraes); *A viagem do descobrimento: A verdadeira história da expedição de Cabral* (Eduardo Bueno); *A terceira onda* (Alvin Toffler); *1968: O ano que não terminou* (Zuenir Ventura); *As vidas de Chico Xavier* (Marcel Souto Maior); *Náufragos, traficantes e degredados: As primeiras expedições ao Brasil, 1500-1531* (Eduardo Bueno); *Chatô: O rei do Brasil* (Fernando Moraes); *A ditadura envergonhada* (Elio Gaspari); *A ditadura escancarada* (Elio Gaspari); *Rumo à Estação Finlândia: Escritores e atores da história* (Edmund Wilson); *Vinho & guerra: Os franceses, os nazistas e a batalha pelo maior tesouro da França* (Don e Petie Kladstrup); *Capitães do Brasil* (Eduardo Bueno); *Stupid white men: Uma nação de idiotas* (Michael Moore); *Rota 66: A história da polícia que mata* (Caco Barcellos); *Abusado: O dono do Morro Santa Marta* (Caco Barcellos); *As veias abertas da América Latina* (Eduardo Galeano); *Brasil: Uma história – A incrível saga de um país* (Eduardo Bueno) e *Mauá: Empresário do Império* (Jorge Caldeira).

atenta ao fato de que Lima prestigia o jornalismo literário quando recorre às características da especialidade.

Não parece aceitável equiparar ‘qualidade literária’ ao simples emprego recorrente de um conjunto particular de técnicas narrativas, caso entendamos ‘qualidade literária’ como sinônimo de ‘valor literário’, e Lima não apresenta qualquer argumento que sustente essa ideia. (CATALÃO JR, 2010, p. 27).

Professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), o pesquisador conclui algumas questões a respeito do livro-reportagem que é produzido e consumido no Brasil durante o período do *corpus*. A primeira delas é a autoria individual como uma das principais características. Catalão Jr (2010, p. 233) indica que a grande maioria das obras avaliadas foi escrita por um único autor. Assim, o autor conclui que “[...] não será em decorrência do vínculo funcional com a organização jornalística que o repórter terá seu trabalho remunerado [...], mas pela eventual resposta positiva do leitorado à proposta de leitura (e de consumo) que lhe é feita, comprando ou não o livro”.

A narração é outro aspecto levantado pelo autor. Segundo Catalão Jr (2010, p. 233), nas obras avaliadas, “[...] quase todos os enunciados que o integram são relatos em que prevalece a narração linear de uma sucessão de eventos, articulados conforme a suposta ordem cronológica de suas ocorrências”. Com o intuito de captar novos leitores - e até pela grife que alguns nomes autorais impactam - outra consideração diz respeito à familiaridade. A forma livre de se expressar faz com que em todos os textos estudados, “[...] o leitor é sempre um ‘você’, nunca um ‘senhor’ ou ‘senhora’, nem uma pessoa cuja condição – social ou de classe, por exemplo – determine qualquer protocolo especial na maneira como o autor lhe dirige a palavra” (CATALÃO JR, 2010, p. 234). Pela maneira de conduzir a história, os textos analisados pelo professor levaram à conclusão de que o livro-reportagem tem também por característica o didatismo.

Catalão Jr (2010, p. 235) se preocupou em observar a confiança que o livro-reportagem causam no público leitor e, assim, percebeu outra particularidade: a onisciência. “[...] raramente se encontram dúvidas, indefinições ou inquietações do autor, seja quanto aos acontecimentos relatados, às teses defendidas ou às informações que as sustentam e ao processo por meio do qual elas foram obtidas”. O sétimo atributo percebido por Catalão Jr (2010, p. 236) é a personificação, ou seja, “[...] o livro-reportagem é um gênero dedicado a personagens – ainda que seus enunciados não sejam, necessariamente, biográficos”. Por fim, ele menciona um

último aspecto: a contemporaneidade, ou seja, a noção de atualidade vai além do imediato e reflete na posteridade.

Neste sentido, é importante notar que a contemporaneidade é um traço recorrente na própria relação dialógica entre autor e leitores, e que tal recorrência não se resume ao fato de o autor se preocupar em, por um lado, pautar um assunto capaz de atrair o interesse do público e, por outro, compor textos acessíveis, facilmente inteligíveis e potencialmente atraentes para o maior número de leitores possível, traço tão em conformidade à cultura de massa desta época. (CATALÃO JR, 2010, p. 237).

Alexandre Maciel (2018) também contribui na temática livro-reportagem. Na tese *Narradores do contemporâneo: Jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil*, o professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) apresenta um painel atualizado do fazer jornalístico no segmento, motivado pela pergunta: como os autores pensam o campo do jornalismo a partir do tipo de prática extensiva da reportagem em livros? (MACIEL, 2018). Para tanto, o pesquisador realizou entrevistas qualitativas em profundidade com 10 jornalistas autores: Adriana Carranca, Caco Barcellos, Daniela Arbex, Fernando Morais, Laurentino Gomes, Leonêncio Nossa, Lira Neto, Rubens Valente, Ruy Castro e Zuenir Ventura. “As entrevistas indicam que os jornalistas autores de livros-reportagem desenvolvem seu trabalho independentemente das hierarquias formais das redações dos jornais” (MACIEL, 2018, p. 19).

O autor conversou com dois editores: Fernando Mangarielo, da Alfa-Ômega, responsável por publicar *A ilha* (1976) e *Olga* (1985) – ambos assinados por Fernando Morais - e Otávio Costa, do Grupo Companhia das Letras, atualmente, a editora que mais publica biografias no Brasil. O primeiro abordou aspectos históricos e o último, diagnosticou o panorama atual bem como apontou tendências (MACIEL, 2018). O professor indica que os diálogos foram importantes para apresentar a realidade individual dos jornalistas e ainda das editoras. “Reflexões cruciais sobre o jornalismo brasileiro, menos pela ótica institucionalizada dos meios de comunicação tradicionais e mais sob os pontos de vista de jornalistas que buscam mais autonomia no seu trabalho de interpretação das problemáticas e personagens nacionais” (MACIEL, 2018, p. 19).

Durante a tese, a fim de entender a elaboração do produto estudado, Maciel (2018) realiza uma analogia com as pesquisas da estadunidense Gaye Tuchman (1983), socióloga que se dedicou às rotinas de produção nas redações. Nos estudos, o autor aborda a ideia de objetividade jornalística.

Na imprensa cotidiana, com exceção cada vez mais rara da grande reportagem, o processamento das notícias não deixa tempo disponível para uma análise epistemológica mais reflexiva. Os jornalistas precisam de uma noção operativa de objetividade, como apontou Tuchman (1983), para reduzir os riscos colocados pelos prazos de elaboração de notícias dentro da periodicidade, pelas ameaças de processos difamatórios e pelas constantes pressões dos superiores pela obtenção de ‘furos’, especialmente a apresentação antecipada dos acontecimentos antes dos concorrentes. Já no processo de elaboração do livro-reportagem e também no caso especial das grandes reportagens, com o tempo mais dilatado de que dispõe, o jornalista pode ensaiar uma superação da objetividade como um ritual estratégico. (MACIEL, 2018, p. 57-58).

Embora o tempo possa facilitar na decantação das memórias das fontes, ele nem sempre é um fator aliado. Otávio Cabral lançou *Dirceu: A biografia* após uma pesquisa de seis meses e sofreu críticas na mídia pela investigação superficial (MACIEL, 2018). Ruy Castro biografou Carmen Miranda durante cinco anos e nesse intervalo enfrentou um câncer de garganta⁶¹. Paulo Cesar de Araújo dedicou 15 anos a decifrar a figura do cantor Roberto Carlos e, semanas após o lançamento da obra biográfica, sofreu com processos judiciais (ARAÚJO, 2014).

A utopia de pensar que um tempo maior e um espaço com mais páginas possa ofertar segurança ao profissional é uma das linhas de trabalho de Maciel (2018). O professor costura as entrevistas e, posteriormente, os capítulos da tese com seções temáticas que ajudam o leitor a entender os bastidores de produção do livro-reportagem. No início das entrevistas, Maciel (2018) questiona aos autores da amostra quais foram as influências e de que forma ingressaram no ambiente literário. Uma das constatações obtidas pelas falas dos jornalistas autores foi de que, mesmo tendo uma admiração por autores como Gay Talese e Truman Capote, a maior identificação ocorreu com escritores nacionais que foram lapidados nos ambientes de redação. Outro tópico que Maciel (2018) aborda é a transposição das redações para a vivência literária, já que dos 10 entrevistados, somente Fernando Moraes, Laurentino Gomes, Lira Neto conseguem viver de suas produções.

No tópico seguinte, Maciel (2018) revela a identidade jornalística dos autores ao se debruçarem em uma pesquisa. Para ilustrar, duas opiniões divergentes. Conforme Maciel (2018) mesmo contou, Ruy Castro foi quem mais fugiu das respostas “padrão”. O biógrafo de Nelson Rodrigues, Garrincha e Carmen Miranda foi sincero: “Fui jornalista praticante, diariamente na redação, e exercendo todas as funções possíveis, durante 20 anos. Garanto a

⁶¹ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2015/06/obra-de-heloisa-seixas-revela-como-o-marido-o-escritor-ruy-castro-venceu-os-sete-combates-que-travou-com-a-morte-cjplfkdb00130mncnxexogy8it.html>. Acesso em 13 mar. 2019.

você que, a partir de *Chega de saudade*, o que passei a fazer não tem nada a ver com jornalismo. Tem a ver com a indústria editorial, que é outra coisa” (CASTRO *apud* MACIEL, 2018, p. 171)⁶². Outra referência na arte biográfica, Fernando Moraes discorda e acredita que o que faz é reportagem. “Tem autores que dizem que ‘não, não sou repórter, eu sou autor, eu sou escritor...’ Eu sou repórter. Todos os meus livros, sem uma única exceção, poderiam ser publicados em séries, em fascículos, em jornal. Todos” (MORAIS *apud* MACIEL, 2018, p. 173)⁶³.

Estar longe das pressões diárias ou semanais que circundam o jornalismo nem sempre é uma vantagem. Os escritores podem até não estar perto dos chefes, mas quando o trabalho é solitário, as cobranças se tornam intimistas. Entre enviar as originais e atrasar toda uma cadeia editorial – por consequência, manchando a reputação do próprio nome – os jornalistas se organizam na rotina. Outro quesito é a relação ética com as lembranças das fontes. “Como tem de se confrontar com várias facetas da memória, inclusive suas falhas e características de incompletude ou reconstrução, muitas vezes o próprio pesquisador sai transformado da experiência” (MACIEL, 2018, p. 185). Soma-se a isso o uso de documentos e materiais históricos que precisam ser manuseados com cuidado a fim de reconstruir o mais próximo daquele cenário.

É um volume tão grande de informações e variáveis de entendimento da realidade nas mãos do jornalista que o tempo mais estendido de produção e mesmo o espaço maior para organizar as informações parecem gerar elementos de pressão tão intensos quanto se estivesse em uma redação, guardadas as diferenças de rotinas. (MACIEL, 2018, p. 188).

A organização dos hábitos foi outra abordagem questionada por Maciel (2018). Enquanto Ruy Castro entrevista sem gravador e se prepara de maneira metódica em todos os livros, Lira Neto, por exemplo, segue um roteiro ao iniciar uma nova pesquisa, mesmo estando em casa: se arruma, toma café, se despede da família e se tranca no escritório em horário comercial. Porém, durante a escrita, novas dúvidas surgem, o que pode comprometer o andamento da confecção biográfica. Assim como os colegas, Fernando Moraes checa exaustivamente as informações antes de seguir adiante. Porém, há casos em que não consegue ser onipresente ou retomar o passado numa máquina do tempo. Por isso, a lealdade é

⁶² Trecho da entrevista do jornalista Ruy Castro concedida exclusivamente ao pesquisador Alexandre Maciel no dia 22/08/2016 (MACIEL, 2018, p. 145).

⁶³ Trecho da entrevista do jornalista Fernando Moraes concedida exclusivamente ao pesquisador Alexandre Maciel no dia 17/09/2016 (MACIEL, 2018, p. 145).

fundamental. “Quando eu lido com o choque frontal de informações que eu não tenho como apurar qual das duas versões é correta, eu dou as duas. Isso, ao contrário de revelar uma fragilidade do autor, ou uma incapacidade de descobrir o que é certo, é honestidade com o leitor” (MORAIS *apud* MACIEL, 2018, p. 192)⁶⁴.

Por fim, Maciel (2018) pergunta aos dez entrevistados sobre o ponto de vista em relação ao jornalismo literário e o espaço dedicado às resenhas dos livros-reportagens. Quanto ao primeiro aspecto, os autores sentem aversão ao serem enquadrados como jornalistas literários. “[A] diferença não estaria no resultado do texto, e sim no processo de apuração multiangular, no tempo disponível para ponderar o volume imenso de descobertas, no espaço maior do livro – condições que podem permitir uma descrição mais fiel dos ambientes e personagens” (MACIEL, 2018, p. 206). Ao segundo ponto, para Fernando Moraes, “[...] a ausência de uma crítica mais sistemática dos livros na imprensa é consequência, principalmente, do fim do jornalismo cultural analítico, que antes era mais comum nos jornais diários, alguns com clássicos cadernos de análise de literatura” (MACIEL, 2018, p. 219).

Como um produto cultural, o livro-reportagem serve para expandir o debate, como forma de preservação da memória nacional. Lira Neto assume compromisso com o leitor ao afirmar que é função do jornalista em esclarecer o ambiente e apresentar os personagens como realmente humanos. Assim, Lira pontua que o autor deva guiar o leitor para que ele consiga entender “‘Que fatores, que vetores interferiram nessa construção? Que personagens, que atores sociais e quais forças institucionais estavam envolvidas para moldar o personagem?’” (MACIEL, 2018, p. 222). Em resumo, os profissionais entrevistados “[...] parecem encarar a profissão com uma perspectiva mais construtivista. Ou seja, [...] uma visão de uma objetividade deflacionada, em busca da pluralidade das vozes, a consciência falibilista e a concepção do conhecimento como construção coletiva” (MACIEL, 2018, p. 224).

É importante ainda resgatar no capítulo três desta dissertação o conceito de LA, proposto pelo professor Luiz Beltrão na década de 1960. Reimão e Castro (2016) interpretam o mercado editorial atual à luz dos estudos beltranianos. Para elas, o Livros de Atualidade (LA) surgiu decorrente da Segunda Guerra Mundial com o intuito de oferecer uma nova interpretação dos acontecimentos. Em setembro de 1968, o auge dessa produção aconteceu na cidade alemã de Frankfurt, onde acontecia a tradicional Feira de Livros. Na oportunidade, os livreiros traziam

⁶⁴ Trecho da entrevista do jornalista Fernando Moraes concedida exclusivamente ao pesquisador Alexandre Maciel no dia 17/09/2016 (MACIEL, 2018, p. 145).

amostras de obras que abordavam sobre protestos estudantis na Alemanha e na então Tchecoslováquia (REIMÃO; CASTRO, 2016).

Dos 100 livros de não-ficção mais comercializados durante a primeira década do século XX, 56 eram de autores brasileiros; destes, destacam-se quatro: o médico Dráuzio Varella, que escreveu *Estação Carandiru* (1999) e os jornalistas Elio Gaspari, autor dos cinco volumes a respeito da ditadura militar – *A ditadura envergonhada* (2002), *A ditadura escancarada* (2002), *A ditadura derrotada* (2003), *A ditadura encurralada* (2004), *A ditadura acabada* (2016) -; Fernando Morais, com *Corações sujos* (2000) e *Olga* (1985), além de Laurentino Gomes, conhecido pela trilogia nacional *1808* (2007) / *1822* (2010) / *1889* (2013).

Pessoas, sociedades e países são constituídos por suas histórias. Assim, para ficarmos apenas em um exemplo, no Brasil do século 21 são evidentes os traços do Brasil colonial, destacadamente as marcas da escravidão, sendo também notáveis as cicatrizes deixadas pelos períodos ditatoriais na disseminada falta de apego aos valores democráticos. [...] Livros nos quais os autores-pesquisadores se debruçam sobre histórias e fatos do passado recentíssimo, e mesmo ainda em andamento, são denominados por Luiz Beltrão como ‘livros de atualidade’. (REIMÃO; CASTRO, 2016, p. 243).

Ao atualizar os dados, Reimão e Castro (2016) observaram que, em 2014, o mercado editorial ainda apostava na tendência de produzir livros a respeito da história do Brasil. Das dez obras de não-ficção mais vendidas, três eram assinados por jornalistas – duas biografias: *Getúlio (1945 - 1954)*, de Lira Neto, sobre o ex-presidente da República e *Sonho grande*, de Cristiane Corrêa, que conta a trajetória de três empreendedores brasileiros. Passados cinco anos dessa última análise, ainda se percebe que a tendência em tanto abordar histórias nacionais quanto retratar histórias de vida permanece como uma estratégia dos editores brasileiros. Fato observado na lista dos livros mais vendidos do ano de 2019.

Neste capítulo, a intenção foi apresentar diversos pontos de vista a respeito da arte biográfica bem como os diversos olhares sobre o conceito de livro-reportagem, suporte utilizado para a confecção da escrita biográfica no jornalismo. A seguir, o trabalho se propõe a discutir as histórias de vida no jornalismo e a gênese do biografismo no seio jornalístico.

CAPÍTULO 4. O UNIVERSO DAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

“É a partir do nós que se amplia a potencialidade do eu”.
(ARFUCH, 2010, p. 107).

Arfuch (2010, p. 36), no capítulo anterior, abordou que o ‘espaço biográfico’ avançou do privado ao público e compreende desde correspondências a entrevistas ou memórias e que “[...] traçariam, para além de seu valor literário intrínseco, um espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente”. Dentro desse espaço, incluem-se os mais variados *reality shows* - A Fazenda, Big Brother Brasil, Casa dos Artistas, MasterChef Brasil, No Limite, The Voice - e arenas de *talk shows* – Conversa com Bial, Greg News, Lady Night, Programa do Jô, Programa do Pôrchat, The Noite – já exibidos nos diversos canais de televisão no Brasil. Enquanto as celebridades são fonte de informações do *gossip* em programas da TV aberta – A tarde é sua, Fofocalizando, Hora da Venenosa, Tricotando, TV Fama, Vídeo Show -, os canais especializados em documentários - Discovery, HBO, History, National Geographic - priorizam a reconstituição do passado histórico de líderes militares, políticos ou religiosos.

Até as próprias escolas de samba se utilizam das histórias de vida para elaborar os enredos que movimentam as avenidas durante o Carnaval. Na cidade de São Paulo⁶⁵, em 2020, a Barroca Zona Sul homenageou a líder quilombola Tereza de Benguela e a Colorado do Brás recuperou a história de Dom Sebastião. Já no Rio de Janeiro⁶⁶, a Paraíso do Tuiuti também lembrou do monarca português e a Acadêmicos do Grande Rio recordou do candomblecista Joãozinho da Gomeia. Enquanto isso, a Acadêmicos do Salgueiro trouxe pra Sapucaí o legado de Benjamin de Oliveira, o primeiro palhaço negro do Brasil e a Mocidade Independente de Padre Miguel prestou homenagem à cantora Elza Soares.

O jornalismo se baseia em histórias de pessoas, sejam elas ilustres ou anônimas. É o cerne do ofício, já que “[...] contar a história de uma vida é *dar vida a essa história*” (ARFUCH, 2010, p. 42). A construção de personagens que possam tornar a humanização das narrativas mais próxima do real torna a realidade mais palpável. Devido a isso, cabe investigar a

⁶⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/carnaval/2020/noticia/2019/12/01/carnaval-2020-em-sp-veja-a-ordem-dos-desfiles-samba-enredo-e-novidades-de-cada-escola-do-grupo-especial.ghml>. Acesso em 08 jan. 2020.

⁶⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2019/10/19/confira-os-enredos-os-sambas-e-os-horarios-das-escolas-do-grupo-especial-para-o-carnaval-de-2020-no-rio-de-janeiro.ghml>. Acesso em 08 jan. 2020.

articulação dessas vidas a acontecimentos particulares. Este capítulo objetiva abordar o universo das narrativas biográficas, a começar pelas diversas histórias de vida que podem ser elaboradas no modelo impresso jornalístico. Num segundo momento, os estudos do jornalismo sobre o mesmo gênero vinculado ao contexto histórico do biografismo brasileiro.

4.1 AS HISTÓRIAS DE VIDA E O JORNALISMO

1904. Quando João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, alcunha de João do Rio⁶⁷, elaborou a pergunta “[...] o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?” (COSTA, 2005, p. 11) e a encaminhou para mais de cem pessoas – destes, 36 retornaram, entre eles nenhuma mulher – o então jornalista tinha a intenção de fazer uma radiografia da vida literária no início do século XX. De acordo com a pesquisa de Cristiane Costa (2005), o jornalismo que se fazia à época de João do Rio era baseado muito em opinião. No início do século XX, os jornais vinham de um processo de modernização em direção ao aprimoramento dos textos, voltados à informação. Para que a notícia e a reportagem trouxessem um tempero diferenciado, João do Rio circulava pelos bairros cariocas à cata de personagens diversificados, como relatado nos contos publicados em *A alma encantadora das ruas* (1910).

Qual o segredo dessa popularidade? [...] João do Rio narrou como ninguém as transformações de uma cidade que se modernizava, vivendo uma verdadeira revolução tecnológica, que afetou mentes e máquinas, e política, com a troca da monarquia pela república. O tempo, que já andava lépido ao correr da pena de Alencar, fascinado pelo movimento dos pés das costureirinhas nas máquinas de costura, e acelerava-se no ritmo dos bondes pegos por Machado, agora se mostrava vertiginoso, elétrico, cinematográfico. A contemplação romântica foi rapidamente corroída. (COSTA, 2005, p. 43-44).

Mais de 100 anos depois, o texto se tornou um documento fundamental para a história da literatura e imprensa brasileiras. Esse contexto pode ser dividido em cinco períodos: o primeiro, de 1808 a 1830, quando o país ingressa no mercado editorial; a segunda etapa, que vai de 1840 a 1910, época da transição do publicista para o letrista; a terceira discute a era da modernização entre 1920 e 1950; o quarto, de 1960 a 1980, sustenta o *boom* da ficção elaborada por jornalistas e o quinto vai de 1980 a 2004, fase esta dedicada aos escritores-jornalistas que decidem sair das editorias pesadas para as mais brandas, como Cultura, onde podem se

⁶⁷ Sugestão: Como fonte complementar de leitura, *João do Rio: Vida, paixão e obra*, do jornalista João Carlos Rodrigues, publicada em 2010 pela Civilização Brasileira, selo literário do Grupo Editorial Record. Disponível em: <https://www.record.com.br/produto/joao-do-rio-vida-paixao-e-obra/>. Acesso em 09 jan. 2020.

aproximar do meio intelectual (COSTA, 2005). Narradores do cotidiano, os jornalistas escritores – antes de colherem frutos no mercado editorial de não ficção –, precisaram “pagar pedágio” no campo da ficção. Entretanto, ainda sem quase nenhum prestígio profissional na sociedade. “Para quem não era capaz de seguir regularmente uma das profissões imperiais – medicina, engenharia e direito –, o único caminho era mesmo o jornalismo, que, se exigia do seu postulante uma habilidade com as palavras acima da média, não fazia questão de diploma” (COSTA, 2005, p. 49).

A fim de compreender essas dificuldades, Costa (2005) traçou esse percurso desafiador dos escritores que se aventuravam em meio a tinta e o papel – seja nas páginas de jornal ou de livros. Na virada do século XIX para o XX, letristas como o cearense José de Alencar e os cariocas Machado de Assis e Olavo Bilac buscavam reconhecimento e fama nos jornais da então capital federal; contudo, o próprio incipiente jornalismo não contemplava se tornar uma profissão bem-remunerada e assim, os homens das letras necessitavam se desdobrar em outros órgãos de imprensa (COSTA, 2005).

Baseado no modelo francês, privilegiava a análise e o comentário, e não a informação. Na história do jornalismo, o rodapé alencariano evoluiu para a crônica de Machado e Bilac, e só no início do século XX abriu espaço para a reportagem e a entrevista, até então raramente usada. Foi esse modelo de reportagem de campo que marcou o nascimento do jornalismo moderno. (COSTA, 2005, p. 41).

No mesmo período, despontava no Rio de Janeiro um mulato, cujo pai trabalhava na Tipografia Nacional e a mãe era professora primária (COSTA, 2005). Afonso Henriques de Lima Barreto⁶⁸ ousou desafiar o modelo de jornalismo tradicional, fincado nos baluartes da República brasileira ainda primitiva. Com dificuldades de se manter no jornalismo, tentou sem sucesso migrar para a literatura. Caso típico foi o *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, publicado em 1909 quando Lima Barreto tinha 28 anos. Nas obras, deixava transparecer a acidez nas críticas daquela sociedade movida pela camaradagem em falsas parcerias, o que desagradou parte da imprensa. “Nas páginas de seus livros, Lima Barreto exibiria os bastidores do jornalismo e do sistema de compadrio que fazia triunfar as mediocridades literárias, numa espécie de seleção natural invertida pelo espírito de corpo, usando e abusando da influência da

⁶⁸ Duas obras podem ajudar a iluminar a trajetória do escritor: *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*, escrita por Francisco de Assis Barbosa. Disponível em: <https://grupoautentica.com.br/autentica/livros/a-vida-de-lima-barreto/1499>. Acesso em 09 jan. 2020. Além disso, *Lima Barreto: Triste visionário*, da historiadora Lilia Moritz Schwarcz. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=14336>. Acesso em 09 jan. 2020.

imprensa” (COSTA, 2005, p. 59). Frustrado por não se sentir reconhecido - por consequência, pertencente aos círculos letrados da Capital - e ressentido pela crise financeira diante dos problemas sociais que enfrentava, o escritor falece aos 41 anos na obscuridade (COSTA, 2005).

Carlos Drummond de Andrade⁶⁹ também é outro exemplo de escritor que alugou a pena. O mineiro se ofereceu para escrever ainda adolescente no periódico *Jornal de Minas*. Após formado em Farmácia, retornou a cidade-natal Itabira; porém, foi bater porta no *Diário de Minas* atrás da vaga de redator. O jornal era mal equipado, mas foi berço do movimento modernista em Minas Gerais, além de fazer a ponte com escritores paulistas, como Mário de Andrade. Dessa época, Drummond se destaca. No fim da década de 1920, o magnata Assis Chateaubriand o convida para integrar a equipe dos Diários Associados, mas Drummond não aceita (COSTA, 2005).

Engana-se quem imagina que os desafios do profissional jornalista tenha se limitado apenas ao início do século XX. Nos idos de 1950, a dificuldade ainda imperava nas redações brasileiras. O alagoano Graciliano Ramos de Oliveira⁷⁰, mesmo após ter publicado obras que marcariam sua trajetória profissional – como *São Bernardo* e *Vidas Secas* – ainda vivia com problemas financeiros junto à família (COSTA, 2005). Aceitou emprego para retornar ao jornal *Correio da Manhã* e não continuar na penúria. Seria nesse periódico que Ramos presenciaria mudanças no estilo de se fazer jornalismo, como o emprego de vocabulário simples e o uso de linguagem objetiva.

Um impacto semelhante ao provocado pela Semana de 22, separando a literatura parnasiana da moderna, seria repetido na imprensa nos anos 50, com a introdução do lide. Foi uma sentença de morte ao nariz-de-cera, aquelas intermináveis digressões que costumavam preceder a informação propriamente dita. A partir da importação do novo modelo, promovida por jornalistas brasileiros que passaram temporadas nos Estados Unidos, como Danton Jobim, Samuel Wainer e Alberto Dines, a técnica jornalística e a arte literária começariam a se afastar definitivamente. (COSTA, 2005, p. 100).

Nem todos aceitaram a modernidade trazida pelos americanos do Norte, entre eles, o pernambucano Nelson Falcão Rodrigues⁷¹. Para ele, o mais complicado era a linguagem

⁶⁹ A primeira biografia a respeito do escritor mineiro foi *Os sapatos de Orfeu*, escrita pelo jornalista José Maria Cançado e publicada em 1993.

⁷⁰ A quem se interessar, a Boitempo Editorial publicou em 2012 a biografia *O velho Graça: Uma biografia de Graciliano Ramos*, escrito pelo jornalista Dênis de Moraes. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/o-velho-graca-407>. Acesso em 09 jan. 2020.

⁷¹ Sugestão: Para mais informações, *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*, biografia escrita por Ruy Castro e lançada em 1992. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=10351>. Acesso em 09 jan. 2020.

modificada e a questão de ter que se “[...] acostumar ao fato de que a mistura de jornalismo e ficção, de que o jornalismo sensacionalista tanto se fartou, dava lugar ao modelo americano de texto uniformizado. [...] Era o fim da imprensa com ponto de exclamação, que tinha feito a glória e a miséria da família Rodrigues” (COSTA, 2005, p. 127). Além de atuar nos bastidores do jornalismo esportivo no estádio do Maracanã, o escritor fez carreira como dramaturgo. E foi a partir da discordância perante às regras do manual de redações, que o *Última Hora* lhe ofereceu uma coluna diária de crônicas: chamava-se *A vida como ela é*. “A idéia era que escrevesse a partir de fatos reais. Mas o escritor preferiu inventar tudo, preenchendo sua coluna com os mesmos personagens típicos da Zona Norte carioca que faziam parte de suas reportagens e de seu teatro” (COSTA, 2005, p. 128). E num intervalo de aproximadamente três décadas, do falecimento de João do Rio ao surgimento da coluna de Nelson - que, mais tarde, se tornaria peça teatral -, a então capital da República encontrava novamente o seu mais novo jornalista popular.

No próximo tópico, a dissertação procura resgatar um pouco da história do biografismo brasileiro e o envolvimento com o jornalismo. Porém, antes disso, é importante mencionar que as histórias de vida – aqui tratadas como narrativas biográficas – funcionam como uma força motriz do jornalismo. O professor aposentado da USP, Edvaldo Pereira Lima, foi pioneiro no Brasil em estudar a abordagem do termo jornalismo literário e os gêneros identificados a essa especialidade. Embora nem todas as narrativas biográficas sejam produzidas a partir do embasamento literário, será válido neste momento categorizar os grupos assinalados pelo docente. Segundo Lima (2009), as histórias de vida são divididas em seis: biografia, perfil, memória, ensaio pessoal, autobiografia e jornalismo literário de viagem. Para fins acadêmicos, este trabalho se pauta aos primeiros cinco itens, em especial o primeiro.

Para Lima (2009, p. 425), a biografia é uma narrativa de longo percurso “[...] cuja missão é contar toda a vida de uma pessoa, viva ou morta”. Esse gênero se apropria dos detalhes e objetiva se aproximar de uma totalidade que, infelizmente, nunca é definitiva. Pelo contrário, é apenas uma versão daquela vida. A jornalista Josélia Aguiar (2018, p. 559), por exemplo, foi sincera ao recontar os bastidores da primeira experiência de produção biográfica. “Concluo sete anos de trabalho com a certeza de que Jorge Amado é uma área de investigação interminável, que ainda deve ser explorada em muitos campos”. Piza (2005, p. 364) também foi realista ao revelar as dificuldades em biografar o escritor Machado de Assis. “Machado morreu consagrado, embora em alguns aspectos incompreendido. Quase 100 anos depois, sua obra continua a ser interpretada de todas as maneiras, nenhuma delas suficiente. É a marca do gênio”. É importante incluir neste quesito a noção de ilusão biográfica cunhado pelo francês Pierre

Bourdieu (2001). Nele, o sociólogo lembra que a vida de um sujeito não é possível de se registrar num livro em única ou mais edições ou que essa história aconteceu daquela maneira, de forma linear.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 2001, p. 185).

O perfil é outra categoria inserida nas narrativas biográficas. Nele, uma de suas características é buscar um retrato psicológico a partir do momento presente. A missão é “[...] lançar luzes sobre alguém, compreendê-lo sob diferentes matizes de cores” (LIMA, 2009, p. 428). Casos clássicos são os textos “The duke in his domain”⁷², perfil do ator Marlon Brando escrito pelo norte-americano Truman Capote em 1956 para a revista *The New Yorker*; “It’s a honor”⁷³, “[...] a história de Clifton Pollard, o homem que cavou a sepultura de Kennedy no Cemitério Nacional de Arlington” (WEINGARTEN, 2010, p. 101), elaborado pelo nova-iorquino Jimmy Breslin e publicado na *Trib* em 1963; “Frank Sinatra has a cold”⁷⁴, publicado em 1966 na revista *Esquire* pelo também estadunidense Gay Talese, conforme descrito abaixo:

Sinatra com um resfriado é Picasso sem tinta, Ferrari sem combustível - só pior. Pois o frio comum rouba Sinatra daquela jóia não segurável, sua voz, cortando o núcleo de sua confiança, e isso afeta não apenas sua própria psique, mas também parece causar uma espécie de gotejamento nasal psicossomático dentro de dezenas de pessoas que trabalham para ele, beba com ele, ame-o, dependa dele para seu próprio bem-estar e estabilidade. Um Sinatra com um frio pode, de uma maneira pequena, enviar vibrações através da indústria do entretenimento e além, assim como um Presidente dos Estados Unidos, subitamente doente, pode abalar a economia nacional. (TALESE, 2004, p. 258).

Os textos de memórias também são um filão de produção e vendagem. Neles, há um corte no tempo específico do passado onde o autor reconta um fato marcante em sua trajetória. Difere tanto da biografia, que pretende contar tudo; quanto do perfil, que busca abordar o aspecto psicológico. De acordo com Lima (2009, p. 430-431), “[...] esse tipo de narrativa focaliza essencialmente a memória (isto é, a lembrança) e as impressões que o protagonista tem do seu passado e portanto se constrói quase que invariavelmente na primeira pessoa do

⁷² Tradução livre: O duque em seu domínio.

⁷³ Tradução livre: É uma honra.

⁷⁴ Tradução livre: Frank Sinatra está resfriado.

singular”. Abaixo, um trecho das reminiscências do repórter Samuel Wainer, publicado no clássico *Minha razão de viver*:

Eu tinha então 38 anos, e ouvia de um presidente da República que poderia ter o que quisesse. Quase 25 anos antes, incorporado à saga de uma família de imigrantes judeu, eu era um dos meninos do Bom Retiro, o velho bairro de São Paulo, e vivia confinado nas fronteiras de uma infância pobre. Muito tempo depois, quando tentaram negar-me a condição de brasileiro – num episódio de que adiante se falará nestas memórias –, um delegado de polícia, em meio a um interrogatório que pretendiam humilhante, fez-me uma pergunta:

- Senhor Wainer, qual é a primeira imagem física que o senhor guarda de sua pátria?

- A várzea do Bom Retiro – respondi-lhe em tom sereno. (WAINER, 1988, p. 17).

Outro exemplo identificado às histórias de vida é o chamado ensaio pessoal. Lima (2009) descreve que essa modalidade descende do tradicional ensaio, onde se debate uma temática baseada na reflexão autoral. Pela ótica do jornalismo literário, o ensaio pessoal é um texto de reflexão intelectual. “Significa que o autor escreve sobre um tema por que há um motivo individual muito forte que o impele a fazer isso, de caráter emocional ou intelectual, ou ambos. Há uma necessidade premente de compreensão” (LIMA, 2009, p. 431). Um caso similar é o livro *Radical chique*, onde o repórter Tom Wolfe discorre sobre o movimento do Novo Jornalismo que contagiou as redações norte-americanas ao longo da década de 1960.

Foi no final de 1966 que se começou a ouvir as pessoas falarem de ‘Novo Jornalismo’ em conversa, pelo que posso lembrar. Não sei ao certo...Para dizer a verdade, eu nunca nem gostei da expressão. Qualquer movimento, grupo, partido, programa, filosofia ou teoria que tem ‘Novo’ no nome está chamando confusão. [...] Na época, meados dos anos 60, o que aconteceu foi que, de repente, sabia-se que havia uma espécie de excitação artística no jornalismo, e isso em si já era uma novidade. (WOLFE, 2005, p. 40-41).

Por fim, a autobiografia, escrita pelo protagonista em questão. No moderno universo editorial, textos são escritos não pelo “dono da história”, mas sim por um profissional contratado – o chamado *ghostwriter*, oculto na obra, ou numa parceria assumida publicamente. “Escrever sobre a própria vida é desejar imensamente partilhar com os outros os *insights* e a luminosidade das histórias que se apoderaram da imaginação de quem as registra” (VILAS BOAS, 2002, p. 59). Um exemplo para retratar esse caso é a biografia de José Eugênio Soares, o Jô, escrita a quatro mãos com o jornalista paulista Matinas Suzuki Jr. Segundo o site *Publishnews*, a obra foi o 19º livro mais vendido no Brasil em 2018 na categoria não-ficção.

Paris, 1954. Eu jantava com minha mãe no Calavados. O famoso ator e comediante francês Robert Lamoureux também estava lá. Na maior cara de pau, fui até ele e perguntei se poderia mostrar uma coisa que eu sabia fazer. Como o ator gentilmente consentiu, exibi sobre sua mesa o meu grande número da época, uma divertida dança com os dedos das mãos calçando sapatinhos. Quando acabei, o Lamoureux disse:
 — Não sei o que você quer ser na vida, mas não tem jeito, vai acabar fazendo teatro. (SOARES, 2017, p. 17).

Para esclarecer ainda mais essa última categoria, o professor francês Philippe Lejeune (2014) argumenta que a autobiografia se caracteriza por quatro categorias: as formas de linguagem, o assunto tratado, a situação do autor e a posição do narrador. “Para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o *autor*, o *narrador* e o *personagem*” (LEJEUNE, 2014, p. 18). No trabalho, Lejeune (2014) destaca as parcerias entre autores na hora de recontar a própria vida. Conforme o francês explica, o trabalho de escrita não difere de outras modalidades textuais. “Quanto mais a elaboração do texto for esmerada (e o texto, ‘bem-sucedido’), mais intenso será o sentimento de responsabilidade exclusiva de cada uma das partes” (LEJEUNE, 2014, p. 143). Por fim, o professor tenta decifrar o mistério das escritas de si:

A autobiografia está virtualmente concluída desde o começo, um vez que a narrativa que começamos deve terminar no momento em que escrevemos. Conhecemos o ponto de chegada da narrativa, uma vez que o estamos vivendo, e sabemos que tudo vai ser escrito para levar a esse ponto e explicar por que chegamos até ele. (LEJEUNE, 2014, p. 315).

Borges (2018), por sua vez, defende que tanto a autobiografia quanto a própria biografia, quando associadas ao jornalismo literário, podem se expandir e se consolidar como fonte de estudos. Segundo ele, as biografias “[...] tantas vezes corretamente consideradas livros-reportagem, e os relatos autobiográficos, que se constituem em registros históricos em várias ocasiões, apresentam identificação patente com inúmeras características basílicas de um jornalismo autoral e narrativo” (BORGES, 2018, p. 808).

Na academia, o professor Sergio Vilas Boas foi pioneiro no Brasil em estudar as biografias, segundo o olhar jornalístico. Na dissertação atualizada e publicada em livro no ano de 2002 – *Biógrafos & Biografados: Jornalismo sobre personagens* – o autor discorre sobre o fenômeno de vendagem a partir dos livros *Chatô: O rei do Brasil* (1994), *Mauá: Empresário do império* (1995) e *Estrela solitária: Um brasileiro chamado Garrincha* (1995), escritos pelos jornalistas Fernando Morais, Jorge Caldeira e Ruy Castro, respectivamente. Ao longo do

estudo, Vilas Boas (2002) esclarece que cada escrita biográfica possui um objetivo diferente, motivado também por interesses diversos. Assim, cabe-se um contrato autoral apropriado para cada questão. Para o pesquisador, esses “pactos” podem ser classificados em quatro grupos:

- * *biografias autorizadas*, escritas e publicadas com o aval e eventualmente com a cooperação do biografado e/ou de seus familiares e amigos;
- * *independentes* (também conhecidas como *não-autorizadas*), em que o biógrafo investiga sem o consentimento formal do biografado ou de seus descendentes;
- * *encomendadas* (por editores, familiares ou pelo próprio personagem central);
- * *ditadas*, em que o biógrafo escreve uma autobiografia ou memórias em nome do personagem central, no papel de *ghostwriter*. (VILAS BOAS, 2002, p. 48).

Nesse mesmo trabalho, Vilas Boas aborda a respeito da utilização das fontes. Para melhor categorizar, o professor nomeou de primárias aquelas que são gravadas ou impressas, como as cartas, diários, documentos oficiais e não-oficiais; já as secundárias se referem às fontes que exigem recordações, como é o caso das entrevistas pessoais. Nesse aspecto, é válido constatar que as cartas e diários não são considerados gêneros, mas ferramentas importantes para auxiliar a compreensão das escritas de si. “Um texto epistolar pode desvendar a identidade tanto do remetente quanto do destinatário. O remetente exprime uma visão de mundo, sua auto-imagem (pelo menos o que é ou gostaria de ter sido), e o grau de intimidade entre os dois determina a linguagem” (VILAS BOAS, 2002, p. 58).

Todos esses tipos de textos pertencem ao conceito de ‘espaço biográfico’, defendido por Arfuch (2010). Em seu levantamento, a pesquisadora evidencia que o século XVII foi marcante na narração de vidas ilustres. Para ela, o interesse pelas vidas alheias suscita entender, através do proibido, “[...] os grandes acontecimentos (guerras, revoluções, alianças) por um rosto oculto e, conseqüentemente, mais verdadeiro: paixões, ciúmes, desejos irrefreáveis, decisões de alcova, motivações que escapam às causalidades públicas ou publicamente invocadas” (ARFUCH, 2010, p. 44).

Na virada do século, os anos 1700 seriam lembrados pelo ‘intercâmbio epistolar’ (ARFUCH, 2010). Seja de caráter informativo ou sentimental, os textos intimistas dialogam numa conexão confessional: o conteúdo não seria recheado de personagens míticos, mas de costumes familiares e de rotinas cotidianas.

Os relatos epistolares em particular, com sua impressão de imediaticidade, de transcrição quase simultânea dos sentimentos experimentados, com o frescor

do cotidiano e do detalhe significativo do caráter, propunham um leitor levado a olhar pelo buraco da fechadura com a impunidade de uma leitura solitária. [...] A literatura se apresentava, assim, como uma violação do privado, e o privado servia de garantia precisamente porque se tornava público. (ARFUCH, 2010, p. 47).

Fora do padrão de jornalismo literário, Lejeune (2014) assegura que, no caso da carta, por exemplo, quando postada, ela continua sendo atributo de quem escreveu e “[...] depois de sua morte, de seus herdeiros, que são os únicos que podem autorizar a publicação” (LEJEUNE, 2014, p. 294); ademais, “[...] na medida em que uma carta desvela a vida privada, toda pessoa envolvida (o autor, o destinatário ou terceiros) pode se opor à divulgação e à publicação” (LEJEUNE, 2014, p. 294).

Quanto aos diários, Lejeune conclui que esses materiais constituem uma série de vestígios. A propósito, a função mudou bastante durante o ciclo da história. “No início, os diários foram coletivos e públicos, antes de entrarem também na esfera privada, depois individual, e, enfim na mais secreta intimidade. Digamos apenas que um diário serve sempre, no mínimo, para construir ou exercer a memória de seu auto (grupo ou indivíduo)” (LEJEUNE, 2014, p. 301). Sob a perspectiva de tempo e duração, o diário é interminável, já que ao final da escrita, novos fatos acontecem. “‘Terminar’ um diário consiste em isolá-lo do futuro e incorporá-lo às construções do passado” (LEJEUNE, 2014, p. 316). Um dos textos mais conhecidos e lidos nesse segmento é *O diário de Anne Frank*, originalmente escrito no período 1942-1944. Em pesquisa no site *Publishnews*, que realiza o levantamento semanal dos livros mais vendidos no Brasil desde 2010, além de mensurar as vendas por editoras, constata-se que a obra frequenta a lista dos mais vendidos na categoria não-ficção desde 2014⁷⁵.

A obra acima mencionada é um bom exemplo que ilustra como “[...] relatos ou testemunhos que, para além da peripécia pessoal, apontam para a reconstrução de certas dimensões da história e da memória coletiva” (ARFUCH, 2010, p. 106). Vítima da perseguição nazista, Anne Frank morreu aos 15 anos de idade juntamente com a irmã Margot, no campo de concentração de Bergen-Belsen, situado na Alemanha, e não sobreviveu para relatar os bastidores da Segunda Guerra; porém, graças ao pai Otto – que sobreviveu ao confronto bélico e encontrou o diário –, Anne pode ser ouvida através das descrições registradas naquelas páginas.

⁷⁵ Em 2014, o livro vendeu 37.447 exemplares e ocupou a 10ª posição. A partir desse ano, figurou sempre entre os dez mais vendidos no Brasil na categoria não-ficção: em 2015, 85.966 (6º); em 2016, 95.315 (2º); em 2017, 40.937 (6º); ano passado, 47.359 (8º). Em pouco mais de 30 dias de 2019, *O diário de Anne Frank* já ocupava o nono lugar com 3.771 exemplares. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/13/2019/0/0>. Acesso em 13 fev. 2019.

É assim que, nessa senda onde a tentação biográfica se torna irresistível para o escritor, o diário poderá substituir, com vantagem, a autobiografia, consignar os fatos memoráveis e avançar mais um passo em direção ao íntimo talvez menos ‘biográfico’ – a angústia, o medo, o erotismo. Do mesmo modo, e fora da intenção do autor, poderá ser exumado, arqueologicamente, como marca vivida, fragmento, revelação. [...] Como lugar de memória, o diário se aproxima do álbum de fotografias – a outra arte biográfica por excelência -, cuja restituição da lembrança, talvez mais imediata e fulgurante, solicita também um trabalho à narração. (ARFUCH, 2010, p. 144-145).

Ao pesquisar os relatos de mulheres sobreviventes nos campos de concentração de Auschwitz-Birkenau, localizada na Polônia, o sociólogo austríaco Michael Pollak (1989) constatou que ao analisar os ditos excluídos do ambiente social – bem como os marginalizados e as minorias – a memória subterrânea se fez presente ao se opor a uma memória considerada oficial, verdadeira, correta. “O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (POLLAK, 1989, p. 3). Ao concluir que o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo, Pollak (1989, p. 11) infere que “[...] um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação”.

Sarlo (2007) contribui com o debate ao indicar que o passado se torna conflituoso à medida que as lembranças surgem de forma incontrollável. Entretanto, embora houvesse um enfraquecimento diante do instantâneo, os últimos anos presenciaram uma volta à valorização da memória. Essas décadas “[...] foram as décadas da museificação [...] do surpreendente renascer do romance histórico, dos best-sellers e filmes que visitam desde Tróia até o século XIX, das histórias da vida privada” (SARLO, 2007, p. 11). Essa busca pela compreensão do passado a partir das narrativas de vida cotidiana evidencia a necessidade dos indivíduos procurarem se identificar com padrões diante de uma crise de pertencimento num mundo líquido (BAUMAN, 2005) bem como originalidades de atores sociais que foram estigmatizados. “Esses sujeitos marginais que teriam sido relativamente ignorados em outros modos de narração do passado, demandam novas exigências de método e tendem à escuta sistemática dos ‘discursos de memória’: diários, cartas, conselhos, orações” (SARLO, 2007, p. 17).

4.2 O BIOGRAFISMO BRASILEIRO PELA ÓTICA JORNALÍSTICA

O gênero Biografia vive num tensionamento de fronteiras, limites estes que se esbarram ora na História, ora nas Ciências Sociais e, ainda, no campo do Jornalismo. Aliás, desde os anos 1930, a biografia no Brasil se tornou um segmento de leitura apreciado. “Foi a época da voga brasileira de Stefan Zweig, de Emil Ludwig e de Van Loon, os três embarcando na conjuntura favorável a uma linha de divulgação de bom nível” (GALVÃO, 2005, p. 363), período marcado por um surto editorial; porém, de biografias traduzidas.

Para Mariza de Andrade (2013), as décadas de 1930 a 1960 foram o período de forte atuação do biografismo no Brasil. Aliás, os primeiros 20 anos são identificados como uma epidemia biográfica, fato que coincide com a Era Vargas. Durante o primeiro período getulista, em especial no Estado Novo, os editores de livros “[...] demonstravam a necessidade de publicação de obras sobre a História do Brasil, por meio da retificação de seus personagens e fatos, além daquelas nas quais se projetavam noções sobre o nacional/regional e a incorporação do povo à nação” (ANDRADE, 2013, p. 96).

Coincide o fato de também a indústria editorial ter passado por um processo de modernização, fato já comentado no capítulo dois desta pesquisa, e por consequência, o objeto livro ter se transformado em produto atrativo ao leitor. É dessa fase que as editoras se utilizam de estratégias como o uso de cores junto à capa, alterações nas dimensões e tamanhos apropriados ao manuseio dos consumidores finais (ANDRADE, 2013). Além dessas mudanças, em sintonia com o sentimento de pertença ao nacional, os autores brasileiros que se aventuravam pela arte biográfica eram influenciados por biógrafos consistentes e que já colhiam louros em solo europeu, como o inglês Giles Lytton Strachey⁷⁶, pesquisador do passado da rainha Vitória; o francês André Maurois⁷⁷ (Figura 3), que dissecou a vida de várias personalidades da França, como Napoleão Bonaparte; e o italiano Giovanni Papini⁷⁸, responsável por recontar a vida de Jesus Cristo e Santo Agostinho (ANDRADE, 2013).

⁷⁶ Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Lytton-Strachey>. Acesso em 11 jan. 2020.

⁷⁷ Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Andre-Maurois>. Acesso em 11 jan. 2020.

⁷⁸ Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Giovanni-Papini>. Acesso em 11 jan. 2020.

Figura 3 – André Maurois



Fonte: Encyclopaedia Britannica (2020)⁷⁹

Entre os precursores brasileiros, destacam-se as figuras de historiadores como Pedro Calmon e Luís Viana Filho (Figura 4), que escreveu a trilogia sobre os estadistas do fim do Império e início da República: *A vida de Rui Barbosa* (1941), *A vida de Joaquim Nabuco* (1952), *A vida do Barão do Rio Branco* (1959). Contudo, foi com Elói Pontes – autor de *A vida inquieta de Raul Pompéia* (1935), *A vida dramática de Euclides da Cunha* (1938), *A vida contraditória de Machado de Assis* (1939), *A vida exuberante de Olavo Bilac* (1944) (VIEIRA, 2015) - e, especialmente, Raimundo Magalhães Jr. (Figura 5), que a biografia seria também adotada pelos jornalistas. Ensaísta, teatrólogo, tradutor e ainda jornalista, Magalhães Jr. modernizou o gênero com *Três panfletários do Segundo Reinado* (1956), *Dom Pedro II e a condessa de Barral* (1956), *Deodoro: a espada contra o Império* (1957), *Rui, o homem e o mito* (1964), entre outras obras (ANDRADE, 2013) e contribuiu para a evolução do biografismo.

Figura 4 – Luís Viana Filho



Fonte: Academia Brasileira de Letras (2020)⁸⁰.

⁷⁹ Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Andre-Maurois>. Acesso em 11 jan. 2020.

⁸⁰ Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/luis-viana-filho>. Acesso em 11 jan. 2020.

Figura 5 – Raimundo Magalhães Jr.



Fonte: Academia Brasileira de Letras (2020)⁸¹.

Originalmente publicado em 1945, o livro *A verdade na biografia* foi escrito por Viana Filho (1978) a fim de elaborar um manual do percalço biográfico, desde o panorama histórico do gênero até as dificuldades que, por ventura, podem ser encontradas caso alguém se aventurasse pelo ofício. Quarenta anos antes de Bourdieu (2001) conceituar sobre a “ilusão biográfica”, Viana Filho (1978, p. 47) já comparava textos de biógrafos diferentes a imagens desiguais obtidas por variadas máquinas fotográficas. O autor reconhece que, “[...] quando lemos uma biografia não fazemos mais do que ver a vida duma personalidade através dum biógrafo, e com todas as deformações, coloridos, restrições, e omissões daí decorrentes”. E completa: “De qualquer forma, porém, o autor estará sempre presente, e a biografia sofrerá dele o reflexo do seu temperamento” (VIANA FILHO, 1978, p. 47).

Motivado em também tentar categorizar as tipologias do gênero biográfico, Viana Filho (1978) reflete sobre a influência do tempo na concepção do resultado final da pesquisa. Segundo ele, três aspectos influenciam na mudança de ponto de vista sobre determinada pessoa: o aparecimento de novos documentos, que renovam o olhar a partir de dados concretos; a ampliação da perspectiva, ou seja, “[...] a maior distância, alargando o horizonte, far-nos-á compreender com mais segurança à influência exercida pela ação de qualquer indivíduo. [...] também não devemos esquecer que a distância excessiva poderá prejudicar a sua capacidade de descortinar a verdade” (VIANA FILHO, 1978, p. 50-51) e a alteração dos critérios de julgamento, que ocorre com o amadurecimento do próprio biógrafo. Porém, no capítulo dedicado aos biógrafos, o autor recorda que a obra biográfica é resultado de seleções, na qual o

⁸¹ Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/raimundo-magalhaes-junior/biografia>. Acesso em 11 jan. 2020.

autor é juiz. Isto é, nas escolhas empíricas cabem acertos, mas também aparecem falhas. E adverte:

[...] desde que é ‘retrato’, cada biografia será não somente um pouco diferente do original, senão também diferente de todos os ‘retratos’ feitos por outros biógrafos. Mas, assim como os melhores retratos não são os que têm mais tinta, ou os que nos mostram todos os poros duma face, também as melhores biografias não serão as que encerrem maior número de documentos e citações, mas as que, no conjunto, logrem proporcionar-nos nítida e real impressão sobre a vida e a personalidade de um homem. (VIANA FILHO, 1978, p. 57).

Segundo Andrade (2013), as publicações da época – e que acabou sendo renovada por Magalhães Jr. – foi de que os protagonistas das biografias eram figuras intocáveis, abençoadas por uma cultura dita histórica. Já em 1950, no período presidencial populista com Dutra, Vargas e JK, “[...] a implicação direta da formulação de imagens, pela história de vida, correspondia a uma evidência – um modelo de verdade, ainda que imaginário, sobre o nacional e de inquestionável peso na memória histórica do país” (ANDRADE, 2013, p. 108).

Ao procurar desvendar e oferecer fôlego às interpretações a respeito da vida de Rui Barbosa, uma das figuras até então mais respeitáveis da República brasileira, Magalhães Jr. se deparou com alguns fatos novos que precisou revelar. Tratado como obra bombástica (ANDRADE, 2013), o livro *Rui, o homem e o mito* (1964) sofreu represálias de jornalistas, simplesmente por haver resistência em não aceitar novas explanações sobre a trajetória do jurista baiano. Da mesma forma, houve dificuldades por parte da crítica cultural em separar o cidadão Rui da Águia de Haia, alcunha que Barbosa carregou consigo e que ajudou a fermentar o imaginário social. Em 1964, o colunista João Condé declarou ao jornal *Correio da Manhã*:

‘R. Magalhães Junior entregou à Civilização Brasileira os originais de ‘Rui, o homem e o mito’, livro que a exemplo do que aconteceu com ‘Machado de Assis desconhecido’ vai surtir o feito de uma bomba nos arraiais das letras. [...] Por quê? Simplesmente pelo fato de que, nessa obra, o conhecido escritor e pesquisador traça-nos um perfil de Rui Barbosa que foge inteiramente aos moldes adotados por quase todos os biógrafos do estadista brasileiro’. (ANDRADE, 2013, p. 119).

Como já acontecido com as biografias não-autorizadas que foram boicotadas pelos protagonistas ou familiares dos biografados, a polêmica gera curiosidade. “No *ranking* nacional dos *best-sellers* [...] de acordo com algumas livrarias do Rio de Janeiro, São Paulo e de mais quinze capitais do país [...] *Rui, o homem e o mito* era o mais vendido dos autores nacionais” (ANDRADE, 2013, p. 125). Cinquenta anos antes do caso travar no STF, um jornalista já sofria

perseguição de colegas da própria imprensa, acusado de impatriótico (ANDRADE, 2013) por biografar um personagem tido como intocável e acima de tudo, revelar erros, defeitos ou pecados.

O fato é que o interesse dos jornalistas por histórias biográficas remonta a um passado secular. Essa aproximação com a literatura iniciou no século XIX, através do realismo literário, nas figuras do francês Gustave Flaubert, do português Eça de Queiroz e do também francês Émile Zola, autores de *Madame Bovary* (1857), *O crime do Padre Amaro* (1875) e *Germinal* (1885), respectivamente – no Brasil, esse movimento fez escola nas mãos dos escritores Machado de Assis, com *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881); Raul Pompeia, que escreveu *O ateneu* (1888) e Aluísio Azevedo, autor de *O cortiço* (1890). Em todas essas obras, os temas urbanos e cotidianos se tornaram mais evidentes, bem como se observou uma linguagem mais descritiva, detalhada. Assim, os ideais românticos foram aos poucos sendo superados. Durante a leitura da tese, *Do fazer um saber - A construção do biografar*, Vieira (2015) esclarece melhor a inserção dos repórteres na literatura.

Na história do jornalismo e da literatura é possível identificar dois momentos claros em que estes construíram suas fusões ontológicas: o realismo literário no século XIX e o New Journalism. Ambos os movimentos marcaram os modelos de produção jornalística do romance-reportagem e também influenciaram a produção biográfica. (VIEIRA, 2015, p. 52).

De acordo com Aline Strelow, o jornalismo literário surgiria atrelado com a Segunda Revolução Industrial, fato que propiciou “[...] o lançamento do jornal diário, da publicidade e, em seguida, da venda do periódico por assinaturas” (STRELOW, 2008, p. 6). Com a popularização do folhetim, que era publicado em partes nos periódicos, os escritores se municiavam de estratégias para entreter e atrair novos leitores, além de ampliar a abrangência do jornal. “Personagens ganhavam maior importância por imposição do público, histórias de sucesso tinham de ser estendidas, sem esquecer, é claro, o sempre presente entrelaçamento entre ficção e realidade” (STRELOW, 2008, p. 7).

Outra corrente que influenciou na aceitação do jornalismo literário foi o Novo Jornalismo, representado por escritores como Truman Capote e repórteres como Gay Talese, Lilian Ross e Norman Mailer. De acordo com Tom Wolfe (2005), o jornalismo norte-americano praticado nos anos 1960, baseado na tradição da objetividade, não acompanhava a revolução social que o país vivia: a década que começou com a eleição de John Kennedy à Casa Branca, presenciou também o desembarque de tropas militares no Vietnã; a chegada do homem à Lua; o assassinato do presidente Kennedy, de Malcom-X e de Martin Luther King Jr.; e terminou

com a vitória de Richard Nixon, o rock do festival de Woodstock e a ascensão do movimento hippie. Frente a essas mudanças radicais, “[...] como um tradicional repórter restrito aos fatos podia ousar dar uma ordem clara e simétrica a tamanho caos?” (WEINGARTEN, 2010, p. 15).

Wolfe ainda percebeu que o *New Journalism* se baseava em quatro técnicas: construção cena a cena, diálogos completos, ponto de vista da terceira pessoa e reconstituição minuciosa. Essa corrente informal, originária nos Estados Unidos, buscava inspiração nos recursos literários com o objetivo de reproduzir a realidade de forma mais viva. “Extremamente ambiciosos e talentosos – muitos deles romancistas frustrados ou escritores de ficção que trabalhavam como jornalistas – eles aplicaram sua habilidade de escrita às ferramentas da reportagem e produziram uma não ficção à altura da melhor ficção” (WEINGARTEN, 2010, p. 16). Tom Wolfe, um dos precursores dessa geração, afirmou que:

Quando se passa da reportagem de jornal para essa forma nova de jornalismo, como eu e muitos outros fizemos, descobre-se que a unidade de reportagem básica não são mais os dados, a peça de informação, mas a cena, uma vez que a maior parte das estratégias sofisticadas da prosa depende das cenas. [...] O problema inicial é sempre abordar gente completamente desconhecida, penetrar em sua vida de algum modo, fazer perguntas que você não tem nenhum direito natural de esperar que sejam respondidas, pedir para ver coisas que não são para você ver, e assim por diante. (WOLFE, 2005, p. 82-83).

Segundo Weingarten (2010), a geração de repórteres norte-americanos – que contavam ainda com Jimmy Breslin, Joan Didion, Michael Herr - podem ser comparáveis a jornalistas do quilate do britânico Charles Dickens ou do francês Honoré de Balzac devido à mudança causada nas redações do país. Dickens, por exemplo, já no século XIX, voltou os olhos para costumes de trabalhadores da cidade de Londres, numa espécie de João do Rio britânico. Em uma série de artigos, o escritor retratou funcionários comuns “[...] que cuidavam de seus negócios com pouca cerimônia ou ambição, a maioria silenciosa de uma sociedade que aderiu firmemente a um código de classe rígido e que tinha pouca utilidade para as engrenagens humanas da economia industrial” (WEINGARTEN, 2010, p. 22).

Três décadas antes de Hunter Thompson inaugurar o estilo de jornalismo gonzo com a reportagem “The motorcycle gangs: Losers and outsiders”⁸² publicada em 17 de maio de 1965 na revista *Nation* – e que seria ampliado e publicado em livro no ano de 1967 com o título *Hell's Angels: Medo e delírio sobre duas rodas* -, o indiano George Orwell já havia mergulhado na rotina de transpor no papel o que vivenciava na pele. Para retratar os bastidores do livro *Na pior*

⁸² Tradução livre: As gangues de motociclistas: Perdedores e forasteiros.

em *Paris e Londres* (1931), Orwell imergiu nos subúrbios, fez amizades com moradores de rua e se hospedou em espaços com o mínimo de condição confortável, à beira da miséria. “Isso é Orwell, o romancista incipiente, usando as observações de alguém de dentro para preparar uma crítica social, um repórter reproduzindo a natureza marcante e rígida do trabalho serviçal com os instrumentos de um escritor” (WEINGARTEN, 2010, p. 27).

Felipe Pena (2007), por sua vez, admite que o conceito de jornalismo literário ainda causa discussão para alguns autores – uns acreditam que seja um período histórico; outros, a crítica de obras em jornais e alguns defendem que seja sinônimo do movimento *New Journalism*. Uma questão de linguística. “Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados” (PENA, 2007, p. 13-14). Porém, Edvaldo Pereira Lima (2009) caracteriza o jornalismo literário pela ótica do livro-reportagem através de dez aspectos, tais como a 1) exatidão/precisão; 2) contar história; 3) humanização; 4) busca da compreensão; 5) universalização temática; 6) estilo próprio/voz autoral; 7) imersão; 8) simbolismo; 9) criatividade e 10) responsabilidade ética.

A partir da exatidão e da precisão, o texto se torna verossímil. Ao invés das informações serem entediantes, os dados são expostos de tal forma que a mensagem seja identificável pelo leitor (LIMA, 2009). Uma forma de horizontalizar o público e fazê-lo com que se sinta dentro da narrativa. Contar uma história também faz parte dos critérios elencados por Lima (2009, p. 359), já que esse ato “[...] envolve necessariamente colocar o ser humano em primeiro plano”. Humanizar é tornar o indivíduo real, com sucessos e problemas. “Precisamos lançar um olhar de identificação e projeção humana da nossa própria condição nos nossos semelhantes, sejam celebridades ou pessoas do cotidiano” (LIMA, 2009, p. 359). Já a busca pela compreensão se torna importante à medida que se diferencia do explicar:

Compreender é diferente de explicar. A explicação adota geralmente uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma ótica única ou de pouca abertura. Já a compreensão busca exhibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas. (LIMA, 2009, p. 366).

Enquanto isso, o quinto apontamento faz com que o jornalista busque um tom mais universal, um tratamento que possa abranger um maior número de leitores. “É um tradutor do conhecimento. Registra, observa, testemunha, interpreta, traduz. Só assim pode disponibilizar ao leitor propostas de compreensão da realidade. Só assim presta um serviço que vale a pena,

pois com seu esforço de apreensão reconstrói o mundo” (LIMA, 2009, p. 368). Essa conquista pela persuasão tem muito a ver com o estilo próprio, a voz autoral. Essas qualidades auxiliam em enxergar a realidade de forma multifacetada, livre de estereótipos. “Espera-se que o autor assuma sua postura própria, individual, que tenha uma marca pessoal diante da realidade, sua assinatura diante da vida” (LIMA, 2009, p. 371).

Imergir significa mergulhar no ambiente do indivíduo. “O autor precisa partir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens. Precisa interagir com eles” (LIMA, 2009, p. 373). A partir desse contato cara a cara, o autor consegue compreender a história através dos significados subjetivos – muitas vezes ocultos; em outras, evidentes (LIMA, 2009, p. 378). Esse simbolismo aguça a criatividade que, por sua vez, é motivada pelo senso de imaginação e associação. Enquanto a primeira é “[...] ensaiar novas maneiras de compreensão de fatos conhecidos ou de situações desconhecidas que podem ser combinadas a conteúdos familiares ao leitor” (LIMA, 2009, p. 384), a segunda “[...] conteúdos que normalmente não vemos mutuamente relacionados. É uma ação concreta” (LIMA, 2009 p. 385). A responsabilidade ética é fundamental em qualquer atividade jornalística. “As palavras *literário* e *criatividade* podem soar, para algumas pessoas, como licença artística para se fazer o que se bem entende. Não é assim. O jornalismo literário tem um compromisso com a realidade e sua credibilidade depende disso” (LIMA, 2009, p. 389).

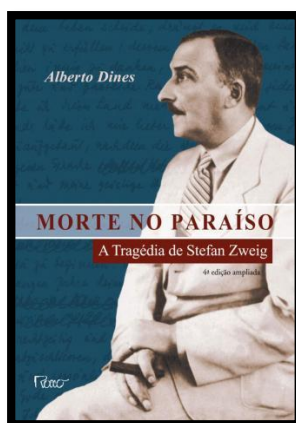
Influenciados pela corrente do Novo Jornalismo, repórteres adaptariam essas maneiras de escrita para as reportagens no Brasil a fim de descobrir o país que os leitores - e o próprio Governo - ainda não conheciam. Assim foi em periódicos que atingiram o auge nas décadas de 1950 a 1970, como *O Cruzeiro* (1928 - 1975) e *Realidade* (1966 - 1976), com matérias de investigação, mas também de humanização. Diante de um mundo em transformação e resistente às mudanças, *Realidade* emergiu num momento em que algumas atitudes tendiam a serem camufladas, mesmo que elas fossem evidentes. Foram esses fatos escondidos “[...] um arrojo que se interessa por explorar facetas regionais problemáticas do Brasil (latifúndio, seca, questão agrária) e discutir temas desconfortáveis para certos padrões de moral (liberdade sexual, aborto, homossexualidade, prostituição)” (BULHÕES, 2007, p. 143).

Sobre a prática da reportagem, Vidal e Souza (2010) resgata a dobradinha David Nasser-Jean Manzon que fez história na publicação de Assis Chateaubriand durante o ápice da revista, na década de 1950. Todavia, “Nasser pertencia àquela espécie de repórter dominado pela literatura e sucumbiu ao perigo de fazer ficção em seu jornalismo. Para ele, mais valia a verossimilhança que a verdade” (VIDAL E SOUZA, 2010, p. 72). O risco de estar ingressando num caminho sem volta fisionomizou o repórter e fez ele viver um dilema: reportar a verdade; porém,

utilizando técnicas literárias? “Dele se diz que foi um ‘ficcionalista da reportagem’, que era um repórter que ‘ouvia contar e contava’; que suas reportagens seriam ‘inventivas’ e nelas procurava ‘romancear a verdade’” (VIDAL E SOUZA, 2010, p. 72). Enquanto isso, as publicações biográficas ocorriam de maneira pontual até que o mais simbólico representante brasileiro do gênero desaparece de cena.

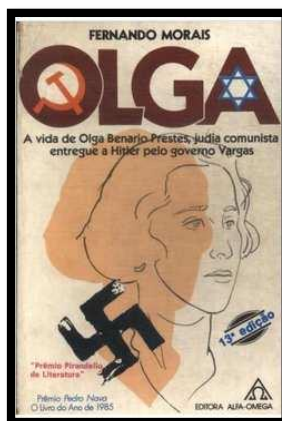
Em 1981, Raimundo Magalhães Jr. falece aos 74 anos. Com a morte, estudiosos previam um vácuo de produção no segmento que ele mesmo ajudou a construir (VIEIRA, 2015). Por ironia do destino, seria na década de 1980 que os jornalistas começariam a ter gosto pelo segmento, dando luz a uma nova fase do biografismo. “Dois traços definem os inícios do novo biografismo: em primeiro lugar, versaria as vidas ou de brasileiros ou de pessoas de interesse crucial para a história do Brasil, pouco divulgadas; em segundo, defenderia causas progressistas” (GALVÃO, 2005, p. 356). O carioca Alberto Dines foi quem deu início, em 1981, a essa trajetória bem sucedida dos profissionais pela vereda biográfica (VILAS BOAS, 2008). O livro *Morte no paraíso: A tragédia de Stefan Zweig* (Figura 6) reconta a vida do também biógrafo austríaco, que se suicidou em Petrópolis nos anos 1940. O mercado livreiro receberia quatro anos depois, mais dois lançamentos: em 1985, o mineiro Fernando Moraes publicava *Olga* (Figura 7) - a vida da companheira de Luís Carlos Prestes - e a paulista Regina Echeverría, com *Furacão Elis* (Figura 8).

Figura 6 – Capa da biografia de Stefan Zweig



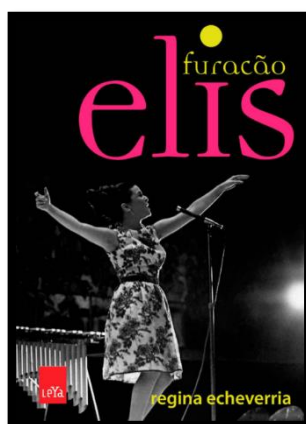
Fonte: DINES (2004).

Figura 7 – Capa da biografia de Olga Benário Prestes



Fonte: MORAIS (1986).

Figura 8 – Capa da biografia de Elis Regina



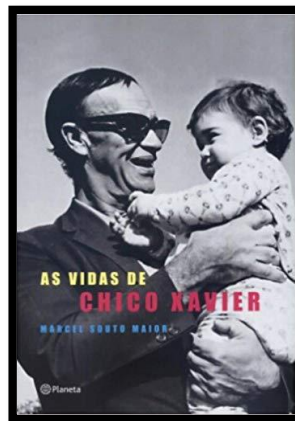
Fonte: ECHEVERRÍA (2012).

O boom de venda aconteceria na década de 1990, com sucessivos lançamentos de jornalistas-escritores, cujos nomes se tornam sinônimo de qualidade: os cariocas Carlos Didier e João Máximo publicavam *Noel Rosa: Uma biografia* (1990), mas se depararam com problemas junto aos parentes do ex-sambista. Dois anos depois, o mineiro Ruy Castro lançava *O anjo pornográfico*. Em 1994, destaque para o Fernando Moraes com *Chatô: O Rei do Brasil* e o carioca Marcel Souto Maior com *As vidas de Chico Xavier*. O ano de 1995 também marcaria a história do jornalismo brasileiro com duas publicações: *Mauá: Empresário do Império*, do paulista Jorge Caldeira e *Estrela solitária: Um brasileiro chamado Garrincha*⁸³, de Ruy Castro. Catalão Jr (2010) identificou em pesquisa de doutorado que *Olga* permaneceu 29 meses na lista dos livros mais vendidos e, por isso, é “[...] o maior best-seller jornalístico do Brasil de 1966 a 2004” (CATALÃO JR, 2010, p. 108). Além disso, incluíam-se os livros sobre o médium espírita

⁸³ A obra seria finalista da categoria Estudos Literários (Ensaio) do Jabuti de Literatura em 1996.

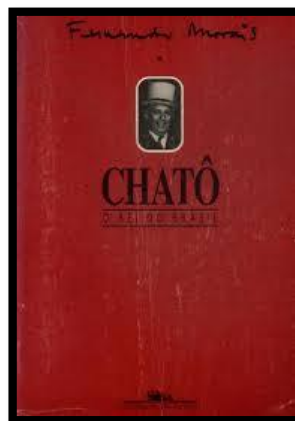
Chico Xavier (Figura 9), o magnata Assis Chateaubriand (Figura 10) e o empresário Irineu Evangelista de Souza, o Visconde de Mauá (Figura 11) como o quinto, sexto e décimo livros – respectivamente – nas listas dos mais vendidos (CATALÃO JR, 2010).

Figura 9 – Capa da biografia de Chico Xavier



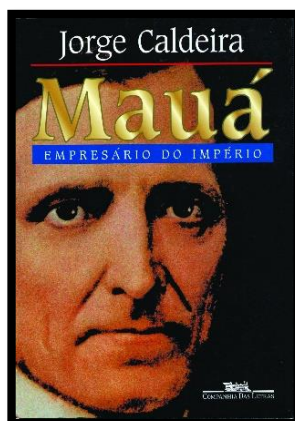
Fonte: MAIOR (2003).

Figura 10 – Capa da biografia de Assis Chateaubriand



Fonte: MORAIS (1994).

Figura 11 – Capa da biografia de Irineu Evangelista de Souza



Fonte: CALDEIRA (1995).

Se a década de 1980 marcou pela reconstituição histórica dos personagens que se envolveram no combate à ditadura militar e a seguinte representou o *boom* da vendagem editorial relacionada às biografias, a mudança de milênio bem como o decorrer dos anos 2000 podem ser lembrados pela ascensão das cinebiografias. Mesmo não sendo um dos objetivos desta pesquisa, vale mencionar a migração das biografias impressas para as telonas em *Mauá: O Imperador e o Rei*⁸⁴ de 1999, *Olga*⁸⁵ em 2004, *Garrincha: Estrela Solitária*⁸⁶ no ano de 2005 e *Chico Xavier*⁸⁷ em 2010.

Como notado no início deste capítulo, por meio das análises de Arfuch (2010), o espaço biográfico envolve vários aspectos narrativos seja no âmbito impresso, audiovisual ou popular. Markendorf (2013, p. 18) foi pontual ao lembrar das observações do sociólogo francês Edgar Morin quando este indicou que o cinema “[...] não apenas contribuiu para a fabricação de um novo Olimpo, por meio do *star system*, mas também cedeu espaço para que figuras lendárias fora do âmbito cinematográfico ocupassem *frames* de seus altares, através dos dramas biográficos”. Assim, conforme discorre Markendorf (2013),

⁸⁴ Protagonizado pelo ator Paulo Betti, o filme foi dirigido pelo diretor Sérgio Rezende e se encontra disponível na plataforma de vídeos Youtube, através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=tsNFt6okIxs>. Acesso em 10 jan. 2020.

⁸⁵ Filme inspirado na obra homônima de Fernando Morais, estreada em 20 de agosto de 2004. Dirigido por Jayme Monjardim, a cinebiografia era estrelada pela atriz Camila Morgado no papel-título e Caco Ciocler, como Luís Carlos Prestes. Disponível em: <http://globofilmes.globo.com/filme/olga/>. Acesso em 18 nov. 2019.

⁸⁶ Lançado em 18 de fevereiro de 2005, o longa era dirigido por Milton Alencar e trazia o ator André Gonçalves no papel-título e a atriz Taís Araújo como Elza Soares. Disponível em: <http://www.epipoca.com.br/filmes/ficha/9789/garrincha-estrela-solitaria>. Acesso em 18 nov. 2019.

⁸⁷ O roteiro do filme foi baseado no livro *As vidas de Chico Xavier*. Dirigido por Daniel Filho, a cinebiografia estreou no dia 02 de abril de 2010 e foi protagonizada pelos atores Matheus Costa, Ângelo Antônio e Nelson Xavier no papel do médium. Disponível em: <https://globofilmes.globo.com/filme/chicoxavier/>. Acesso em 18 nov. 2019.

[...] o fenômeno de consumo de biografias e cinebiografias tem representado um importante filão no mercado literário e audiovisual, sobretudo quando estes discursos estão debruçados em personalidades marcadas por catástrofes pessoais. Apesar de parecer recente, foi por volta da década de 1950, depois da queda dos muros de contenção, da fachada da frente da ‘ficção da felicidade’ de Hollywood, o público desenvolveu um interesse quase pornográfico pela experiência privada, curiosidade potencializada quando envolta por alguma viravolta de caráter escandaloso, passional ou destrutivo. (MARKENDORF, 2013, p. 21-22).

O estudioso também constata que, nas cinebiografias – bem como nas demais espécies de narrativas impressas –, as estruturas se assemelham como se o roteiro seguisse um padrão e a história do indivíduo tomasse o rumo de acordo com aquela forma. Privilegiam-se momentos de superação diante de uma infância ou adolescência dolorida, evidencia-se o talento como uma forma de ascensão social – quando não se compara aquela singularidade como um dom divino –, além de priorizar o romantismo como o divisor de águas na vida do protagonista. (MARKENDORF, 2013).

Nesse aspecto, abre-se uma lacuna para discutir o conceito de trajetória do herói. O mitologista norte-americano Joseph John Campbell realizou um estudo na década de 1940 onde relacionava inúmeras histórias míticas das mais diversas culturas e o resultado encontrado a partir da interseção delas foi que as jornadas desses heróis eram muito semelhantes. “O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito” (CAMPBELL, 2005, p. 36). O estudioso observou que as histórias de mitos e contos de fada eram compostas por etapas, as quais Campbell resolveu categorizar em 17, registradas no livro *O herói de mil faces*, originalmente publicado em 1949. Esse manual serviu de panorama para algumas narrativas de ficção, tendo reflexo também na construção biográfica de alguns personagens. Christopher Vogler adaptou essas características para o cinema nos anos 1980, formatadas em 12 percursos e registradas na obra *A jornada do escritor*.

De fato, a Jornada do Herói ilustra o caminho que leva a pessoa a empreender vivências que a fazem mudar padrões de comportamento conscientes e inconscientes. De forma sintética, o percurso da aventura mitológica do herói reproduz os rituais de passagem, comuns nas sociedades primitivas, nas quais ocorre o padrão separação-iniciação-retorno. (MARTINEZ, 2008, p. 53).

No quesito audiovisual, é necessário atentar para o consumo que determinada obra causa no público. Ao circular mais rapidamente entre os espectadores, o “[...] cinema contribui para a formatação coletiva de uma imagem biográfica” (MARKENDORF, 2013, p. 23). Em

outras palavras, “[...] o cinema, mais que as biografias de papel, em razão de sua natureza formativa na contemporânea civilização da imagem, contribui enormemente para perpetuar e difundir a ilusão biográfica” (MARKENDORF, 2013, p. 23).

Segundo Martinez (2008), seria o professor Edvaldo Pereira Lima o responsável em transpor essa forma de estruturação narrativa ao Jornalismo como forma de recontar a trajetória de histórias reais. Seriam oito fases após a partida: 1) Cotidiano, 2) Chamado à aventura, 3) Recusa, 4) Desafios, 5) Caverna Profunda, 6) Testes, 7) Recompensa e 8) Retorno. Na história, nem todas as etapas estarão descritas; a sequência também não precisa ser linear. O propósito desse caminho é a transformação, a compreensão das etapas da vida.

Eduardo Ritter (2014) analisou o grupo desses escritores-jornalistas brasileiros a partir do conceito de tribo jornalística, termo metafórico defendido pelo professor português Nelson Traquina. Segundo Ritter (2014), nos Estados Unidos, os estudos intelectuais se dedicaram a olhar para esse tipo de produção, fato ainda não presenciado no Brasil. Essa cultura é formada por “[...] escritores que trabalham ou trabalharam dentro das redações como jornalistas e que também entraram para a história da literatura brasileira enquanto atuavam como jornalistas” (RITTER, 2014, p. 90), como é o caso de Erico Veríssimo, por exemplo, que nas horas vagas, escrevia ficção.

O professor da UFSM conta que “[...] o que diferenciaria o jornalista dos demais cidadãos é o uso das técnicas incorporadas, específicas do campo jornalístico, na busca de chegar o mais próximo possível da isenção, que, em tese, seria comum a qualquer cidadão” (RITTER, 2014, p. 92). Além das técnicas, a maneira de agir e a maneira de falar são características inerentes, exclusivas à profissão.

Conforme Vilas Boas (2002), a partir de dados fornecidos pela editora Companhia das Letras, relacionados às vendas realizadas até março de 2001, *Chatô* (205 mil exemplares), *Mauá* (106 mil) e *Estrela solitária* (76 mil) lideraram a vendagem dos livros de não-ficção em novembro de 1995. A propósito, o trabalho de Vilas Boas se tornou pioneiro no Brasil ao estudar as biografias pelo ótica jornalística, primeiro na dissertação *Páginas da Vida: A Arte Biográfica e Perfis* (2002); em seguida, na tese, *Metabiografia e Seis Tópicos para Aperfeiçoamento do Jornalismo Biográfico* (2006), ambos orientados pelo professor Edvaldo Pereira Lima, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (ECA/USP). “As pesquisas e o livro de Vilas-Boas sobre biografia acabam o colocando na lista de principais referências sobre a temática no campo jornalístico e no Jornalismo Literário do Brasil” (RITTER, 2018, p. 13).

Assim, para esclarecer como o campo do jornalismo se identifica com as biografias, Vilas Boas define a expressão jornalismo biográfico no terceiro livro *Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida* (2008), resultado da tese. Para ele, as ponderações sobre as narrativas biográficas giram em torno de seis aspectos: 1) Descendência, 2) Fatalismo, 3) Extraordinariedade, 4) Verdade, 5) Transparência e 6) Tempo.

Martinez (2008) chama a atenção para um detalhe. Se a jornada do herói é aplicada para ambos os sexos, será que o estilo atende perfeitamente as histórias de vida das mulheres? Intrigada com a questão, a psicóloga Maureen Murdock interrogou Campbell sobre a dúvida, já que o mitólogo não comenta a respeito da trajetória feminina na jornada. Assim, “[...] Murdock desenvolve sua visão da Jornada da Heroína, que tem como ponto forte a observação de que as mulheres que empreendem a Jornada do Herói nos moldes masculinos saem do desafio com um gosto amargo na boca” (MARTINEZ, 2008, p. 139). Para tal, ela sugere dez passos para a construção das narrativas femininas: 1) Formação do feminino, 2) Identificação com o masculino e reunião de aliados, 3) Caminho das provas, encontrando ogres e dragões, 4) Encontrando o boom do sucesso; 5) Despertando os sentimentos da morte espiritual, 6) Iniciação e descida à deusa, 7) Apelo urgente para se reconectar com o feminino, 8) Curando a divisão entre mãe e filha, 9) Curando o masculino ferido e 10) Integração do masculino e feminino.

Após refletir a respeito do universo das narrativas biográficas, bem como traçar a aproximação dos jornalistas com a literatura e ainda contextualizar a evolução do biografismo no Brasil, em especial pelas mãos de jornalistas, o próximo capítulo é dedicado ao percurso metodológico da pesquisa realizada durante os dois anos de mestrado.

CAPÍTULO 5. METODOLOGIA DE PESQUISA

“A biografia, não apenas como gênero, mas como fenômeno, pode ser compreendida como um lugar de memória, ao superar a condição de narrativa sobre uma vida, pois uma existência é algo que não se encerra, em absoluto, em um relato”.
(VIEIRA, 2015, p. 103).

O capítulo cinco apresenta os caminhos até o recorte da pesquisa, bem como discute os primeiros dados adquiridos a respeito da produção biográfica dos jornalistas brasileiros em editoras universitárias no período 1998 a 2018. Em seguida, a descrição do percurso metodológico utilizado na captação de informações para produzir a dissertação de mestrado.

Para tratar de um trabalho que envolve um gênero híbrido (DOSSE, 2015), objeto de tantos campos, cujo conhecimento se torna diferente para cada um deles, primeiramente foi necessário revisitar alguns dos principais teóricos da área. A pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] A principal vantagem [...] reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla” (GIL, 2016, p. 50) do que aquela prevista no início do projeto.

O estudo bibliográfico partiu, inicialmente, de um breve panorama da história do livro no Brasil até chegar ao mercado editorial universitário. O levantamento aborda os múltiplos campos acadêmicos que ‘atravessam’ a biografia, desde a História e as Ciências Sociais até em áreas como o Direito. O contexto de inserção do jornalismo nos estudos do biografismo também se fez presente, desde as primeiras publicações, até as mais contemporâneas. Também foi mencionada a classificação das narrativas biográficas e categorização do espaço biográfico, por meio da conceituação de livro-reportagem (LIMA, 2009; CATALÃO JR, 2010; MACIEL, 2018).

Durante todo o segundo semestre de 2018 foi realizada a coleta de biografias pertencentes a 523 editoras. A organização se deu em duas planilhas de Excel: em uma se registrou as 400 associadas ao Sindicato Nacional (SNEL) e a outra, 123 editoras vinculadas à Associação Brasileira (ABEU). O intuito era perceber como a biografia se consolida como gênero de forte produção, como aponta a pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro (2018). Nela, as biografias apresentaram um crescimento de produção de 11,14% no ano de 2017, em comparação a 2016, o que corresponde a 5.710.986 milhões de exemplares no total.

Todavia, devido ao grande número de dados levantados, o estudo prioriza uma das planilhas. Em virtude do tempo e também da ausência de pesquisas que abarcam um panorama das narrativas biográficas no mercado editorial universitário, ficou decidido que a dissertação caminhasse em direção aos dados coletados da ABEU. O resultado do levantamento aponta algumas ramificações, que são interpretadas no presente capítulo.

O trabalho analisa o gênero biográfico nas editoras universitárias motivado pelo questionamento: como os livros biográficos sobre jornalistas publicados em editoras universitárias ajudam a contar a história do jornalismo brasileiro? Para isso, foi realizada uma abordagem quantitativa através de uma busca online nos catálogos disponíveis nos sites das 123 editoras vinculadas à ABEU (www.abeu.org.br). De acordo com Lakatos e Marconi (2017, p. 327), “[...] a finalidade das investigações quantitativas é explicar e prever os fenômenos pesquisados, buscando regularidades e relações causais entre elementos”.

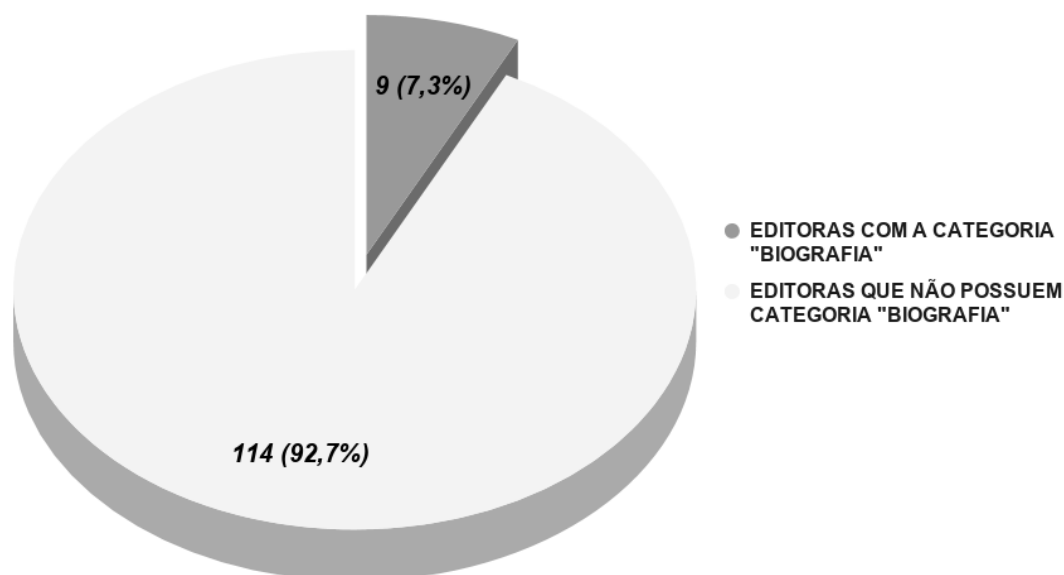
O período de coleta ocorreu em três momentos: nos dias 30 de setembro, 1º e 2 de outubro de 2018. Segundo Lakatos e Marconi (2017, p. 334), esse momento é importante, pois “[...] é a fase da pesquisa que se ocupa de reunir as informações necessárias aos objetivos da investigação e aos problemas que o pesquisador objetiva resolver”. Após obter a lista das editoras associadas através do site da ABEU e transpor as 123 editoras em uma planilha de Excel, o próximo passo foi organizar cada passo do levantamento.

A orientação era procurar no catálogo as áreas que pudessem ter algum vínculo com a publicação de histórias de vida, sejam elas biografias, autobiografias, diários, memórias, cartas, perfis ou ensaios pessoais. Classificada como um gênero impuro (DOSSE, 2009), várias áreas se interessam pelo estudo da biografia; porém, a hipótese era de que, como a pesquisa jornalística sobre biografia na academia era baixa, o mesmo poderia indicar que jornalistas também não se interessavam em publicar histórias de vida nas editoras universitárias. Entretanto, esta dissertação apontou surpresas.

A sequência da pesquisa identifica publicações de biografias no mercado editorial universitário brasileiro entre 1998 a 2018. Categorias do catálogo virtual como Ciências Sociais, Comunicação, Filosofia, Jornalismo, História, Letras, Literatura, Sociologia - ou caso houvesse um segmento específico de Biografias – foram averiguadas a partir da abordagem quantitativa como objetivo de dimensionar os resultados preliminares. Já que os pesquisadores optam por esse método quando possuem amostras amplas e informações numéricas (LAKATOS; MARCONI, 2011), diante dos dados apurados (Gráfico 3), constata-se que das

123 editoras universitárias vinculadas à ABEU em 2018, apenas nove⁸⁸ – ou seja, apenas 7,3% - possuem um catálogo direcionado às biografias.

Gráfico 3 – Quantidade de editoras acadêmicas que possuem uma categoria destinada a biografias no catálogo virtual



Fonte: O autor.

Dividida em sete colunas, a primeira tabela aponta a Razão Social da editora, a Instituição vinculada, a Cidade localizada, os Títulos encontrados, o Autor, a Formação e o Ano de publicação da obra. Sustentar uma biografia jornalística é difícil, já indicava Vilas Boas (2002). “Se as definições tivessem de estar circunscritas aos campos de formação, os jornalistas, especialmente, estariam muito restringidos. Teriam de escrever sobre a vida de jornalistas renomados ou proprietários de empresas de comunicação” (VILAS BOAS, 2002, p. 17). Contudo, no tópico Formação, foi considerado o que constava no currículo acadêmico e profissional cadastrado na plataforma Lattes, no site da editora ou em alguma informação obtida pela internet.

Em seguida, realizou-se um filtro das editoras que possuem títulos relacionados às narrativas biográficas. Aquelas que não apresentavam nenhuma publicação foram descartadas.

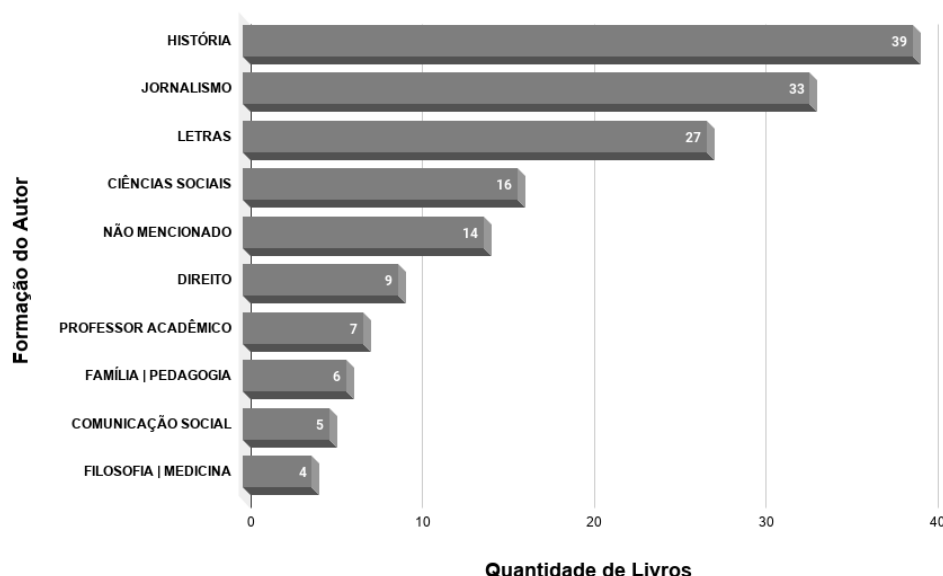
⁸⁸ De acordo com o catálogo virtual, as nove instituições que possuem uma categoria destinada às narrativas biográficas em suas respectivas editoras universitárias são: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) - Biografia, Diário e Correspondência, Universidade Federal do Ceará (UFC) - Biografia, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) - Biografia e Correspondência, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) - Biografia, Edições Demócrito Rocha - Biografia, Universidade Católica de Santos (Unisantos) - Biografias, Mackenzie - Biografia, Unisinos - Biografias dos Jesuítas e USP - Correspondência e Biografias.

Portanto, o universo inicial de 123 foi reduzido a 57 editoras num total de 225 livros. Isto é, a quantidade de editoras não chega nem na metade. A informação levou a cogitar que o segmento não é tão incentivado ou pesquisado na academia.

O próximo passo foi registrar as 57 editoras numa outra aba do Excel, bem como as Instituições vinculadas, a quantidade de Títulos e uma coluna denominada Quem escreve? a fim de saber quais são os autores das obras biográficas nas editoras universitárias brasileiras. Além disso, essa aba restringiu a amostra para os últimos 20 anos, ou seja, de 1998 a 2018.

Com os dados organizados e definidos, de acordo com o Gráfico 4, obteve-se um resultado que esboçou uma referência dupla: primeiro, pelo fato de confirmar que os historiadores (História) são quem publicam mais obras biográficas nas editoras universitárias – num total de 39 títulos -, fato este já previsto, já que as pesquisas são mais antigas e envolvem variadas definições como escritas de si, histórias autobiográficas, memória identitária, entre outros. Por outro lado, surpreende o fato de apresentar os jornalistas (Jornalismo) em segundo lugar, com 33 obras assinadas. Na terceira colocação, Letras e os seus derivados (Linguística, Literatura, ...) com 27 livros. As próximas posições foram Ciências Sociais (16), Não Mencionado (14) – quando não houve descrição da formação ou ocupação do autor, Direito (nove), Professor Acadêmico (sete) – quando os autores se auto intitulavam dessa forma. Para finalizar, na oitava posição, Familiar, quando algum parente assinava a obra, e Pedagogia empatados com seis; em nono, Comunicação Social (cinco) e em décimo lugar, Filosofia e Medicina, ambos com quatro títulos.

Gráfico 4 – Autores que mais assinam obras biográficas em editoras universitárias (1998-2018)



Fonte: O autor.

Como um dos objetivos específicos é realizar um retrato das narrativas biográficas cujos personagens são jornalistas nacionais e, além disso, escritas por jornalistas brasileiros nas editoras universitárias, o próximo tópico foi limitar as 32 obras assinadas pelos jornalistas no período 1998 a 2018. Entre os listados estavam três estrangeiros: o escocês Robert B. Cunninghame Graham, que biografou o líder Antonio Conselheiro, o italiano Francesco Tentori, sobre o jornalista italiano P. M. Bardi e o espanhol Francesc Escribano, que recontou a vida do bispo espanhol Dom Pedro Casaldàliga. Resolveu-se manter apenas biografados brasileiros; assim, a biografia de Ernesto Che Guevara, escrita pelo brasileiro Juan Domingues, foi excluída. Exceto os quatro casos acima, a amostra alcançou o número de 29 narrativas biográficas escritas por jornalistas brasileiros publicadas pelas editoras universitárias brasileiras no intervalo de 1998 a 2018.

Do universo de 29 narrativas biográficas, constata-se que quase metade (14 ou 48,27% do total de livros) abordam vidas de jornalistas. Ou seja, no âmbito universitário, jornalistas priorizam falar de si. Na próxima fase, oito obras foram escolhidas para integrar a amostra, baseada em uma leitura com abordagem qualitativa e com o intuito de encontrar relatos que possam auxiliar na construção da história do jornalismo brasileiro. Lakatos e Marconi (2011, p. 269) esclarecem que o método qualitativo se preocupa em “[...] interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc.”.

Biografar é uma arte exaustiva, complexa, condensada. A escolha do personagem e posterior elaboração da pauta, as técnicas de apuração, seleção de fontes, preparação das entrevistas, checagem de informações, enumeração dos dados mais notórios e finalmente, o estilo de escrita pertencem a técnicas acumuladas no decorrer da experiência profissional. A professora Karine Moura Vieira (2015) atenta de que o trabalho do biógrafo, ao resgatar uma história de vida, também contribui para o autoconhecimento e como reflexo, de toda a sociedade.

O biografar mais do que o desejo contar a história do outro, (tentar) conhecê-lo e compreendê-lo, é também um exercício de alteridade, uma relação dialógica entre os sujeitos, o biógrafo e o biografado. É uma construção de conhecimento sobre um outro que contribui para o desenvolvimento de uma episteme biográfica (conhecimento) e de um espaço biográfico (experiência) a partir da processualidade deste fazer. O biógrafo – seja ele historiador, jornalista, escritor – carrega a problematização sobre a sua carpintaria e os desafios inerentes. (VIEIRA, 2015, p. 50).

Como visto, a biografia constitui um local apropriado para o biógrafo - no caso aqui trabalhado, o jornalista – se identificar com o protagonista e, ao mesmo tempo, compreender o passado do espaço no qual ele está inserido. Após ter desenvolvido o percurso metodológico, a pesquisa apresentou um mapa mais detalhado. Abaixo, a Tabela 2 apresenta a lista completa com os 29 livros escritos por jornalistas.

Tabela 2 - Narrativas biográficas escritas por jornalistas brasileiros e publicadas pelas EUB's (1998-2018)

(continua)

Ano	Jornalistas brasileiros	Sexo	Biografados brasileiros	Sexo	Ocupação	EUB's
1998	Andréa Oliveira	F	João do Vale	M	Músico	Edufma
2001	Sônia Bertol	F	Tarso de Castro Chatô e	M	Jornalista	UPF Editora
2003	Jacques Wainberg	M	William Randolph Hears	M e M	Empresários (Jornalistas)	Edipucrs
2005	Daniel Piza	M	Machado de Assis	M	Escritor (Jornalista)	Imesp
2005	Helen Francine	F	Lindof Bell	M	Poeta	Edufsc
2006	Carlos Alencar	M	Juca Kfourri	M	Sociólogo (Jornalista)	Imesp

Tabela 2 - Narrativas biográficas escritas por jornalistas brasileiros e publicadas pelas EUB's (1998-2018)

(continuação)

Ano	Jornalistas brasileiros	Sexo	Biografados brasileiros	Sexo	Ocupação	EUB's
2009	Flávio Friche, Manoel Marcos Guimarães e Maria Auxilaidora de Faria ⁸⁹	M, M e F	José Mendonça	M	Advogado e jornalista	Editora UFMG
2010	Elisabeth Lorenzotti	F	José Ramos Tinhorão	M	Jornalista	Imesp
2010	Maria Helena Tachinardi	F	Roberto Müller Filho	M	Jornalista	Imesp
2010	Paulo Eduardo Nogueira	M	Paulo Francis	M	Jornalista	Imesp
2010	Ricardo Viveiros	M	Laudo Natel	M	Político	Imesp
2011	Anamélia Sampaio	F	Milton Dias	M	Escritor	Edições UFC
2011	Elóy Simões	M	Oswaldo Della Giustina	M	Jornalista	Editora Unisul
2011	Leila V. B. Gouvêa	F	Lupe Cotrim	F	Poetisa	Imesp
2011	Oswaldo Martins (org.)	M	Mario Covas	M	Político	Imesp
2012	Isabel Cristine Machado de Carvalho	F	Palmyra Wanderley	F	Jornalista	EdUnp
2012	Marcos Fernando Kirst	M	Mario David Vanin	M	Político	Educs
2012	Rafael Motta	M	Esmeraldo Tarquínio	M	Advogado, político e jornalista	Leopoldianum
2013	Affonso Romano de Sant'Anna ⁹⁰ e Marina Colasanti	M e F	Clarice Lispector	F	Escritora (Jornalista)	Edunesp

⁸⁹ Historiadora e coautora da obra com os demais dois jornalistas.

⁹⁰ Bacharel em Letras e coautor da obra, juntamente com a esposa, a jornalista Marina Colasanti.

Tabela 2 - Narrativas biográficas escritas por jornalistas brasileiros e publicadas pelas EUB's (1998-2018)

(conclusão)

Ano	Jornalistas brasileiros	Sexo	Biografados brasileiros	Sexo	Ocupação	EUB's
2013	Osvaldo Della Giustina	M	Zilda Arns	F	Médica	Editora Unisul
2013	Sônia Maria Carvalho	F	Dom Avelar Brandão Vilela	M	Bispo católico	Edufpi
2014	Ricardo Lima	M	André Tosello	M	Cientista	Editora Unicamp
2016	Beatriz Jucá	F	Eusélio Oliveira	M	Cineasta e professor	Edições UFC
2016	Regina Zappa	F	Amaro da Maré	M	Líder comunitário	Editora FGV
2017	Antônio Lopes (Org.)	M	Manoel Lins	M	Jornalista e advogado	Editora UESC
2017	Regina Prado	F	Hélio Lourenço	M	Médico	Edusp
2017	Sergio Praça	M	Lázaro de Mello Brandão	M	Economista	Editora FGV
2018	Ana Paula Acauan e Magda Achutti	F e F	Marques Leonam	M	Jornalista	Edipucrs
2018	Jorge Duarte	M	Eliseu Alves	M	Engenheiro Agrônomo	Embrapa

Fonte: O autor.

Embora o resultado apontasse 29 obras biográficas, o universo de autores chegou a 33. Isso se deve ao fato de que dois livros foram escritos por uma dupla e um livro por um trio: *Com Clarice* (2013), pelo letrista Affonso Romano de Sant'Anna e pela jornalista Marina Colasanti; *O encantador de pessoas* (2018), pelas jornalistas Ana Paula Acauan e Magda Achutti; e *José Mendonça - A vida revelada* (2009), pelos jornalistas Flávio Friche e Manoel Marcos Guimarães, além da historiadora Maria Auxiliadora de Faria. Entretanto, para esta pesquisa se contabilizou apenas os 31 jornalistas autores. Além disso, existem 30 biografados, pois o livro *Império de Palavras* (2003) discorre sobre Assis Chateaubriand e William Randolph Hears. A partir dos dados encontrados na tabela anterior, alguns resultados são

observados. Primeiro, em relação aos anos. Pela tabela, percebe-se que não há uma frequência periódica de publicações. As datas com maior quantidade de livros lançados são 2010 e 2011, ambos com quatro. Porém, teve anos que nenhuma obra foi posta à venda como em 1999, 2000, 2002, 2004, 2007, 2008 e 2015. Assim, a média das publicações biográficas assinadas por jornalistas levantadas nas últimas duas décadas chega a um valor aproximado de 1,45 biografia por ano no universo das 57 editoras que possuíam títulos relacionados às histórias de vida.

Quanto ao sexo dos jornalistas autores, a tabela apontou 16 homens e 15 mulheres. Já entre os biografados, uma discrepância entre os gêneros representados: são 26 homens contra quatro mulheres; destas, apenas uma despertou interesse masculino: *Zilda Arns: Uma grande história de amor* (2013), do jornalista Osvaldo Della Giustina.

Outro dado quanto aos personagens é a incidência de jornalistas biografados. Dos 30 protagonistas, 14 ocupam a profissão, incluindo os escritores Clarice Lispector e Machado de Assis – que trabalharam na imprensa – e os empresários da comunicação, Assis Chateaubriand e William Randolph Hears – que também escreviam para os próprios periódicos. Ou seja, quase metade (46,66%) das biografias escritas por jornalistas e publicadas pelas editoras universitárias no período 1998-2018 tratam de jornalistas. Sobre a decisão dos biógrafos em escolher determinada pessoa para biografar, o jornalista Jorge Caldeira, autor de *Mauá: Empresário do Império*, disse que o caminho ainda está aberto no Brasil. “É ele que acredita que determinado sujeito é extraordinário, mesmo não sendo famoso. Não acho que o mercado só queira pôr à venda biografias de gente famosa. Podem-se escrever ótimas biografias de gente comum, desde que possam atrair o leitor do início ao fim do texto” (CALDEIRA *apud* VILAS BOAS, 2002, p. 51)⁹¹.

É importante incluir no capítulo metodológico o artigo de Juliana Bulhões e Gustavo Leite Sobral (2016), fonte de inspiração para a avaliação das editoras universitárias. Nele, os autores realizam um levantamento de 84 obras biográficas, autobiográficas de jornalistas publicadas entre os anos 1917 e 2016 com o intuito de estabelecer uma construção da história do jornalismo brasileiro. A pesquisa dos autores partiu da ideia de que jornalista seria o profissional que possui a formação na área ou atua em veículos jornalísticos. Assim, com as premissas estabelecidas, segundo Bulhões e Sobral (2016, p. 212), o objetivo era “[...] registrar e discutir a biografia e autobiografia como legítima fonte documental capaz de configurar um relato sobre a atividade jornalística do biografado”. Ou seja:

⁹¹ Trecho da entrevista do jornalista Jorge Caldeira concedida exclusivamente ao pesquisador Sergio Vilas Boas e publicada no livro *Biografia e biógrafos: Jornalismo sobre personagens* (2002).

[...] procurar investigar na narrativa aspectos que denotem a relação do biografado com o jornalismo, quais sejam: a escolha profissional, a importância da profissão na vida do biografado, dados sobre a experiência profissional, quando começou a atuar no jornalismo, os veículos em que atuou, as funções que exerceu, dentre outros. Este caminho se apresenta, portanto, como uma perspectiva nova para utilização das biografias e autobiografias dos jornalistas. (BULHÕES; SOBRAL, 2016, p. 213).

Jornalistas brasileiros, enquanto biógrafos, já recontaram trajetórias de jornalistas ou de empresários da comunicação. Dois livros, em especial, se tornaram obras de referência para estudantes de jornalismo: *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues* (1992), do jornalista mineiro – radicado no Rio de Janeiro – Ruy Castro e *Chatô: O rei do Brasil* (1994), do também mineiro Fernando Morais.

A primeira obra reconstitui os diversos ambientes do biografado no período entre 1912 e 1980: os detalhes da redação do *A Crítica*, periódico de Mario Rodrigues, pai de Nelson Rodrigues; a cobertura esportiva no Maracanã e os bastidores do teatro brasileiro, em especial *A vida como ela é*⁹². O segundo livro tenta abranger as diversas faces de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (1892 – 1968), homem da política, negócios e artes, além de dono do poderoso *Diários Associados*, um conglomerado midiático que envolvia jornais, revistas, estações de rádio e televisão. Ambas as obras se tornaram exemplos de referências biográficas para a história do jornalismo brasileiro, escritas num período em que o gênero se expandia dentro do jornalismo e no próprio mercado editorial. A Tabela 3), a seguir, a lista das 14 obras publicadas por editoras universitárias no intervalo de 1998 a 2018, com os 18 autores (16 jornalistas) e os 15 protagonistas jornalistas:

Tabela 3 - Narrativas biográficas escritas por jornalistas brasileiros sobre jornalistas ou profissionais da imprensa e publicadas pelas EUB's (1998-2018)
(continua)

Ano	Biografados brasileiros	Sexo	Jornalistas brasileiros	Sexo	EUB's
2001	Tarso de Castro	M	Sônia Bertol	F	UPF Editora
2003	Chatô e William Randolph Hears	M e M	Jacques Wainberg	M	Edipucrs

⁹² Peça baseada em contos e crônicas escritos por Nelson ao jornal *Última hora* durante a década de 1950.

Tabela 3 - Narrativas biográficas escritas por jornalistas brasileiros sobre jornalistas ou profissionais da imprensa e publicadas pelas EUB's (1998-2018)
(conclusão)

Ano	Biografados brasileiros	Sexo	Jornalistas brasileiros	Sexo	EUB's
2005	Machado de Assis	M	Daniel Piza	M	Imesp
2006	Juca Kfourri	M	Carlos Alencar Flávio Friche, Manoel	M	Imesp
2009	José Mendonça	M	Marcos Guimarães e Maria Auxiliadora de Faria	M, M e F	Editora UFMG
2010	José Ramos Tinhorão	M	Elisabeth Lorenzotti	F	Imesp
2010	Paulo Francis	M	Paulo Eduardo Nogueira	M	Imesp
2010	Roberto Müller Filho	M	Maria Helena Tachinardi	F	Imesp
2011	Osvaldo Della Giustina	M	Elóy Simões	M	Editora Unisul
2012	Esmeraldo Tarquínio	M	Rafael Motta	M	Leopoldianum
2012	Palmyra Wanderley	F	Isabel Cristine Machado de Carvalho Affonso	F	EdUnp
2013	Clarice Lispector	F	Romano de Sant'Anna e Marina Colasanti	M e F	Edunesp
2017	Manoel Lins	M	Antônio Lopes (Org.) Ana Paula	M	Editora UESC
2018	Marques Leonam	M	Acauan e Magda Achutti	F e F	Edipucrs

Fonte: O autor.

Ao revisitar a tabela acima e atualizar algumas informações, constata-se que alguns pontos foram alterados. Quanto a autoria, dos 18 autores (16 jornalistas) que escrevem biografias sobre profissionais de jornalismo, nove são homens e sete são mulheres – um cenário mais próximo do equilíbrio que o anterior. Contudo, dos 15 biografados, apenas duas são mulheres, um retrato desanimador aos estudos de gênero. Em tempo, Clarice Lispector e Palmyra Wanderley, pioneira no jornalismo potiguar, foram as únicas mulheres a serem biografadas por jornalistas nos recentes 20 anos nas editoras universitárias. Vilas Boas (2002) atenta a respeito dessa sintonia entre as partes, o que faz crer que é mais fácil um jornalista escrever sobre algo que lhe é comum.

Donos de suas opções, os biógrafos devem nutrir alguma simpatia ou empatia pelo protagonista, ou pelo menos reconhecer de antemão as possíveis consequências de uma antipatia. A relação biógrafo-biografado, agora no plano pessoal, pode ser turbulenta. A simpatia ou antipatia pelo biografado não são problemas em si. (VILAS BOAS, 2002, p. 155).

Outro ponto a destacar que, das nove editoras presentes na tabela anterior, três são da região Sul: Edipucrs, Editora Unisul e UPF Editora. Assim como o campo jornalístico possui identidade própria, o campo editorial também é marcado por especificidades, com a indústria do livro e o mercado de leituras tendo suas polaridades. As primeiras impressões da pesquisa apresentaram uma visão sobre as editoras universitárias, além de demonstrar que os jornalistas possuem interesse em escrever biografias, especialmente quando os protagonistas são da mesma área. Em virtude da exposição midiática, a tendência é as pessoas se interessarem cada vez mais em histórias de vida, sejam elas de personagens com ideologia da esquerda ou direita, religiosos ou ateus, homens ou mulheres, famosos ou desconhecidos. O gênero biográfico, embora seja fonte de estudos nas mais diversas áreas, auxilia na compreensão de épocas; no caso do jornalismo, ajuda na recuperação e consolidação da própria história.

No capítulo seis, a seguir, a dissertação apresenta a amostra selecionada dos livros para a análise; no primeiro tópico, propõe-se a responder o problema de pesquisa, que é caracterizar a história do jornalismo brasileiro através das biografias de jornalistas publicadas no período de 1998 a 2018 nas editoras universitárias a partir de uma análise da constituição dos oito protagonistas a partir dos seis tópicos - Descendência, Fatalismo, Extraordinariedade, Verdade, Transparência e Tempo - relacionados por Vilas Boas (2008) como forma de aperfeiçoamento do Jornalismo Biográfico. Por fim, no segundo tópico, o levantamento de elementos profissionais baseados em três frentes de trabalho – por meio das categorias (BAUER, 2000)

elencadas “ambiente jornalístico”, “espaços de pertencimento” e “legado do biografado” – que possam auxiliar na evolução histórica do jornalismo brasileiro.

CAPÍTULO 6. RESULTADOS DA AMOSTRA BIOGRÁFICA

“Fazer justiça a certas figuras que a história oficial esqueceu ou depreciou é uma razão de peso para os biógrafos”.
(DOSSE, 2015, p. 76).

Das 14 obras encontradas no levantamento, oito foram selecionadas para a amostra da dissertação. Como o objetivo da investigação é caracterizar a história do jornalismo brasileiro através das biografias de jornalistas publicadas no período de 1998 a 2018 nas editoras universitárias, optou-se por livros que pudessem oferecer um mosaico das atuações dos profissionais de imprensa e assim, contribuir com o resgate de aspectos profissionais e iluminar a história do jornalismo brasileiro. A começar, as biografias *Com Clarice*⁹³ e *Machado de Assis: Um gênio brasileiro*⁹⁴ por se tratar de dois personagens importante da literatura nacional. Embora escritores de renome, ambos colaboraram com textos para os jornais do período em que atuaram. Elegeu-se as biografias *Tarso de Castro: Editor de “O Pasquim”*⁹⁵ e *Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley*⁹⁶ por tratar da imprensa alternativa durante a ditadura militar e da participação da mulher na imprensa do Rio Grande do Norte, respectivamente.

Ainda foram incluídos *Juca Kfoury: O militante da notícia*⁹⁷ e *Tinhorão: O legendário*⁹⁸ pela atuação de ambos em editorias específicas do jornalismo: Juca, que revolucionou a cobertura esportiva do país, em especial quando esteve à frente da redação de Placar e Tinhorão, pela vasta pesquisa de âmbito cultural, principalmente, a música popular brasileira. Ademais, ambos integravam a coleção *Imprensa em Pauta*⁹⁹, editada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (Imesp). Por fim, *José Mendonça: A vida revelada*¹⁰⁰ e *Tarquínio: Começar de novo*¹⁰¹ foram selecionados porque os dois são personagens fortemente

⁹³ A biografia foi adquirida pelo orientador, professor Dr. Sérgio Gadini, diretamente na loja da editora Unesp, quando viajou para São Paulo. O valor da compra foi R\$ 48,00.

⁹⁴ O livro foi emprestado pelo professor Msc. Ademir Barbosa Júnior, ex-colega de trabalho que residia em Blumenau (SC). No momento, mora em Piracicaba (SP).

⁹⁵ Obra comprada na Livraria UEPG no dia 17 de abril de 2019, ao preço de R\$ 16,00.

⁹⁶ Como a obra não estava listada no site da Estante Virtual, entrei em contato com a EdUnp e no dia 11 de junho de 2019, deposei o valor de R\$ 33,00 (preço incluído o frete).

⁹⁷ Livro comprado pelo site Estante Virtual no dia 17 de maio de 2019, no valor de R\$ 16,53 (preço incluído o frete).

⁹⁸ Livro comprado pelo site Estante Virtual no dia 17 de maio de 2019, no valor de R\$ 22,43 (preço incluído o frete).

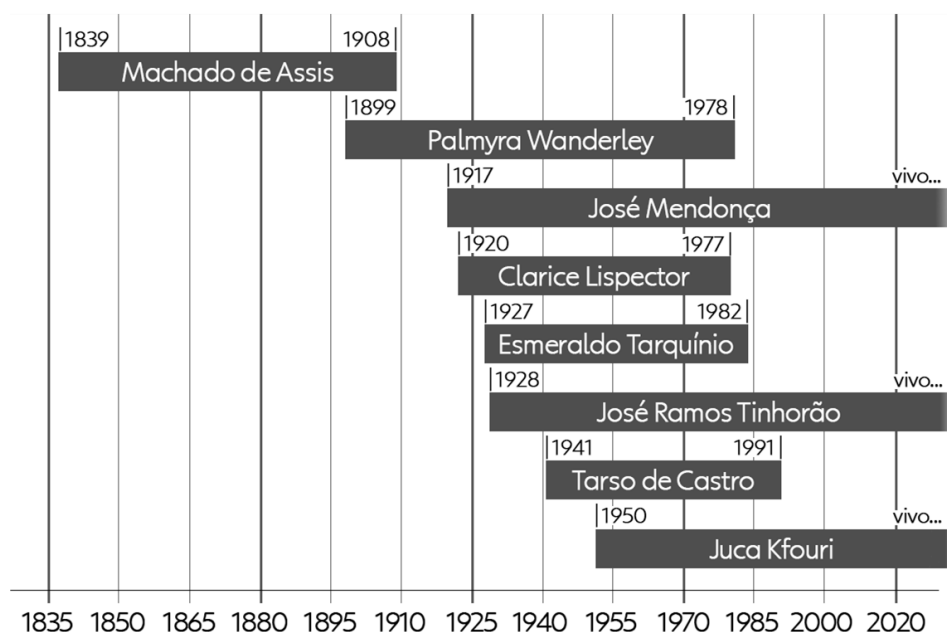
⁹⁹ A coleção contava ainda com mais duas obras: *Paulo Francis: Polemista Profissional* (2010), escrito por Paulo Eduardo Nogueira; *Roberto Müller Filho: Intuição, política e jornalismo* (2010), de Maria Helena Tachinardi.

¹⁰⁰ Livro comprado pelo site Estante Virtual no dia 3 de junho de 2019, no valor de R\$ 18,53 (preço incluído o frete).

¹⁰¹ Livro comprado pelo site Estante Virtual no dia 3 de junho de 2019, no valor de R\$ 37,16 (preço incluído o frete).

regionais e, além disso, atuaram não apenas no jornalismo - Mendonça dialogou com a docência e o sindicalismo; Tarquínio, com o Direito e a política. Abaixo, o Gráfico 5 com o período de vida dos oito biografados a fim de observar as décadas de atuação, já que a maioria dos protagonistas foram contemporâneos. Percebe-se que entre os anos de 1955 a 1980 foi o intervalo de maior intensidade.

Gráfico 5 - Período de vida dos oito biografados selecionados para a amostra



Fonte: O autor.

Dos oito livros, três foram editados pela Imesp¹⁰² de São Paulo (SP). Os demais cinco pertencem à editora Leopoldianum¹⁰³, designada em 1974 como órgão suplementar da reitoria e subordinada à Pró-Reitoria Comunitária da Unisantos, na Baixada Santista; a Editora da UFMG¹⁰⁴, criada no ano de 1985 em Belo Horizonte (MG); a Edunesp¹⁰⁵, fundada em 1987 pela Unesp, situada em São Paulo (SP); EdUnp¹⁰⁶, criada em 2006 também como órgão suplementar da reitoria da Universidade Potiguar (UnP), localizada em Natal (RN) e a UPF Editora¹⁰⁷, de Passo Fundo (RS).

Através da leitura de Bufrem (2001), as editoras universitárias possuem características muito peculiares. Neste tópico, tentou-se demonstrar que as particularidades permanecem no

¹⁰² Disponível em: <https://livraria.imprensaoficial.com.br/>. Acesso em 28 jan. 2020.

¹⁰³ Disponível em: <https://www.unisantos.br/edul/index.php?ckset=ok>. Acesso em 28 jan. 2020.

¹⁰⁴ Disponível em: <https://www.editoraufmg.com.br/>. Acesso em 28 jan. 2020.

¹⁰⁵ Disponível em: <http://editoraunesp.com.br/>. Acesso em 28 jan. 2020.

¹⁰⁶ Disponível em: <https://unp.br/edunp/>. Acesso em 28 jan. 2020.

¹⁰⁷ Disponível em: <http://www.editora.upf.br/>. Acesso em 28 jan. 2020.

gênero biográfico; em outras ocasiões, diferentes questões são observadas. O panorama inicial dos livros levantados aponta que três (José Mendonça, Juca Kfoury e Tinhorão) são de protagonistas vivos no momento do lançamento da obra. Além disso, dois dos oito (Palmyra Wanderley e Tarso de Castro) são resultados de pesquisas acadêmicas e dois ainda foram publicados em épocas de efemérides – em 2001, nos dez anos da morte de Tarso de Castro e em 2012, quando completaram 30 anos do falecimento de Tarquínio.

Antes de apresentar a ficha de cada biografia selecionada para a amostra, além de uma breve identificação do autor e do biografado, será necessário mencionar os bastidores da confecção da obra biográfica. Em muitas biografias, quando possível, o biógrafo revela o motivo da escolha do protagonista, fontes consultadas, métodos empregados e as dificuldades em conseguir as informações.

Ele sente a necessidade de se explicar junto aos leitores, de antecipar-lhes o que irão descobrir em termos de questões novas e aberturas de arquivos inéditos. O biógrafo justifica sua escolha e enfatiza os argumentos que ensejarão uma maior proximidade com a personagem escolhida, em função de suas pesquisas, de sua sensibilidade e de seus compromissos. (DOSSE, 2015, p. 95).

Para o professor Miquel Rodrigo Alsina (2009), a efetividade do discurso jornalístico se denomina contrato pragmático fiduciário, ou seja, o indivíduo compra e concorda com aquilo que lê. “Devemos acreditar que isso que se diz é verdade, e que aconteceu de fato assim mesmo. [...] A estratégia consiste em construir um discurso no qual se possa acreditar” (RODRIGO ALSINA, 2009, p. 48). O acordo reflete a legitimidade da função social do jornalista, que demonstra a necessidade de promover a transparência do trabalho. “Por essa razão, fazemos com que apareçam no discurso informativo as fontes da informação que o jornalista consultou, o jornalista lança mão das aspas para citar depoimentos técnicos [...] para que não haja dúvidas sobre ele” (RODRIGO ALSINA, 2009, p. 48-49).

Com Clarice

Autores: Affonso Romano de Sant'Anna e Marina Colasanti

Biografada: Chaya Pinkhasovna Lispector (Clarice Lispector)

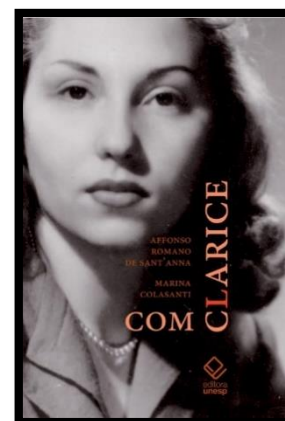
Editora: Unesp

Ano: 2013

Número de páginas: 250 p.

Tamanho: 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-393-0459-2



A obra se baseia nas recordações afetivas de Affonso Romano de Sant'Anna e Marina Colasanti. As reminiscências permeiam os discursos a respeito da atividade literária, jornalística e a própria relação de amizade que Clarice Lispector tinha com os autores. O livro é dividido em três partes: *Com Clarice*, *De Marina para Clarice* e *De Affonso para Clarice*. Ao fim, sete crônicas e um apêndice com uma entrevista elaborada pelos autores junto à autora de *A paixão segundo G.H.*

As lembranças dos autores sobre momentos rotineiros auxiliam na descrição da imagem que os leitores possam ter da escritora. Influenciado pela veia literária, em muitos momentos, Sant'Anna e Colasanti (2013) refletem algumas questões privadas de Clarice como quando rememoraram a saúde da colega.

Não recorro a roupa em detalhes, um vestido, certamente, porque me lembro das pernas, macio e ajustado, uma cor entre telha e sangue, quente. E as pulseiras. Usava duas escravas altas, de cobre batido, sem brilho, uma em cada braço. Eram as pulseiras exatas para serem usadas por uma mulher com aquele rosto tártaro. Dessas escarvas, as mãos emergiam grandes e elegantes. [...] Quando, anos depois, passou a colaborar no 'Caderno B' do *Jornal do Brasil*, a perda de habilidade das mãos a atormentava. Não conseguia colocar corretamente o papel carbono entre as duas folhas e depois enfiar os três no rolo da máquina. [...] Os meus colegas de redação tinham excessiva reverência ou paciência insuficiente, e Clarice ficou sendo 'minha'. Eu, que tanto a admirava, fiquei encarregada de cuidar dela, e das suas crônicas, dos contatos, dos trâmites. (SANT'ANNA; COLASANTI, 2013, p. 30-31).

Além de aspectos íntimos, que somente amigos conseguem decifrar, o livro pincela bastidores da produção ficcional, como no dia em que os autores levaram Clarice a uma cartomante no bairro carioca do Méier. No retorno, a escritora não comentou a conversa confidencial; porém, imagina-se que tenha gostado “[...] porque, tendo aprendido o endereço, voltou lá até o fim da vida, por sua própria conta. E fez de Nadir a cartomante que põe cartas

para Macabéa, em *A hora da estrela*” (SANT’ANNA; COLASANTI, 2013, p. 37). Mesmo sendo uma obra que valoriza bastante a imagem de Clarice, o livro contribui para entender o universo que circundava o cotidiano da escritora.

*_*_*_*_*

José Mendonça: A vida revelada

Autores: Flávio Friche, Manoel Marcos Guimarães e Maria Auxiliadora de Faria

Biografado: José Mendonça

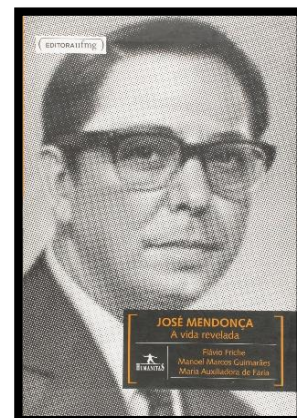
Editora: Editora da UFMG

Ano: 2009

Número de páginas: 170 p.

Tamanho: 15,5 x 23,5 cm.

ISBN 978-85-7041-807-4



A biografia faz parte de um projeto de resgate da memória dos profissionais que contribuíram para os 50 anos do curso de Jornalismo da UFMG. Para isso, os autores optaram por iniciar as homenagens a partir da vida de José Mendonça, tido como “[...] uma das figuras mais proeminentes do jornalismo mineiro” (FRICHE; GUIMARÃES; FARIA, 2009, p. 26). São três capítulos em que a personalidade de José é compreendida por diversas facetas – a partir dos depoimentos da esposa, filhos, netos e demais parentes; o Jornalista, pelos colegas de profissão; o Professor, através da contribuição de amigos e ex-alunos. Em toda a obra prevalece o envolvimento dele com todos os sujeitos e o legado enquanto profissional multifacetado.

Mendonça é lembrado pelos campos de atuação. Começou o trabalho no jornal *O Diário*, correspondente da *Folha de S.Paulo* e diretor da sucursal do *OGlobo* em Minas Gerais. Porém, o fato dele ter sido selecionado para integrar esta amostra reside no fato do biografado ter atuado, primeiramente, na criação do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais e, em seguida, na comitiva responsável pela fundação do curso de Jornalismo da UFMG.

Segundo os autores, a obra “[...] inscreve-se em um gênero híbrido, pois se assemelha ao tipo clássico de biografia – história de vida escrita na terceira pessoa -, mas com a peculiaridade de ter como fonte privilegiada a narrativa do biografado” (FRICHE; GUIMARÃES; FARIA, 2009, p. 26). Contudo, o que desperta atenção - e uma certa dúvida – é que o livro recorre prioritariamente aos pensamentos do próprio Mendonça. Levando em

consideração que o biografado possuía 91 anos à época da publicação, as informações parecem não ser checadas pelos autores. Embora Freitas (2002, p. 63) advirta que todos estão-sujeitos a algumas alterações da memória já que, “[...] quanto mais antiga e mais importante forem as reminiscências, mais persistentes elas se tornam em nossa memória”, a autora alerta que, com o passar dos anos, as pessoas com determinada idade, “[...] em decorrência da própria maturidade, as histórias contadas podem, muitas vezes, ser distorcidas ou inventadas” (FREITAS, 2002, p. 71-72).

*_*_*_*_*

Juca Kfouri: O militante da notícia

Autora: Carlos Alencar

Biografado: José Carlos Amaral Kfouri (Juca Kfouri)

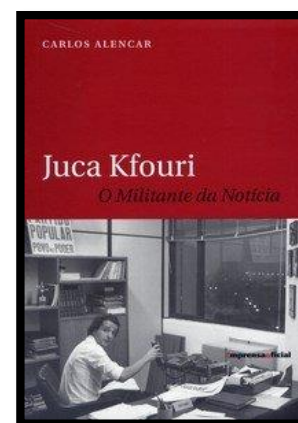
Editora: Imesp

Ano: 2006

Número de páginas: 212 p.

Tamanho: 13 x 19 cm.

ISBN 85-7060-356-8



O livro integra a coleção *Imprensa em Pauta*, editada pela Imesp. Por isso, o texto prioriza detalhes do personagem no ambiente jornalístico. Juca Kfouri¹⁰⁸, formado em Ciências Sociais, é retratado a partir da relação com o futebol, seja no Jornalismo por meio das passagens pelas revistas *Placar* e *Playboy*, na atividade sindical ou na relação com a política. Nascido em 1950, o livro aborda a vida de Kfouri principalmente a partir de 1964, período em que ele se relacionou com o movimento de guerrilha.

Durante a leitura do livro, observa-se que Juca Kfouri se tornou um profissional de referência na imprensa esportiva, conforme conta Alberto Dines no prefácio da obra. “Através do futebol – já que a política e a economia estavam blindadas pelo regime militar e seus parceiros civis -, Juca enfrentava o poder, o sistema, a teia de interesses escusos que se cevara à sombra da ditadura” (ALENCAR, 2006, p. 10). O ponto de vista converge quando Alencar (2006, p. 40) relembra de uma das pautas que foram premiadas: a matéria das bolhas dos pés dos jogadores. “No primeiro jogo a que foi, do seu Corinthians, é claro, o que lhe chamou sua

¹⁰⁸ Em 2017, Kfouri lançou o livro de lembranças intitulado *Confesso que perdi: Memórias*.

atenção no vestiário que não conhecia foi o pé calejado do jogador. Ficou espantado com os joanetes, unhas pisadas, bolhas, enfim, um estado deplorável”. Assim, começaria a pauta no esporte além da cobertura padrão de jogo, com os gols, as substituições e os comentários.

São 26 capítulos em que Carlos Alencar prioriza a história de momentos marcantes de Juca e por consequência, do jornalismo esportivo. Destacam-se os capítulos sete - *Máfia da loteria abala as estruturas do futebol*, sobre o embate de Placar quanto à possibilidade de investigação e cobertura de outros esportes e reportagens sobre a corrupção nos resultados; onze - *Sorte e teimosia desvendam a identidade de Carlos Zéfiro*, a respeito da primeira matéria de Juca à frente da Playboy; doze - *Camisinha, enfim, liberada na Playboy*, sobre militância do biografado em querer que a revista defenda o uso do preservativo; treze - *Sociólogo ataca de promotor público no mundo da bola*, dos escândalos contra dirigentes esportivos e catorze - *Sogro e genro entram na lista negra de Placar*, das investigações contra João Havelange e Ricardo Teixeira. Não há nenhuma referência bibliográfica ao final do livro. A única fonte oral que é evidenciada pela leitura é a do próprio Juca.

*_*_*_*_*

*Machado de Assis: Um gênio brasileiro*¹⁰⁹

Autor: Daniel Piza

Biografado: Joaquim Maria Machado de Assis

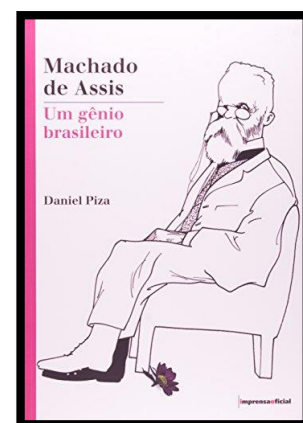
Editora: Imesp

Ano: 2005

Número de páginas: 406 p.

Tamanho: 16,5 x 23,5 cm.

ISBN 85-7060-366-5



A biografia escrita por Daniel Piza compreende o período de 1839 a 1908, isto é, o nascimento do escritor até a morte, que remete ao estilo linear, com início-meio-fim. Contudo, para que o leitor possa se situar na história, Piza permite retroceder o tempo, lembrando também o passado de Machado até a vida dos avós. Ademais, o próprio autor abusa de marcas contextuais para que o protagonista possa ser descrito como peça fundamental da compreensão de um jornalismo opinativo para informativo, além de estar atrelado às mudanças da imprensa.

¹⁰⁹ Em 2006, a obra seria finalista da categoria Biografia no Prêmio Jabuti de Literatura. A vencedora foi o livro *Carmen: Uma biografia*, do também jornalista Ruy Castro.

“Pelo estudo de sua vida e obra podemos conhecer melhor o Rio de Janeiro e o Brasil da segunda metade do século XIX e observar como ele foi diferente dos contemporâneos” (PIZA, 2005, p. 11-12).

São 13 capítulos ordenados de maneira cronológica – exceto o primeiro, cuja história retrata os últimos dias de Machado em 1908 -, em associação com o contexto da época e as influências de Machado para esboçar os personagens de obras clássicas como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó*. “Machado levou para a ficção o jogo de máscaras que conheceu em sua história pessoal, à medida que melhorava de vida, e investigou uma mentalidade que se prendia às aparências e aos interesses, por cima dos méritos e dos afetos” (PIZA, 2005, p. 13).

Durante a apresentação, Piza (2005) menciona outros autores que se dedicaram a escrever a história de Machado, como Luís Viana Filho e Raimundo Magalhães Jr.¹¹⁰. O autor reconhece o desafio de recompor 69 anos de história solidificados em múltiplos campos – Literatura, Política, Jornalismo - em pouco mais de 400 páginas e garante que as “[...] maneiras pelas quais sua obra leu as entrelinhas de sua época são mais sutis do que se possa imaginar. Esclarecer um pouco dessa complexidade é o objetivo dessa biografia” (PIZA, 2005, p. 16). Além de usufruir de 201 referências, Piza (2005) traz ao leitor uma seção de créditos de imagens e a cronologia das obras.

*_*_*_*_*

Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley

Autora: Isabel Cristine Machado de Carvalho

Biografada: Palmyra Guimarães Wanderley

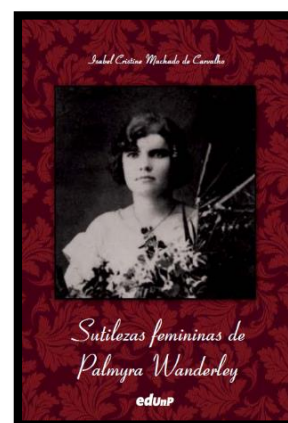
Editora: EdUnp

Ano: 2012

Número de páginas: 159 p.

Tamanho: 15 x 22 cm.

ISBN 978-85-61140-55-7



¹¹⁰ Escreveu *Vida e obra de Machado de Assis* em quatro volumes - Aprendizado, Ascensão, Maturidade, Apogeu – e que foram lançados originalmente em 1981. No centenário da morte de Machado, em 2008, a editora Record republicou as obras em uma versão revista e ampliada.

O trabalho evidencia o papel pioneiro da mulher na imprensa do estado do Rio Grande do Norte, bem como revela aspectos contextuais, como a própria educação feminina na região Nordeste durante as primeiras décadas do século XX. Assinado pela jornalista Isabel de Carvalho e lançado em 2012 pela EdUnP, a obra é resultado da dissertação defendida em 2004, no Programa de Pós-Graduação em Educação, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

A biografia de Palmyra serviu como uma continuação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado na graduação da autora. Na ocasião, o TCC focou na participação feminina na imprensa potiguar (1914 - 1929), em especial através da figura de Palmyra Wanderley. Em *Sutileza femininas*, Carvalho (2012) ampliou o estudo ao avaliar a contribuição da biografada para a educação feminina.

Busquei através de seus escritos jornalísticos – produzidos na revista feminina *Via-Láctea* (1914-1915), de sua idealização, assim como no jornal *A República* e *Diário de Natal*, da década de 1920 – estabelecer relações com a educação, uma vez que essa mulher produziu nas páginas desses impressos crônicas e artigos a respeito da educação feminina e da condição da mulher. Ao mesmo tempo, delineio o perfil biográfico de Palmyra Wanderley relacionando-a ao momento histórico em que viveu. (CARVALHO, 2012, p. 19).

Dividido em duas partes – I: Palmyra Guimarães Wanderley, onde apresenta a protagonista enquanto jornalista e escritora e II: Configurando o cenário, parte esta que dialoga com o espaço da biografada, seja na cidade de Natal (RN) ou nas campanhas feministas e na educação da mulher –, o livro fornece um catálogo de documentos e fotografias. São 133 referências listadas ao final do livro, sendo que 22 delas são monografias, dissertações e teses. A autora conseguiu conversar com quatro fontes – uma delas foi o sobrinho da biografada. Válido mencionar que, por se tratar de uma investigação acadêmica, o livro manteve as citações longas e notas de rodapé, o que não prejudica o andamento da leitura.

Tarquínio: Começar de novo

Autora: Rafael Motta

Biografado: Esmeraldo Soares Tarquínio de Campos Filho

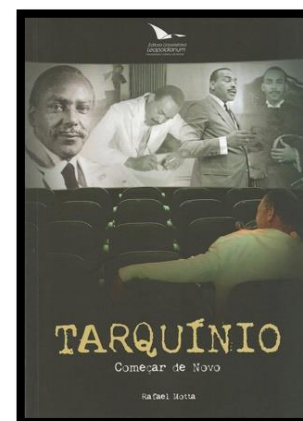
Editora: Leopoldianum

Ano: 2012

Número de páginas: 240 p.

Tamanho: 16 x 23 cm.

ISBN 978-85-60360-32-1



O livro conta a história do advogado e jornalista paulista Esmeraldo Soares Tarquínio de Campos Filho. Escrito pelo jornalista Rafael Motta e publicado em 2012 pela editora Leopoldianum, pertencente a Unisantos, o livro possui 240 páginas e 36 capítulos divididos em três partes – Embarque; Mar Revolto; Resgate.

Após escrever uma reportagem para o jornal *A Tribuna* a respeito das quatro décadas, na ocasião, da suspensão por dez anos dos direitos políticos de Tarquínio, Motta (2012) pode esclarecer uma história ainda incompreendida pela sociedade santista. “Os quatro dias em que produzi a matéria bastaram-me para, afinal, descobrir e entender o significado dessa figura única. Homem comum, com vícios e defeitos, era superior à média em suas qualidades e respeitado até por seus mais duros adversários” (MOTTA, 2012, p. 10). Com a história em mãos, o jornalista se dedicou a escrever uma biografia sobre o político, em que pode se ater ao trabalho de reconstruir o período de quase um século: de 1898 a 1984, ou seja, do nascimento do pai do biografado até as eleições diretas para prefeito de Santos (SP).

Observa-se que mesmo o fator regionalismo ser forte, há uma universalização temática, já que a política é um assunto que ronda o passado e dialoga com a história da cidade. Assim, o livro pode contribuir com a história do município ao tentar esmiuçar o passado do único prefeito negro eleito em Santos (SP). A obra pode também ser estudada a partir da ótica racial. Para a confecção do livro, Motta se utiliza de 32 referências, sendo 17 entrevistas, seis de origem acadêmica e nove jornais; destes, cinco são de Santos.

Tarso de Castro: Editor de “O Pasquim”

Autora: Sônia Regina Schena Bertol

Biografado: Tarso de Castro

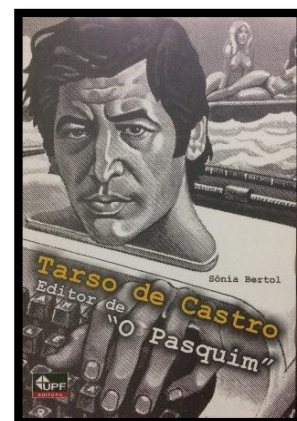
Editora: UPF Editora

Ano: 2001

Número de páginas: 96 p.

Tamanho: 14,5 x 21 cm.

ISBN 85-7515-036-7



Resultado da dissertação defendida, em 1999, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação na UFRGS e publicada na ocasião dos dez anos de morte do biografado, a obra compreende de forma sintética os 50 anos atribulados do jornalista gaúcho Tarso de Castro¹¹¹. O protagonista serve como um guia no período do regime militar, quando surge *O Pasquim* e o envolvimento com a imprensa alternativa.

Interessante observar a pontuação da autora ao mencionar a escolha do personagem pelo fato do “[...] total desconhecimento de sua contribuição ao jornalismo brasileiro por parte dos novos alunos de Jornalismo da UPF e do Rio Grande do Sul” (BERTOL, 2001, p. 12-13). Além disso, a proposta da obra “[...] não é uma biografia linear de um jornalista dentro do campo da comunicação, mas localizar a vida e a obra desse jornalista dentro de um momento preciso da história do país” (BERTOL, 2001, p. 14).

Tarso morreu jovem; porém, por ser um trabalho acadêmico, a autora necessitou selecionar um período. Assim, o foco da pesquisa se voltou ao período de atuação no *Pasquim* (junho de 1969 ao fim de 1970). Enquanto figura célebre do jornalismo, Tarso é apresentado perante a dicotomia humana; contudo, sem denegrir a imagem de repórter combativo.

*_*_*_*_*

¹¹¹ O jornalista receberia em 2005 uma nova biografia – *Tarso de Castro: 75 Kg de músculos e fúria* –, assinada por Tom Cardoso. Em 2017 seria lançado o documentário *A vida extra-ordinária de Tarso de Castro*.

Tinhorão: O legendário

Autora: Elisabeth Lorenzotti

Biografado: José Ramos Tinhorão

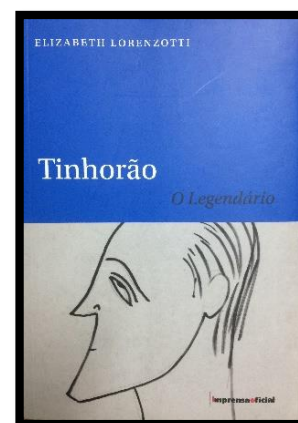
Editora: Imesp

Ano: 2010

Número de páginas: 280 p.

Tamanho: 13 x 19 cm.

ISBN 978-85-7060-735-5



Nascido em 1928, José Ramos se fez presente na história do jornalismo a partir de 1953 quando ingressou no *Diário Carioca*, periódico onde ganhou o apelido de Tinhorão que marcaria a carreira e ainda seria reconhecido pelos textos-legendas bem como as críticas ácidas ao ambiente cultural. Entretanto, apesar do trabalho em redação – refletida pela extensa descrição que a autora realiza do ambiente profissional, o biografado se tornou referência na posteridade devido aos estudos sobre música popular.

Personagem singular da história do jornalismo brasileiro, trata-se do único que, a partir de seus artigos em jornais, começou a construir uma outra carreira, a de historiador da cultura urbana. Hoje, seus artigos reunidos em livros são respeitável fonte de estudos e pesquisas, assim como toda sua obra de historiador. (LORENZOTTI, 2010, p. 7).

Os primeiros nove dos 13 capítulos são voltados à carreira do biografado, vida esta que se relaciona com a história também do jornalismo no eixo Rio-São Paulo: de estagiário que escrevia notinhas para a função de copidesque; vida de freelance; mudanças nas rotinas de jornais, além da reforma de modernização no *Jornal do Brasil*. Os capítulos finais abordam os estudos de Tinhorão, “[...] um quase ermitão, um militante solitário da cultura” (LORENZOTTI, 2010, p. 9).

Fonte principal do trabalho, Tinhorão se torna em alguns momentos coadjuvante, pelo simples fato de dividir espaço com outros profissionais como Janio de Freias, Nilson Lage, Carlos Castello Branco. Ao total, a jornalista Elisabeth Lorenzotti utiliza 77 referências, sendo 13 livros, 34 artigos, 24 obras de Tinhorão, além de seis delas editadas em Portugal. Como anexos, a autora apresenta 16 textos do biografado.

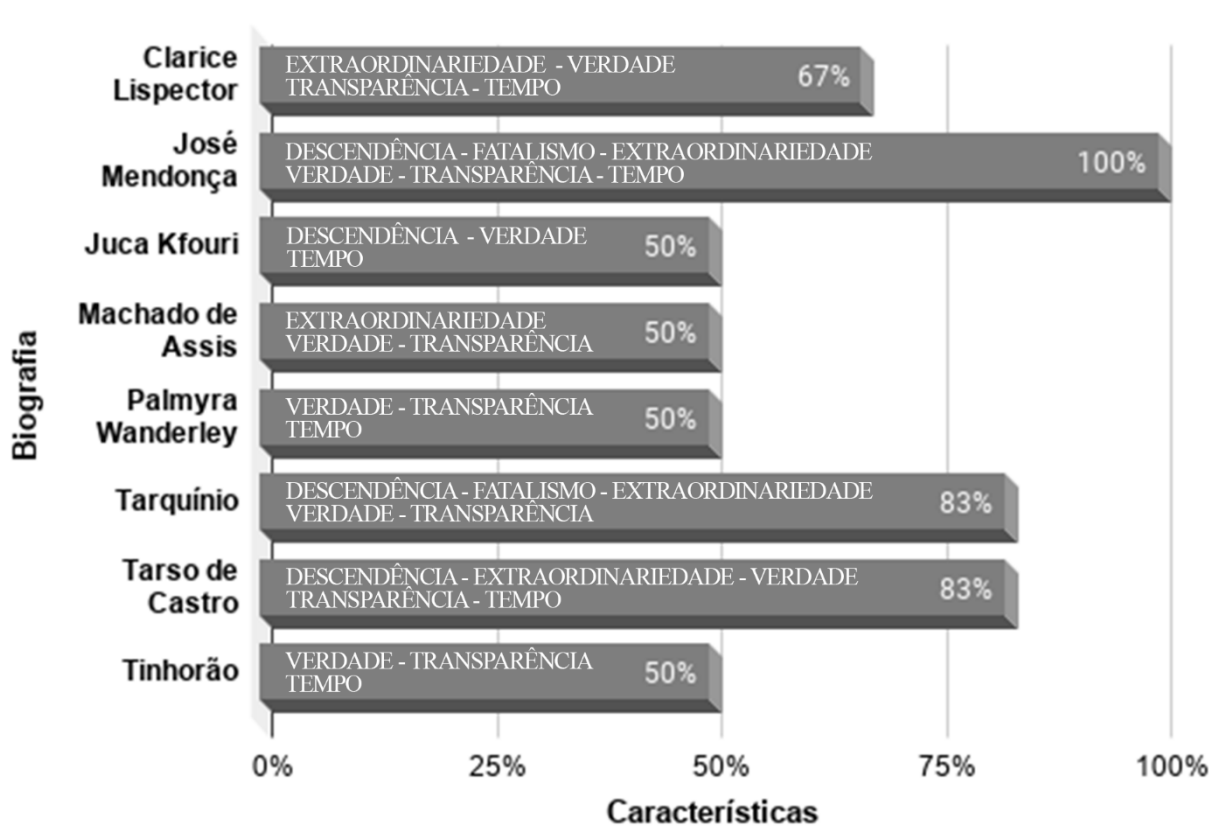
6.1 CARACTERÍSTICAS DOS BIOGRAFADOS

Vilas Boas (2008) propôs uma reflexão a respeito da escrita biográfica ao levar em conta sete biografias¹¹² assinadas por jornalistas. O pesquisador observa que os autores privilegiam as informações do biografado a tal ponto que o modo de biografar acaba se moldando a uma forma, com esquemas e limitações. Para fugir das regras pré-moldadas, Vilas Boas (2008, p. 25) constata que seis tópicos sempre se repetem nas obras avaliadas. 1) Descendência, 2) Fatalismo, 3) Extraordinariedade e 4) Verdade se relacionariam “[...] à maneira de pesquisar e compreender”; já 5) Transparência e 6) Tempo estariam “[...] diretamente associadas ao modo de expressar/narrar da biografia contemporânea” (VILAS BOAS, 2008, p. 25). Doze anos se passaram entre a publicação original da obra e a escrita da presente dissertação. A partir da leitura dos oito livros selecionados para a amostra e baseados nas seis reflexões sobre o conceito de Jornalismo Biográfico (VILAS BOAS, 2008), avaliou-se como os protagonistas jornalistas são constituídos pelos biógrafos e se essas características ainda permanecem no gênero.

A seguir, no Gráfico 6, um esboço desses seis aspectos em cada biografia. Em uma interpretação preliminar, os aspectos citados por Vilas Boas (2008) mais presentes são a Verdade e a Transparência e a característica menos utilizada é o Fatalismo. Além disso, os primeiros resultados apontaram que os tópicos ainda se repetem, ou seja, são uma tendência na escrita biográfica, inclusive nos livros do gênero publicados por editoras universitárias. Em quatro obras a presença é dominante e nas demais quatro, as características são equilibradas. Destaque para o livro sobre José Mendonça, que integra todos os aspectos.

¹¹² Com o intuito de provar sua hipótese, Vilas Boas (2008) apresenta recortes das obras *JK: O artista do impossível*, de Claudio Bojunga; *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues* e *Estrela solitária: Um brasileiro chamado Garrincha*, ambos de Ruy Castro; *Chatô: O rei do Brasil*, de Fernando Morais; *Mauá: Empresário do Império*, de Jorge Caldeira; *Morte no paraíso: A tragédia de Stefan Zweig*, de Alberto Dines e *Fidel Castro: Uma biografia consentida*, de Cláudia Furiati.

Gráfico 6 – Presença dos seis aspectos biográficos (VILAS BOAS, 2008) em cada obra da amostra



Fonte: O autor.

O primeiro tópico apresentado por Vilas Boas (2008) diz respeito à Descendência, um fator estratégico para a formação humana do personagem. A relação do passado e presente teria uma influência decisiva nas atitudes, conquistas e o temperamento. “Dentro desse cenário, me pergunto se, do ponto de vista do biografismo, é sensato [...] invocar a ascendência consanguínea quando não se sabe exatamente os porquês de uma atitude ou característica é recuso, falta de recurso ou estreiteza filosófica” (VILAS BOAS, 2008, p. 49).

Sonia Bertol sugere, brevemente, que Tarso de Castro recebeu influências familiares na decisão do futuro profissional. “Em sua infância, cresceu numa casa de fundos, já que na frente se situava a empresa da família, o jornal *O Nacional*. Tarso iniciou sua formação trabalhando no linotipo do pai, mas sempre procurava ter um conhecimento global do processo de produção de um jornal” (BERTOL, 2001, p. 43). Carlos Alencar, na biografia sobre Juca Kfoury, discorda de Vilas Boas e acredita que a descendência seja um tópico a ser lembrado. Sociólogo de formação, Juca optou em fazer uma pós-graduação, mas logo foi convidado a assumir a chefia de reportagem da revista *Placar*. Ao aceitar o comando, ainda novato na liderança do jornalismo, Juca se deparou com repórteres como Carlos Maranhão e José Maria

de Aquino. Nas reuniões de pauta, sugeria matérias que iam além do óbvio no jogo de futebol e adentrava os bastidores.

Resumo da ópera: a matéria foi feita e ganhou o Prêmio Abril de Jornalismo. ‘Comecei a ganhar respeito dos repórteres e virei diretor de *Placar* cinco anos depois’, festeja Juca, que viu aflorar naquele momento o ‘vírus do jornalismo’ que até então estava inoculado. O sangue de jornalista já corria em suas veias por causa do seu avô Luís Amaral, que foi o primeiro repórter a encontrar a Coluna Prestes. (ALENCAR, 2006, p. 40-41).

Depois, Vilas Boas lista o Fatalismo como a segunda reflexão pertinente em histórias de vida. Pela característica, tudo acontece devido ao destino, isto é, o protagonista estaria predestinado à fama desde ao nascimento e as vitórias fariam parte da trajetória. “A cultura ocidental tende a confundir sucesso com dinheiro, fama com ‘estar e evidência’ e competência com resultado financeiro” (VILAS BOAS, 2008, p. 100). A partir da década de 1950, com o surgimento da televisão “[...] a fama (traduzida em visibilidade na mídia) é a recompensa natural para uma pessoa com capacidades invejáveis” (VILAS BOAS, 2008, p. 100). Vilas Boas (2008) elabora uma análise entre biografar pessoas vivas e mortas. A diferença entre elas se dá no momento da pesquisa e quem sai “perdendo” são os escritores que não conheceram os biografados. Caso isso tenha acontecido, perde-se a vivacidade, elemento fundamental para compreender o humano na sociedade.

O fatalismo é visualmente apresentado logo no primeiro parágrafo do capítulo inicial da obra a respeito de José Mendonça. Os autores o descrevem a partir de visões subjetivas e ainda o classificam como um ser santificado, típico de alguém homenageado. “Quem conheceu o professor José Mendonça e, de uma forma ou de outra, conviveu ou convive com ele certamente não terá dúvida em apontá-lo como um daqueles a quem Jesus Cristo prometeu o Reino dos Céu por serem ‘mansos e humildes de coração’” (FRICHE; GUIMARÃES; FARIA, 2009, p. 31). Enquanto Mendonça era prestigiado por ex-alunos quando vivo, Tarquínio foi lembrado no ano em que a morte dele completava 30 anos. O biógrafo Motta (2012, p. 24) tratou relatar, de forma implícita, que o biografado possuía características predestinadas, como amadurecimento precoce devido a intempéries da vida, o que influenciou na carreira futuramente, fato observado neste excerto: “O caçula, Esmeraldo Tarquínio, tinha completado 7 anos uma semana antes de perder o pai. No ano seguinte, em 1935, aos 8 e já alfabetizado pela mãe, arrumou o primeiro emprego: aprendiz de marceneiro”. Em outra parte, a mesma característica se repete.

Passando por dificuldades, mesmo com o salário de office-boy, com que cara o garoto diria à mãe que havia perdido o emprego? Deixou de lado a notícia, ao menos naquele instante: percorreu as casas comerciais que pôde, deixando seu nome à disposição para eventuais serviços. (MOTTA, 2012, p. 28).

Ser extraordinário, para Vilas Boas (2008) é outra característica das biografias jornalísticas contemporâneas. “Construir o biografado com base em hereditariedades consanguíneas [...] ou como mero serviçal de uma obra premeditada [...] banaliza, diminui a narrativa biográfica e o personagem. A mesma coisa podemos dizer de um biografado visto como anormal, gênio, ou Deus” (VILAS BOAS, 2008, p. 121), o que torna muitos livros semelhantes à idolatria. Nas biografias analisadas pelo pesquisador - JK, Nelson Rodrigues, Garrincha, Chatô, Mauá, Stefan Zweig e Fidel – todos apresentam essa abordagem; todos os biógrafos indicam que, na área de atuação, seus protagonistas se destacaram porque eram singulares. Na amostra da presente investigação, cinco possuem essa angulação.

Por serem escritores de referência, Machado de Assis e Clarice Lispector servem de exemplos para o aspecto de extraordinariedade. Desde o início da leitura da biografia de Machado, Piza (2006) justifica os aspectos peculiares da vida, por se tratar de um biografado que viveu numa capital federal em meio a uma sociedade escravocrata, que não abria brechas para ascensão social. O aspecto pode ser ilustrado neste trecho: “Mesmo com todos esses problemas e pobreza, Machado teve uma educação incomum. Pai e mãe – uma raridade entre famílias humildes na época – sabiam ler e escrever e provavelmente lhe ensinaram o português” (PIZA, 2005, p. 55) ou em “A ascensão social de Machado, de neto de ‘pardo forro’ a homem de destaque no meio cultural da Corte, embora sem muita renda e vivendo de aluguel, havia sido rápida” (PIZA, 2005, p. 118). Enquanto isso, a jornalista ucraniana é biografada através das lembranças dos autores que convivera com ela, como no excerto abaixo:

Eu era pouco mais que uma adolescente quando trombei com Clarice nas páginas da revista *Senhor*. Foi um tranco em minha alma. Não tinha a menor ideia de quem ela fosse, provavelmente nem sabia o que era um *writer's writer*. Mas, ao me deparar pela primeira vez com um dos seus contos, não tive hesitação, aquilo era obra de um gênio. (SANT'ANNA; COLASANTI, 2013, p. 36).

A Verdade é uma ideia a ser perseguida pelo jornalista. Motivado por ela, o profissional biógrafo parte para a busca de informações com o intuito utópico de recompor universalmente determinada história; entretanto, os relatos de vida tanto evidenciam quanto escondem. “Os biografados não são consistentes, lógicos, simples e diretos como os biógrafos

tentam nos fazer crer pela via de ostentação de seus perdido e achados, seus gigantescos arquivos de informações, suas memórias prodigiosas, suas ideias fixas” (VILAS BOAS, 2008, p. 163). A ingenuidade também está associada ao conceito de ilusão biográfica (BOURDIEU, 2001) e ainda àquelas informações já premeditadas, não checadas e que foram alimentadas ao longo do tempo.

Assim como os melhores retratos não são os que têm mais tinta ou os que nos mostram todos os poros de um rosto, também as melhores biografias não serão as que encerram maior número de documentos e citações, mas as que, no conjunto, nos proporcionem uma nítida e sincera impressão do autor sobre a vida e a personalidade de um ser humano, inclusive assumindo-se como portador de processos intelectuais e sensoriais. (VILAS BOAS, 2008, p. 173).

A biografia de José Ramos Tinhorão, além de destacar a trajetória de um jornalista pesquisador, joga luz a um período estratégico do jornalismo impresso no Brasil, especialmente em redações do *Diário Carioca* e do *Jornal do Brasil*. Tinhorão não é sobrenome e sim, uma planta ornamental; porém, venenosa, o que fez associar o nome dele a algo tóxico. Lorenzotti (2010, p. 155) aproveitou a chance de biografar o jornalista para sanar dúvidas e corrigir falsos preconceitos. “O ‘veneno’ de Tinhorão, portanto, está em sua maneira irônica e sarcástica de escrever – ácida, muitas vezes – que faz com que o leitor reflita sobre aquilo que está lendo. Seus artigos, dessa forma, não eram textos ‘descartáveis’ no jornal”. No livro a respeito de Tarso de Castro, Bertol (2001) conta a história de *O Pasquim* na imprensa alternativa através da figura combativa do próprio Tarso. Ela não esmiúça detalhes, não caça segredos ou revela intimidades. A biógrafa simplesmente utiliza o protagonista como um guia, uma bússola que norteia o leitor por meio do período atribulado da ditadura militar.

Tarso de Castro [...] marcou a história brasileira num de seus momentos mais decisivos, apresentando-se como um símbolo de luta contra a opressão e a censura. É essa trajetória que pretendemos esboçar, na qual situamos, primeiramente, nosso personagem num contexto geográfico, espacial e político-econômico. Com esse ponto de partida, delineamos seu perfil profissional, destacando sua contribuição intelectual o cenário brasileiro e enfatizando seu protagonismo na fundação do semanário *O Pasquim*. (BERTOL, 2001, p. 39).

Vilas Boas (2008) recomenda assumir Transparência com o público leitor, fato não compartilhado pela maioria dos biógrafos. “A narrativa sobre o biografado reflete elementos da vida do biógrafo também, embora esses elementos nunca nos sejam explicitados. [...] Raras são

as biografias consideráveis nas quais os autores se assumem, se expõe, se permitem. Ao contrário, procuram se esconder” (VILAS BOAS, 2008, p. 180). Ele complementa que, embora a maioria dos autores-jornalistas não revelem o dito eu-convincente, duas questões precisam despertar atenção: os contextos e a natureza das fontes. “Ou seja, essa massa bruta, fragmentária e lacunar dos documentos (de todos os tipos e formas) é passível de explicitação pelo eu-convincente rumo à maior transparência” (VILAS BOAS, 2008, p. 199).

Motta (2012) biografou Tarquínio após ter elaborado uma matéria sobre o passado do ex-político santista no jornal *A Tribuna*. Baseado em uma vasta referência, desde entrevistas orais, jornais e documentos pessoais, o biógrafo tenta aproximar o leitor do que foi a realidade do biografado. Mas admite: o trabalho não está completo. “Permeado por breves referências históricas, para que compreendam os diferentes momentos da política no Brasil e em Santos, este trabalho não é definitivo. Representa um trecho na caminhada, resultante de 14 meses de leitura, pesquisas fotográficas e depoimentos” (MOTTA, 2012, p. 11). Por ser resultado de uma pesquisa acadêmica, a biografia sobre Palmira Wanderley percorre um caminho semelhante ao do livro assinado por Bertol (2001): utiliza a figura da jornalista para retratar a educação feminina no Rio Grande do Norte. No início da obra, Carvalho (2012) justifica a escolha do protagonista, agradece quem a ajudou durante a investigação, expõe os trabalhos que mais a auxiliaram no percurso de pesquisa e ainda reconhece a contribuição do livro para o cenário regional.

Penso que, ao apresentar a contribuição dessa escritora na construção da sociedade letrada norte-rio-grandense, estou construindo a possibilidade de mostrar para a atualidade como era a educação das mulheres no começo do século XX e, também, contribuindo para a história do jornalismo no Rio Grande do Norte, durante o período estudado. (CARVALHO, 2012, p. 28).

Por fim, o Tempo é eleito como o sexto ponto de aperfeiçoamento para o jornalismo biográfico. Vilas Boas (2008, p. 212) observou que as narrativas biográficas eram constituídas temporalmente de maneira cronológica. “Biógrafos de qualquer formação profissional narram episódios biográficos numa progressão que vai sempre, e no mínimo, do nascimento à morte, com base nessa tal ‘folhinha’ arbitrada”. Obviamente, os biógrafos que se dedicam anos a pesquisar a vida de alguém – como Paulo Cesar de Araújo fez com Roberto Carlos – já sabem os gostos, costumes, rituais, interesses e até possuem uma linha mestre que guiará as angulações. Porém, mesmo se os dados estejam à disposição, é difícil recompor a trajetória; por

isso, Vilas Boas (2008) sugere uma alternativa, baseada em dimensões físicas, psicológicas, contextuais e imprevistas.

O que é possível, porém, é o biógrafo trabalhar com episódios. Episódios construídos em pequenos intervalos de tempo (refiro-me ao tempo usual dos calendários), dentro dos quais se possa evidenciar as quatro dimensões mencionadas anteriormente. Os episódios não precisam ser cronológicos, em uma seqüência que vá, por exemplo, do nascimento à morte. (VILAS BOAS, 2008, p. 239).

As únicas duas biografias do estudo que seguem a ordem linear, de acordo com a cronologia do biografado, são as que abordam as histórias de vida de Esmeraldo Tarquínio e Machado de Assis. As demais obras contam a trajetória de maneira diferente, a partir de momentos, estações. Felipe Pena (2004) define o estilo como teoria da biografia sem fim, onde episódios seriam fractais, uma opção à biografia cronológica. No latim, a palavra *fractus* significa irregular. Ao adaptar o termo às escritas de vida, Pena (2004) aconselha que os capítulos poderiam ser nomeados de acordo com as diversas faces de um indivíduo atuante na sociedade, como o pai, o filho, o empregado, o vizinho, o religioso. “A identidade é descentrada e fragmentada. [...] Classe, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade, raça e outras tantas identificações formam uma estrutura complexa, instável e, muitas vezes, deslocada. Nas contradições e deslocamentos estão os fractais da identidade” (PENA, 2004, p. 62). A teoria da biografia sem fim foi aplicada em um de seus livros, intitulado *Seu Adolpho: Uma biografia em fractais de Adolpho Bloch, fundador da TV e da Rede Manchete* (2010).

Não existe um verdadeiro biografado, apenas complexos pontos de vista sobre ele. O biógrafo assume que privilegia alguns destes pontos de vista, mas os privilégios são aleatórios, baseados na própria viabilidade de acesso às informações. Tudo o que temo são lacunas, e elas são infinitas. Não é possível contar essas histórias como elas realmente ocorreram, então limite-se a tentar torná-las interessantes e divida seu trabalho com o leitor. (PENA, 2004, p. 85).

A biografia de José Mendonça foi escrita a partir de três identidades: o José, enquanto marido, pai e avô; o José Mendonça como jornalista e o professor Mendonça. Isto é, três capítulos emblemáticos que descortinam o biografado através das pessoas que o conheceram de perto nos diversos espaços de pertencimento em que atuou. Outro livro que segue a mesma regência se trata de Juca Kfoury. Na obra, Alencar (2006) narra a vida do profissional de imprensa por meio de momentos marcantes, episódios que mereciam – segundo julgamento do

autor - ser destacados no livro. Tais critérios não foram explicitados por Alencar; o leitor apenas acompanha a vida de Kfoury pelo legado combativo e inovador à frente das redações que atuou e das matérias que ajudou redigir.

6.2 ELEMENTOS QUE COMPÕE A HISTÓRIA DO JORNALISMO BRASILEIRO

Na terceira parte dos resultados da dissertação, com a missão de caracterizar a história do jornalismo brasileiro através das biografias de jornalistas publicadas no período de 1998 a 2018 nas editoras universitárias, elegeu-se três situações que se repetem na leitura das oito obras biográficas: “ambiente jornalístico”, “espaços de pertencimento” e “legado do biografado”. Transformadas em categorias (BAUER, 2000), os três casos nos auxiliam em uma melhor compreensão, já que iluminam o passado profissional dos escritores que colaboravam em jornais pelo século XIX, como Machado de Assis e Palmyra Wanderley, e revelam nuances dos demais protagonistas ao longo do século XX.

6.2.1 Ambiente jornalístico

A primeira categoria é o “ambiente jornalístico”, que funciona como uma caracterização das redações e das rotinas profissionais (TUCHMAN, 1983). Nele, os jornalistas biógrafos aproveitam para contextualizar épocas e lugares, se utilizam de descrições e ainda inter cruzam histórias de outros jornalistas que conviveram com o biografado. Uma forma de lembrar dos personagens – às vezes, anônimos - que ajudaram a fazer a história do jornalismo local. Ao se propor a biografar um personagem do tamanho de Machado, Piza (2005) estava ciente das dificuldades que iria enfrentar, já que a maior parte das histórias do escritor estão concentradas no século XIX. Na coleta de informações, Piza (2005) conta, revela, detalha. E para entender a aproximação do escritor com a pena jornalística, necessita-se entender as estratégias dos folhetins, publicações ficcionais baseadas no cotidiano com intuito de atrair potenciais novos leitores e futuros assinantes do jornal. “[O]s romances-folhetim eram publicados em partes, suspendendo sua ação dramática de tal forma que a solução do problema ou do enigma exigisse vários capítulos nos quais novos personagens e acontecimentos fossem surgindo” (STRELOW, 2008, p. 6-7), modelo que influenciaria, mais tarde, o surgimento das telenovelas.

Os folhetins retratavam as novidades da época. Autores como Joaquim Manuel de Macedo, que publicou *A moreninha* (1844), se tornaram notáveis ao escrever histórias, mesmo

ficcionais, baseadas no cotidiano. “Os costumes mudavam, rapidamente. As crônicas de Alencar refletem essas mudanças. [...] O folhetim espelhava os acontecimentos: inauguração das corridas de cavalo, [...] o aparecimento das máquinas de costura” (SODRÉ, 1999, p. 191). A época da imprensa no Império simbolizou a fase dos homens de letras na imprensa, teatro (SODRÉ, 1999) e o auge da multiplicação dos jornais, como bem ilustra Piza (2005) na passagem a seguir:

No final da década de 1840 é que os periódicos se multiplicavam. O *Correio Mercantil* é lançado em 1848 com sucesso imediato. [...] A seção folhetim ocupa o rodapé nas três primeiras das oito páginas. [...] A virada para a década de 1850 já traz, assim, alguns jornais mais independentes, com os embriões da crítica cultural moderna, e aos poucos alguns nomes reais aparecem no lugar dos pseudônimos. Novas técnicas de impressão possibilitam também o lançamento de periódicos em formato *standard* (até hoje o padrão no Brasil) [...]. Em 1854, mesmo ano em que Machado conhece Paula Brito, o *Correio Mercantil* investe em dois escritores em ascensão, que em breve dividiriam as luzes com Macedo: José de Alencar e Manuel Antônio de Almeida. (PIZA, 2005, p. 62-63).

Na virada do século XIX para o XX, os jornais norte-americanos começaram a adquirir o gosto pelo sensacionalismo. Os repórteres procuravam escrever textos que flertavam com a literatura, na mesma frequência com que buscavam notícias. No ínterim, emergem dois momentos que irão polarizar o jornalismo em entretenimento e informação: Joseph Pulitzer e o *New York World* x *New York Times*. A dupla inovou em pensar o jornal de maneira diferente. Pulitzer descobriu que os periódicos vendiam mais se houvesse ilustrações e ainda, títulos maiores, destacados. Enquanto isso, o *Times* se especializava em notícias financeiras, voltadas ao setor econômico. Sob o comando de Adolph Ochs, o jornal se tornaria mais completo, de maior circulação e mais credível (SCHUDSON, 2010). No início do século XX, ainda próximo da década de 1920, as matérias passam a ser assinadas, o que torna a figura do repórter ainda mais valorizada, bem como a do gênero reportagem. Em evidência, o esforço do sujeito de ir em busca da informação: surgem as reportagens interpretativas, gênero que irá se aproximar da objetividade (SCHUDSON, 2010). Influenciados pela prática estadunidense, os jornais em solo brasileiro se transformaram em fábrica de notícias ao investir em aparato tecnológico para que a distância entre o acontecimento e o leitor fosse a menor possível (BARBOSA, 2013). “Crimes hediondos, incêndios retumbantes, catástrofes de todos os tipos e para todos os gostos passaram a fazer parte, com destaque, das publicações mais populares que, assim, pelas sensações produziram a sua aproximação com o público” (BARBOSA, 2013, p. 199).

Em paralelo a isso, nos anos 1920, o jornalismo impresso continuava a ser a plataforma de acesso dos escritores que desejavam ser reconhecidos pela literatura. Quando debutou na ficção, Palmyra Wanderley não era nenhuma anônima. Pelo contrário, próximo dos 15 anos deu início à prática jornalística com a fundação de *Via Láctea*, “[...] uma revista impressa em papel tamanho ofício, de oito páginas, com duas colunas em cada uma delas. Quase não apresenta seções fixas nem obedece a uma diagramação rígida. Porém, já existe alguma preocupação com o discurso gráfico” (CARVALHO, 2012, p. 59). A inovação da revista não era apenas visual, também simbolizava a conquista da mulher para fora do ambiente doméstico. Mesmo sem muitos recursos, os expedientes dos números iniciais eram compostos por oito moças da sociedade de Natal (RN).

Essas jovens tinham responsabilidades e atribuições diferentes. Mostrando conhecer o funcionamento e distribuição das categorias dos jornalistas, elas se organizavam em editoras, redatoras e colaboradoras. Palmyra e Carolina Wanderley eram as editoras e redatoras. Elas revisavam e selecionavam o material que seria publicado na revista, bem como produziam os principais textos. As demais jovens atuavam como colaboradoras. (CARVALHO, 2012, p. 62).

Na biografia de Esmeraldo Tarquínio, Motta (2012) recorre às histórias do pai, Tarquínio de Campos, para traçar uma conexão familiar. Numa época em que não havia faculdade de Jornalismo ou Comunicação Social, o patriarca trabalhou como gráfico de um jornal local – *O Progresso* -, onde se aproximou do modo de apurar. O pai também trabalhou no *Jornal da Noite*, no *Praça de Santos* e no *Diário da Manhã*. Inicialmente atuando na área policial, foi como cronista esportivo que Tarquínio de Campos se tornou mais conhecido. Como proprietário do semanário *Santos Esportivo*, o jornal investia na cobertura de competições não apenas futebolísticas, como o torneio local de remo.

Chegava às bancas sempre antes dos jornais paulistanos, como resultado do esforço de apenas três jornalistas: Tarquínio, Olao Rodrigues e Otávio Bittencourt, conhecido como *Grão-de-Bico*, todos colegas de trabalho, anteriormente, em outras publicações santistas. Era claro que reunir tantas informações com pouca gente e as limitadas formas de comunicação da época não consistia numa tarefa simples. Olao Rodrigues [...] relata que, no *Santos Esportivo*, ‘mal almoçávamos e não havia tempo para o jantar. Ainda bem que o boníssimo Tarquínio, lá pelas 21 horas, aliviado o serviço, mandava vir filé com batatas fritas. Era o nosso salário’. (MOTTA, 2012, p. 20).

Antes de se formar em Direito no ano de 1948, José Mendonça arrumou emprego na redação do jornal *O Diário*, um periódico de cunho católico criado pelo então bispo de Belo Horizonte, Dom Antônio dos Santos Cabral, e que servia como um porta-voz da Igreja junto à comunidade. “Quando *O Diário* foi lançado causou grandes surpresas, porque, a despeito de ser um veículo católico, era também, e principalmente, um jornal como os outros, que noticiava o cotidiano da cidade, de Minas e do Brasil” (FRICHE; GUIMARÃES; FARIA, 2009, p. 68). No início, Mendonça presenciou pouca organização, mas logo se acostuma ao hábito de vestir a camisa e assumir o que vinha pela frente.

Quando ingressou no jornal, lembrou-se também, não havia setores funcionais predeterminados. O que se exigia dos funcionários é que todos fossem bons redatores, que soubessem escrever. Assim, por exemplo, um repórter podia, e geralmente devia ele mesmo, redigir o fato ou o acontecimento para o qual fora designado. Todos tinham o cargo – assinado em carteira – de redator. Sua primeira reportagem, um dia depois de sua entrada no jornal, foi sobre a inauguração da Cidade Ozanam, instituição criada pela Sociedade de São Vicente de Paulo para brigar idosos carentes. (FRICHE; GUIMARÃES; FARIA, 2009, p. 70).

Na década de 1950, o jornalismo brasileiro vivenciava uma onda de mudanças. Inspirado nas renovações culturais que despontavam no cinema, na música e no teatro, periódicos contribuíram na renovação do padrão estilístico. Segundo Abreu (2008), o *Última Hora*, com a aplicação de novas técnicas de comunicação; o *Diário Carioca*, que inaugurou o estilo do lead e o *Jornal do Brasil* se destacam na seara. Na biografia a respeito de Tinhorão, tem-se a noção da importância ao conhecer os bastidores do *Diário Carioca*. Embora o periódico fosse conhecido pelo atraso constante dos salários (LORENZOTTI, 2010), o diário foi pioneiro no país em elaborar o primeiro manual de redação. Baseado em jornais norte-americanos, o documento possuía 16 páginas; porém, muito sintético. Entre as recomendações do manual estavam ocupar o primeiro parágrafo com informações concisas, “[...] esclarecendo o maior número das seguintes perguntas relativas ao acontecimento: o quê?, quem?, onde?, como? e, por quê?” (LORENZOTTI, 2010, p. 34). O manual ainda atentava para outros quesitos, o que demonstra uma certa preocupação estilística:

Ordenar o desenvolvimento do resto da notícia pela hierarquia da importância e atualidade dos pormenores.

Usar parágrafos curtos e evitar palavras desnecessárias, qualificativos, principalmente tendenciosos, e frases feitas. Só excepcionalmente usar períodos com mais de quatro linhas datilografadas. [...]

Ler sempre a própria matéria antes de entrega-la, a menos que o tempo não permita. [...]

Evitar fórmulas e expressões genéricas sempre que se disponha de informações e pormenores precisos. (LORENZOTTI, 2010, p. 35).

O tópico relativo ao ambiente jornalístico não se restringe apenas às atividades profissionais, mas também aos bastidores pontuais que ajudam os leitores a compreender o perfil do biografado. Clarice Lispector, que utilizou de aspectos do cotidiano para formular os romances, é uma personalidade enigmática (SANT'ANNA; COLASANTI, 2013) e livros como o *Com Clarice* ajudam a decifrá-la. Mesmo sem entrar em detalhes a respeito de alguma doença, os biógrafos captam a sensibilidade das lembranças para esboçar um aspecto mais real, isto é, em alguns momentos, a tiram do pedestal e a horizontalizam com o público.

Quando, anos depois, passou a colaborar no “Caderno B” do *Jornal do Brasil*, a perda de habilidade das mãos a atormentava. Não conseguia colocar corretamente o papel carbono entre as duas folhas e depois enfiar os três no rolo da máquina. ‘O carbono franze’, me dizia com aquele sotaque de língua presa, que carregava nos erres. Dizia-o para mim, porque era eu, subeditora do caderno, a encarregada de atendê-la. Os meus colegas de redação tinham excessiva reverência ou paciência insuficiente, e Clarice ficou sendo ‘minha’. Eu, que tanto a admirava, fiquei encarregada de cuidar dela, e das suas crônicas, dos contatos, dos trâmites. Com absoluto carinho, me vi maternalizando-a. Por essa época ela já havia ficado muito frágil, e era inevitável o desejo de protegê-la. (SANT'ANNA; COLASANTI, 2013, p. 31-32).

Clarice iria falecer em 1977, durante o regime militar. No trabalho de Bertol (2001), tem-se a oportunidade de conhecer um pouco do ambiente repressivo da ditadura, imerso no espaço jornalístico através da figura do *Pasquim*. Bertol (2001) ensina que, nos primeiros 16 anos do regime autoritário, mais de 150 periódicos nasceram e fecharam – a maioria deles com caráter oposicionista. Por possuir um atributo combativo, a imprensa passou a ser conhecida como *nanica* ou *alternativa*. “Nesse contexto histórico específico da vida da nação, os alternativos tomaram para si a responsabilidade de apurar e repassar aos leitores os sérios problemas pelos quais estava passando a sociedade brasileira, frutos de um regime militar que cerceava a liberdade de expressão” (BERTOL, 2001, p. 28).

Em 1968, com o endurecimento da ditadura por meio da criação do Ato Institucional número 5, a classe jornalística se antecipava aos ataques que iriam sofrer. Assim, com as liberdades cerceadas, a saída era reunir colegas com as mesmas ideias que pudessem partilhar

o conhecimento num veículo de informação. Foi o que aconteceu com Tarso de Castro, Jaguar, Sérgio Cabral, Luís Carlo Maciel, quando resolveram fundar *O Pasquim* em junho de 1969, no bairro carioca de Ipanema. Logo, outros parceiros se somaram ao grupo, como Henfil, Millôr, Paulo Francis, Ziraldo.

Fugindo à regra de que imprensa alternativa tem vida curta, *O Pasquim* durou até dezembro de 1989. Foram diversos altos e baixos em relação à vendagem e à própria administração do jornal, com a mudança de vários editores e diretores, os quais muitas vezes se tornaram inimigos, como aconteceu com Tarso e Millôr, mas sempre voltando seu escopo ao inimigo, à ditadura militar e a tudo que dela derivava, como a censura, a prisão de jornalistas, intelectuais, professores universitários, líderes estudantis. (BERTOL, 2001, p. 42).

O período da ditadura militar também moldou o caráter e pensamento de outro futuro profissional da imprensa. De guerrilheiro a estudante das Ciências Sociais, de estagiário no setor de Documentação e Pesquisa da Abril para empregado da editora, Juca Kfoury aprendeu a lidar com desafios, mudanças bruscas e ainda percorreu o jornalismo. Em meio ao movimento pró-Anistia e as greves dos metalúrgicos no ABC paulista, deflagra-se outra greve, agora envolvendo a categoria jornalística no ano de 1979. Em defesa de um aumento de 25% único para toda categoria, Juca estava à frente da mobilização como chefe do piquete.

Como a adesão dos jornalistas da editora foi de 100%, ele mudou de trincheira e foi fiscalizar a greve dos companheiros no *Estadão*. Lá, em frente ao império da família Mesquita, dois grevistas acabaram feridos em confronto com a polícia. No grupo Folha, o piquete conseguiu retardar a saída de caminhões até cerca das 2 horas da madrugada, mas foi rechaçado com bombas, cassetetes, pontapés e socos. [...] A luta dos jornalistas por melhores salários durou seis dias e foi em vão. A classe recebeu de reajuste apenas os 16% oferecidos pelo sindicato patronal e ainda sofreu com retaliações. (ALENCAR, 2006, p. 49-50).

A história do jornalismo brasileiro é contada em fragmentos, através de recordações, memórias sentimentais, experiências de trabalhos. Muitas delas são de interesse restrito ao local em que o biografado viveu, mas nada menosprezado diante da importância de somar ao arcabouço histórico, os costumes, dificuldades e superações de protagonistas que ajudaram a fazer do jornalismo uma peça fundamental para a construção periódica da realidade social (BERGER; LUCKMANN, 2001). A seguir, os espaços de convivência do biografado.

6.2.2 Espaços de pertencimento

A segunda categoria observada nas leituras dos oito livros biográficos são os “espaços de pertencimento” do biografado ao longo da história. Além do campo de atuação do jornalismo, espaço que figura como cenário das atividades do biografado e é ainda o norte da dissertação, destacam-se outras áreas que, de maneira imbricada ao jornalismo, ajudam a formar o perfil do protagonista.

O campo literário é um dos exemplos, analisados nas biografias de Clarice Lispector, Machado de Assis, Palmyra Wanderley, Tarso de Castro e Tinhorão. Na biografia de Clarice, por exemplo, Sant’Anna e Colasanti (2013, p. 171-172) apresentam um estudo sobre os assuntos e tipos de personagens mais apresentados na obra da escritora. “Clarice era imprevista. [...] Gostava de mistérios, fazia cursos de esoterismo e tornou-se cliente de minha cartomante de confiança, no Méier. [...] Era uma escritora que nasceu pronta. [...] Se misturava mágica e sedutoramente às figuras que criava”. Enquanto isso, no diálogo com Tinhorão, Lorenzotti (2010, p. 117) expõe a influência do jornalismo quando o biografado migrou de repórter para pesquisador e autor de 28 livros - até o ano de 2010. “Escrevo em média um livro a cada dois anos. Trabalho aos domingos, feriados, e o jornalismo ajuda muito. Quase todo início de capítulo de livro meu, se você olhar bem, é um lide. Isso é o jornalismo que dá, não tem aquele ranço de linguagem acadêmica”.

A política também seve de panorama às atividades do protagonista, como nas histórias de Juca Kfoury, Machado de Assis, Tarquínio e Tarso de Castro. Por residir no Rio de Janeiro, então capital federal, e pelo trabalho de tipógrafo que possuía na Imprensa Oficial, Machado dialogava com os mais altos cargos públicos do Brasil, o que lhe facilitou amizades e o posterior envio de contos, poemas e demais ficções a alguns jornais. No trecho a seguir, um exemplo do protagonista imerso no ambiente político, longe do sentido partidário que a palavra pode também causar:

Machado levava uma vida sem luxo, mas em muitos aspectos confortável: já gozava de reputação como poeta e cronista, frequentava a ópera, encontrava bons amigos em jantares no Hotel Europa ou ceias no Carceler, em geral acompanhados de atrizes portuguesas e cantoras francesas, jogava xadrez e conversava sobre música com Artur Napoleão, passeava pelos bondes a burro [...], participava de banquetes em homenagem a heróis da Guerra do Paraguai e, agora, tinha um emprego estável. [...] Aos 29 anos, já era uma espécie de ‘autoridade literária’ naquele meio cultural mínimo. (PIZA, 2005, p. 124).

Além de ter atuado no movimento de guerrilha sob o pseudônimo de Bira e militado a favor da classe jornalística durante o tempo que esteve à frente das redações, Juca Kfouri se aproximou da política em alguns momentos, como quando da criação do movimento Democracia Corinthiana¹¹³. Como fiel torcedor do clube paulistano, Juca se envolveu na causa, presente nas decisões mais ousadas “[...] contratações, demissões, escalação da equipe, data e local de concentrações e outras coisas que, antes, cabiam somente aos cartolas. Tudo era resolvido no voto. E os votos tinham o mesmo peso: do goleiro reserva ao presidente do clube”. (ALENCAR, 2006, p. 69-70). Enquanto a política foi o espaço que conduziu toda a história de Tarquínio, Tarso se envolveu com a política no início das atividades jornalísticas, quando ainda era moço e admirava a retórica de Leonel Brizola no estado do Rio Grande do Sul. Aos 20 anos, Tarso - gaúcho de Passo Fundo - se mudaria para o Rio de Janeiro onde fundaria o semanário *Panflete*, que apoiava o então presidente João Goulart e defendia Brizola. “Foi no *Panflete* que Tarso se revelou como grande editor. Com o golpe militar, extinguiu-se o *Panflete* e Tarso passou a ser perseguido, ficando, inclusive, breves temporadas no exílio com Joao Goulart e Leonel Brizola, no Uruguai” (BERTOL, 2001, p. 50).

Destacam-se ainda as atividades dos biografados na sindicância, como nos livros que discorrem sobre José Mendonça e Juca Kfouri. A propósito, Mendonça, que exercia a função de jornalista desde 1938, ajudou a fundar o sindicato profissional dos jornalistas de Minas Gerais e, entre 1951 e 1953, se tornou o segundo presidente da entidade. Durante o mandato, adquiriu o lote para construção da casa do sindicato e transferiu a sede da Associação Mineira de Imprensa, de Juiz de Fora para Belo Horizonte (FRICHE; GUIMARÃES; FARIA, 2009).

Por fim, mas de maneira isolada – porém, não menos importante -, evidenciam-se outros espaços de atuação. Na obra de Clarice, percebe-se a amizade entre os biógrafos Sant’Anna e Colasanti (2013) e a protagonista. Durante a obra sobre José Mendonça, Friche, Guimarães e Faria (2009) mencionam à docência do jornalismo como parte integrante dos hábitos do biografado. Aliás, o curso surgiu em virtude da necessidade de mais profissionais, em especial no jornal *O Diário*. Como um dos fundadores do curso na UFMG, Mendonça assumiu várias funções - como chefe de departamento, coordenador de colegiado e cargos de representação. “Desde 1962, quando o curso foi fundado, até 1992, quando completou 75 anos, José Mendonça foi professor de Jornalismo da UFMG. Até 1978, quando se aposentou do jornal

¹¹³ No início da década de 1980, embalado pelas mudanças terminais do regime militar, a Democracia Corinthiana surgiu como uma atitude pioneira de socialização no meio do futebol, a começar pelo Sport Clube Corinthians Paulista. Além de distribuir os prêmios diante de todos aqueles que integravam o grupo, desde faxineiras, motoristas, massagistas até jogadores, comissão técnica e diretoria, o movimento defendia atos mais libertários como o fim da concentração pré-jogo, já que para eles, o importante era o resultado dentro do gramado.

OGlobo, conciliava as duas funções: jornalista e professor” (FRICHE; GUIMARÃES; FARIA, 2009, p. 119).

Enquanto isso, Motta (2012) insere Tarquínio no debate racial. Único prefeito negro eleito da história de Santos, o biografado foi impedido de assumir o Executivo municipal pela ditadura militar em 1969. Com carreira política em ascensão – Tarquínio ganhou a Prefeitura menos de dez anos após ser eleito para o primeiro mandato de vereador –, o biografado enfrenta desafios e um deles viria de forma explícita. Ao longo da obra, Motta deixa transparecer que um dos motivos para que houvesse o impedimento de posse foi o preconceito racial. Na primeira entrevista concedida após o sucesso nas urnas, o repórter do *Cidade de Santos*, Eymar Mascaro, interrogou Tarquínio em Campos do Jordão:

- Acredita que encontrará alguma reação como prefeito de Santos, por ser um homem de cor?
- Acredito, não. Tenho certeza de que ela já está existindo. Embora numa faixa minoritária da sociedade, numericamente pouco expressiva, mas economicamente e socialmente poderosa. Como, porém, este país vive proclamando ao mundo sua alegada condição de democracia racial única, espero poder ajudar o Brasil a confirmar a alegação – respondeu, também diretamente, Tarquínio. (MOTTA, 2012, p. 136).

Embora Tarquínio apresente segurança na resposta, o fato é que ele previa problemas. Como apontou Motta (2012, p. 138): “[N]ão há dúvida de que a eleição, em Santos, de um negro, opositor do regime e com propósitos socialistas encaixava-se no rol dos ‘atos nitidamente subversivos’ e ‘fatos perturbadores da ordem’ que os partidários do Golpe de 1964 pretendiam eliminar”. A cassação dos direitos políticos por dez anos veio no dia 13 de março de 1969 e, com ela, a proibição de Tarquínio comentar a respeito de política.

Por sua vez, Carvalho (2012, p. 106) associa Palmyra Wanderley aos debates feministas, já que os direitos políticos das mulheres era realizada também através dos textos literários e as práticas jornalísticas. “Aproveitando-se do seu prestígio social, pode participar e acompanhar mais de perto das mudanças que surgiram na sociedade. [...] Enquanto formadora de opinião, trouxe discussões relacionadas ao cotidiano, como por exemplo, o culto ao corpo e as campanhas feministas”. Opiniões essas que não são passivas, já que o argumento defendido por Palmyra era baseado nas configurações sociais da época. A título de destaque, em abril de 1927, durante a campanha governamental, o candidato Juvenal Lamartine divulgou a proposta de direitos eleitorais igualitários. Sem perder tempo, a mossoroense Celina Guimarães Viana garantiu o título de eleitora, o que fez com que o Rio Grande do Norte se tornasse “[...] o primeiro

estado da Federação a garantir o sufrágio feminino, cinco anos antes em relação à extensão desse direito a todo o país” (CARVALHO, 2012, p. 105).

Diante do que foi discutido neste tópico dedicado aos “espaços de pertencimento”, percebem-se múltiplos indivíduos num único ser, já que a maioria dos biografados não atuava apenas no jornalismo. A própria narrativa deixa transparecer os diversos campos em que o biografado percorre para vencer as etapas da vida. Sugere-se até que a facilidade em que o protagonista operava nos diversos espaços seja uma qualidade dele, o que o torna singular e merecedor de uma lembrança - ou homenagem - em uma biografia. Na próxima seção, a dissertação relata o legado dos oito protagonistas para os estudos acadêmicos.

6.2.3 Legado do biografado

No último tópico, a dissertação volta o olhar para o “legado do biografado”. Uma herança não no sentido familiar, mas nas contribuições dos protagonistas para o desenvolvimento do campo jornalístico. Em uma amostra que contempla oito profissionais de imprensa, com atuações em diferentes âmbitos - não apenas restrita ao jornalismo -, épocas e lugares, pode-se compreender o verdadeiro papel de cada personagem na história do jornalismo brasileiro, fato que justifica a escolha dos livros para o recorte de pesquisa.

Imergir no imaginário machadiano não é fácil. O escritor conhecido por dar vida a personagens inesquecíveis da literatura brasileira – a Capitu de *Dom Casmurro* ou a Flora de *Esaú e Jacó*, só para citar dois exemplos – se tornou o principal escritor brasileiro do século XIX, fato este que o projeta a um público amplo e plural. Para analisar a obra machadiana e tentar entender a vida do escritor, é preciso migrar 200 anos para conhecer o contexto brasileiro no qual ele estava inserido. Por ter sido mulato, pobre, vivido em uma sociedade escravocrata e ainda epilético, Machado ganha um lugar de destaque, não apenas pelas histórias ficcionais que costurou durante a fase romântica e realista dos livros, mas pela promoção social que os escritos lhe ocasionaram – também derivado do emprego público que possuía. No epílogo, Piza (2005, p. 364) reconhece a importância do protagonista. “A ascensão de agregado numa chácara do Rio escravocrata à condição de maior escritor brasileiro se deu entre baques e achaques, mas não deixou de ser linear e gradual. Superou até mesmo suas melhores expectativas quanto à saúde e ao reconhecimento”, explica Daniel Piza.

Se a sociedade atual ainda permanece patriarcal, nada se compara o que se viveu em séculos passados. No campo da produção literária, que entre o final do século XIX e início do XX mantinha aproximação com o jornalismo, percebe-se um processo de apagamento da

participação das mulheres, que chegavam inclusive a publicar seus escritos com pseudônimos masculinos, reconhecendo a existência de lugares proibidos a elas. Perrot (2005) destaca que o silêncio foi reiterado através dos tempos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento: “[...] aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Este mesmo silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual ou escriturária” (PERROT, 2005, p. 10).

Sabe-se que o surgimento da imprensa feita por mulheres acontece ainda no século XIX (DUARTE, 2016; MUZART, 2003), com a publicação de jornais que discutiam principalmente a participação política das mulheres, o direito à educação e as mudanças de costumes. Contraditoriamente, no mesmo momento em que surgiam publicações voltadas ao público feminino, que se ocupavam de assuntos como moda, culinária e cuidados domésticos, também eram criados espaços que problematizavam a ‘condição da mulher’ e reivindicavam sua participação na vida pública.

Na década de 1920, embora as mulheres convivessem com práticas de controle por parte dos pais, irmãos ou maridos, surgem alguns movimentos nos centros urbanos com o intuito de problematizar sua participação política e social. Neste contexto, registra-se como marco a efervescência cultural motivada pela Semana de Arte Moderna - realizada na cidade de São Paulo em fevereiro de 1922 - e o ato de leitura, em salões, de maneira individual ou em grupos, em voz alta, que fomentava um aspecto importante da vida familiar. À época, os jornais eram peça chave da construção social e para que fossem ouvidas, as mulheres defendiam seus espaços por meio da atividade da imprensa. No Rio Grande do Norte, Palmyra Wanderley produziu e dirigiu a *Via Láctea*, publicação singular no Nordeste em pleno ano de 1914. “Um dos méritos dessa revista foi o de abrir espaço para que as mulheres norte-rio-grandenses pudessem divulgar seus escritos, além de propagandear a importância do papel da educação na formação das moças” (CARVALHO, 2012, p. 126) e por esse motivo, marcou o jornalismo nordestino pela inovação, por dar voz a mulher potiguar. Entretanto, influenciada pelo contexto paternal, a protagonista, segundo Carvalho (2012, p. 126) “[...] foi cúmplice do discurso moderno conservador que reservava para a mulher uma educação voltada para o lar”.

Na literatura, Rachel de Queiroz, Cecília Meirelles e Clarice Lispector foram mulheres que conquistaram reconhecimento nos trabalhos de ficção - basta analisar *O quinze*, *O romanceiro da inconfiência* e *A hora da estrela*, respectivamente. Na obra biográfica estudada

sobre Clarice, o leitor não chega a conhecer todo o percurso da biografada no jornalismo¹¹⁴, mas em alguns excertos – como a entrevista realizada com os autores e publicada no livro em formato apêndice – se percebe a aproximação da biografada com o jornalismo, a começar pelo extinto *A Noite*, motivada pelo fato de ter mais uma fonte de renda do que vocação ao emprego. A seguir, um relato das dificuldades das mulheres em conseguirem a confiança de terceiros, a começar pela desconfiança masculina perante o trabalho feminino.

Muito antes, quando eu tinha 14 para 15 anos, eu escrevi um conto e levei para uma revista que se chamava *Vamos Ler*, do Raimundo Magalhães Jr. Então, fiquei lá, em pé. Eu era o que sou mesmo, uma tímida arrojada. Eu sou tímida, mas me lanço. Dei o conto para ele ler e disse: ‘É para o senhor ver se publica’. Ele leu, olhou e disse: ‘Você copiou isso de alguém? Você traduziu isso de alguém?’ Eu respondi que não e ele publicou. Depois houve um jornal chamado *Dom Casmurro*, para onde eu levei também algumas coisas, também sem nenhum conhecimento...Aí, eu cheguei lá e eles ficaram encantados, me acharam linda, que eu tinha a voz mais bonita do mundo e publicaram. Não pagavam nada, é claro. (SANT’ANNA; COLASANTI, 2013, p. 210).

José Mendonça foi uma figura importante para o jornalismo mineiro, principalmente por ter sido um personagem atuante em defesa da qualidade da profissão: primeiro, por ter criado e presidido o sindicato dos jornalistas mineiros; segundo, pela criação do curso de Jornalismo na UFMG. Assim, o livro é uma homenagem a essa pessoa, com tons excessivos de saudosismo. Pelo fato de parte dos autores terem sido ex-alunos, percebe-se um tom de apreço, respeito, prestígio, o que acarreta uma leitura, às vezes, cansativa, devido a maneira laudatória como a narrativa é conduzida. Sempre referenciado pela saudosa memória e simplicidade, os autores reforçam o aprendizado durante a fase de pesquisa.

O que resulta da história de vida do professor Mendonça – e fica bem claro nos depoimentos recolhidos – é sua absoluta dedicação a todos os empreendimentos de que participou, sempre de maneira discreta, porém firme, sem qualquer sinal de vaidade ou de procurar atrair holofotes. (FRICHE; GUIMARÃES; FARIA, 2009, p. 27).

A palavra de ordem que comanda a biografia de Esmeraldo Tarquínio é a resistência. Desde muito pequeno conviveu com o sentimento de invisibilidade, fato que marcaria toda a trajetória política, mas também no curto período que vivenciou o jornalismo. “A estereotipagem

¹¹⁴ Sugestão: Para mais informações detalhadas sobre a vida e obra de Clarice Lispector, *Clarice: Uma biografia*, de Benjamin Moser, publicada pela Companhia das Letras em 2009. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=14144>. Acesso em 02 fev. 2020.

facilita a ‘vinculação’, os laços, de todos nós que somos ‘normais’ em uma ‘comunidade imaginária’; e envia para o exílio simbólico todos Eles, ‘os Outros’, que são de alguma forma diferentes, ‘que estão fora dos limites’” (HALL, 2016, p. 192). Durante o período da cassação política (1968-1978), fato que o impediu de assumir o cargo de prefeito eleito em Santos (SP), Tarquínio se formou como jornalista na Sociedade Visconde de São Leopoldo - hoje Unisantos -, motivado pelo interesse de ser comentarista numa rádio local. “Prestou o vestibular e foi aprovado para a turma que começaria o curso em 1971 e se formaria em 1974. Na classe, antes do início das aulas, costumava ficar na porta, fumando e olhando para os estudantes. Depois, acompanhava os que iam para um bar nas proximidades” (MOTTA, 2012, p. 176-178). Antes disso, tinha sido comentarista político na TV Bandeirantes e de esportes na TV Excelsior quando era conselheiro do Santos Futebol Clube. Entretanto, à época da passagem pela Band, agentes da ditadura bateram na portaria da emissora.

Certa vez, Saad foi confrontado com o risco que corria ao manter Tarquínio na programação da emissora, mesmo na rádio. Recusou-se a afastá-lo:

- O canal de TV é concessão do governo, mas a responsabilidade pela sua programação é minha. Assim sendo, o Esmeraldo Tarquínio tem assegurada sua palavra nas ondas da rádio e a presença na tela da Bandeirantes. Os motivos que estão apresentando para não aceitarem sua participação no nosso jornalismo, sob a alegação de que está sem os seus direitos político, não são bem esses: é puro e burro preconceito racial – argumentou. A declaração era ainda mais contundente à medida que João Jorge Saad era genro do falecido ex-governador Adhemar de Barros (cassado em 1966), que Tarquínio combatera durante praticamente toda a sua carreira política.

Até que foi duradora aquela corajosa resistência. Mas, nos primeiros anos da década de 1970, Tarquínio já não atuava mais na emissora. (MOTTA, 2012, p. 174).

Na onda de resistência ao período da ditadura militar, Tarso simbolizou uma figura icônica. Caracterizados pela personificação, os periódicos classificados como imprensa alternativa assumiam as decisões daquele que os moldou (BERTOL, 2001). Com atributos plurais, além de carregar um sentimento de oposição satírica, *O Pasquim* colidiu com diversas tradições do jornalismo que era efetuado. Sem pauta convencional, poucas reportagens, mais análises, muito recurso gráfico. “Além da oralidade, [...] *O Pasquim*, no período em que era editado por Tarso de Castro, também trouxe como características as entrevistas longas, polêmicas e provocativas e o uso do palavrão na linguagem jornalística” (BERTOL, 2001, p. 64).

No campo específico do jornalismo cultural, José Ramos Tinhorão alcançou todos os méritos; porém, ainda não é lembrado como deveria. Antes de ser conhecido pelos estudos pioneiros da música nacional, ainda no *Diário Carioca*, Tinhorão “[...] ficou conhecido pelo jeito especial de aproveitar uma foto com valor jornalístico, mas sem história que justificasse uma notícia” (LORENZOTI, 2010, p. 44). Duas das funções de copidesque era de melhorar o texto, “[...] o que se fazia naquela época colocando traços sob letras que precisavam ser notadas como maiúsculas, acentuando, inserindo intertítulos; a outra forma é reescrever o texto, cortar, explicar melhor, enfim, aproveitar a informação e escrever tudo de novo” (LORENZOTI, 2010, p. 45). Como viver só de reescrita era quase impossível, Tinhorão buscou, de forma independente, a migração para os livros científicos, por meio dos estudos de música popular brasileira. “Nas décadas de 1950 e 1960, o desenvolvimento econômico, pautado cada vez mais pela influência norte-americana [...] refletia-se no estabelecimento de novos padrões da indústria cultural. Mudava o país e mudava sua cultura” (LORENZOTTI, 2010, p. 160). Muito antes de Ruy Castro ter celebrado a Bossa Nova em *Chega de saudade*¹¹⁵, Tinhorão já fazia uma análise profunda sobre a renovação musical, além de uma vasta apuração perante os ritmos nacionais esquecidos. “Qualquer estudo sobre jornalismo cultural na área de crítica da cultura popular terá de levar em conta seu trabalho. Assim, o ‘esquecimento obrigatório’ imposto pela mídia hegemônica foi passageiro, seus artigos se perenizaram em livros” (LORENOTTI, 2010, p. 163).

Embora tenha sido sempre um articulador político – foi um dos co-organizadores do livro *A verdade vencerá* (2018)¹¹⁶, uma coleção de depoimentos coletados do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva -, Juca Kfourti inovou as coberturas jornalísticas quando esteve à frente das redações de *Placar* e de *Playboy*. A pauta esportiva foi alterada: ao invés de culto ao craque ou as emoções da bola, *Placar* inovou ao mergulhar na gestão do esporte. O lado administrativo foi exposto, por exemplo, na investigação sobre escândalos milionários da Federação Paulista de Futebol (ALECAR, 2006). Entre 1991 e 1994, Juca assumiu também a revista *Playboy* e nela, imprimiu também seu jeito investigador. Logo na primeira matéria, propôs desvendar a identidade do Carlos Zéfiro, autor dos quadrinhos eróticos popularmente conhecidos como catecismo, responsáveis pela iniciação sexual de muitos brasileiros. Outra pauta muito reverenciada na *Playboy* foi a militância de Juca em prol do uso do preservativo.

¹¹⁵ O livro foi publicado originalmente em 1990 pela editora Companhia das Letras. Como continuação, o jornalista Ruy Castro escreveu *A onda que se ergueu no mar* em 2001 pela mesma editora.

¹¹⁶ Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/a-verdade-vencera-784>. Acesso em 02 fev. 2020.

Segundo o vice-diretor da Abril na época, Thomaz Souto Corrêa, não se podia falar sobre camisinha, anúncio de armas de fogo e remédio contra calvície (ALENCAR, 2006). Associar sexo à morte seria o fim da revista, já que a *Playboy* celebrava a vida, em especial, o prazer masculino. A matéria recebeu 12 páginas, foi celebrada com o prêmio da organização Mundial da Saúde e ainda influenciou a matriz americana. Segundo Juca, “Os americanos não gostaram da desobediência no primeiro momento, mas depois do prêmio mudou o conceito. O indiano Harish Scha, que fiscalizava as filiais, ficou contra no início e depois parabenizou a equipe da Playboy brasileira” (ALENCAR, 2006, p. 89).

Como o intuito da dissertação é caracterizar a história do jornalismo brasileiro através das biografias de jornalistas publicadas no período de 1998 a 2018 nas editoras universitárias, percebeu-se que, nas oito histórias de vida expostas nesta pesquisa, o “ambiente jornalístico”, os “espaços de pertencimento” e o “legado do biografado” estavam imbricados. A tarefa de separar os aspectos da profissão em três categorias de interpretação proporcionou um novo olhar ao segmento biográfico, não apenas como categoria mercadológica, mas como um segmento que sirva de instrumento de resgate e preservação da memória, seja de profissionais ilustres, como Clarice Lispector, Machado de Assis; de anônimos, como Esmeraldo Tarquínio, José Mendonça, Palmyra Wanderley; ou ainda de profissionais lembrados por contribuíram em alguma vertente da imprensa, como José Ramos Tinhorão, Juca Kfoury, Tarso de Castro, mas que colaboraram na construção da história do jornalismo brasileiro.

CONCLUSÃO

Na tese de Vieira (2015, p. 182), a pesquisadora infere que “[a] biografia é um fenômeno social”. Não é por menos. Vive-se num mundo globalizado, carregado de informações, sedento por mensagens. O espaço biográfico (ARFUCH, 2010), constituído pelas histórias de vida, é parte inerente da sociedade, seja em suporte impresso, através dos jornais, livros, revistas; na plataforma audiovisual, por meio de documentários, filmes, *reality shows*, seriados, *talk-shows*; ou até mesmo em âmbito popular, especialmente nas festas de celebração das identidades regionais associadas a manifestações comunicacionais.

Enquanto obra cultural em formato livro, o gênero biografia representa a vida de um sujeito. Por mais que a intenção seja reconstituir o passado de alguém, é impossível afirmar que determinada trajetória aconteceu daquela forma linear, cronológica (BOURDIEU, 2001). Por outro lado, o gênero se constitui como uma alternativa de método de pesquisa, em que a história de vida de alguém auxilia na compreensão social de um período. “Mais que um desafio, escrever histórias de vida é uma possibilidade singular de mergulhar no passado, no íntimo dos entrevistados. É a dicotomia entre o real e o pessoal, a produção e a ruptura. É, na verdade, a nosso ver, a renovação do presente” (GOBBI, 2011, p. 84).

Como o objetivo geral desta dissertação foi caracterizar a história do jornalismo brasileiro através das biografias de jornalistas publicadas no período de 1998 a 2018 nas editoras universitárias, a pesquisa foi dividida em sete capítulos a fim de poder contemplar o nicho de estudos e os demais objetivos específicos, como identificar a presença de jornalistas brasileiros na produção de biografias publicadas nas editoras acadêmicas, além do contexto histórico das histórias de vida e do biografismo no jornalismo.

A introdução funcionou como capítulo de abertura, onde apresentou os motivos da investigação, o estado da arte de pesquisas em eventos relacionados às associações vinculadas à Comunicação - como a Alcar, a Compós e a SBPJor -, os objetivos com a presente dissertação, e ainda sinalizar uma breve organização do documento para fins didáticos. O segundo capítulo, *A indústria editorial no Brasil*, serviu para traçar um panorama da evolução do mercado livreiro (HALLEWELL, 2017; MAUÉS, 2013) e num segundo momento, o surgimento das universidades, as gráficas acadêmicas, a inserção de títulos científicos, técnicos e a criação de uma entidade que congregasse as editoras universitárias no âmbito nacional, a ABEU (BUFREM, 2001). “Por meio da publicação, o saber científico se torna público. E o saber público é a essência da universidade moderna” (MARQUES NETO; ROSA, 2010, p. 333). Nesse aspecto, embora não tenham sido realizadas entrevistas com editores do segmento

acadêmico, infere-se pelo presente estudo que há ainda entraves que afetam o funcionamento das editoras universitárias como o tamanho dessas empresas - muitas vezes restrito ao local -, a divulgação publicitária a respeito de novidades no catálogo e a distribuição logística das obras em capitais ou grandes centros.

Em *Biografia: Um gênero de forças*, a dissertação ofereceu um debate entre os campos da História, das Ciências Sociais, do Jornalismo e até a interferência da biografia no segmento do Direito. *O universo das narrativas biográficas* é o nome do quarto capítulo, o qual proporcionou um resgate do envolvimento das histórias de vida com o jornalismo e este, com o gênero biográfico. Por entender que o segmento mercadológico funciona como uma ferramenta de resgate para o jornalismo brasileiro, discutem-se as contribuições de oito livros selecionados para a amostra desta dissertação, descritas no quinto capítulo, denominado *Metodologia de pesquisa*. No sexto e último capítulo, *Resultados da amostra biográfica*, além de justificar a escolha das obras integrantes, analisou-se os biografados – Clarice Lispector, Esmeraldo Tarquínio, José Mendonça, José Ramos Tinhorão, Juca Kfourir, Machado de Assis, Palmyra Wanderley e Tarso de Castro - segundo a ótica do Jornalismo Biográfico (VILAS BOAS, 2008). Por fim, a dissertação apresentou os resultados que pudessem responder o problema da pesquisa: como os livros biográficos sobre jornalistas publicados em editoras universitárias ajudam a contar a história do jornalismo brasileiro? Para isso, levantou-se três categorias (BAUER, 2000), três elementos que pudessem contribuir na composição e preservação da história do jornalismo brasileiro: “ambiente jornalístico”, espaços de pertencimento” e “legado do biografado”.

É importante destacar a biografia como um instrumento de valorização de pessoas anônimas, cuja importância se destaca em âmbito local. Porém, embora sirva como uma justa homenagem, preocupa a maneira laudatória que as trajetórias são recontadas. Esse saudosismo reflete sempre num discurso positivo, com raras menções que pudessem prejudicar a imagem, muitas vezes sem a utilização de fontes diversas. Não se compara a uma hagiografia, descrita por Dosse (2015) como uma história de vida santificada. O fato é que, por possuírem importância local e ainda, prestígio no nicho profissional, as trajetórias biográficas valorizam o passado exitoso. Embora não fosse a intenção deste trabalho, visualizou-se uma projeção de público-leitor para essas obras: no caso das biografias de Juca Kfourir e Tinhorão, que integram a coleção *Imprensa em Pauta*, da Imesp, o texto funciona como um tributo ao priorizar detalhes desses personagens no ambiente jornalístico. Dessa forma, os prováveis leitores tendem a ser indivíduos que conheçam os personagens ou queiram se aprofundar no cotidiano profissional.

O fator regional aparece como segundo aspecto observado. Pode-se concluir que, exceto Clarice e Machado, a grande maioria dos protagonistas das obras biográficas é intrínseco ao local de atuação e, por consequência, aos diversos espaços de pertencimentos que esses profissionais estavam ligados – o que vai ao encontro do que Bufrem (2001) defende sobre as editoras universitárias. Afinal, quem merece ser lembrado no futuro? Quem permanecerá na memória coletiva? Ao registrar o passado de uma pessoa, também se preserva a memória do indivíduo inserido num contexto, isto é, um ser singular que de alguma forma exerceu e contribuiu com sua atividade no ambiente social. Para Halbwachs (1990, p. 26), as “[...] lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós”. Por mais que o indivíduo busque viver de forma isolada, essa solidão não bloqueia influências de caráter externo. Essa vivência faz reflexo no desenvolvimento de uma memória individual. “Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Outra característica analisada é de que, em todas as oito biografias, o personagem principal é o fio condutor da história. Ou seja, as abordagens individuais auxiliam na compreensão de um contexto global. Exemplo notório foi a biografia de José Mendonça, figura importante para o jornalismo mineiro. Embora fosse advogado, Mendonça foi profissional de veículos jornalísticos; todavia iniciou num periódico católico. Ainda pertenceu ao grupo que liderou a criação do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais e foi professor fundador do curso de Jornalismo na UFMG. Diante disso, infere-se que a volatilidade do protagonista em pertencer a múltiplos espaços auxilia na compreensão do indivíduo bem como serve a uma marca contextual.

A temporalidade é outra característica identificada, já que os biógrafos preferiram não contar as histórias de vida de acordo com uma linearidade. Nos livros de Palmyra Wanderley e Tarso de Castro, por exemplo, até por serem consequências de duas dissertações, a abordagem sobre a vida dos biografados já está prevista. Portanto, o passado é recontado de forma objetiva, sem muitos detalhes. Pelo contrário, as biografias não são cronológicas – fato apenas constatado nas obras sobre Esmeraldo Tarquínio e Machado de Assis - e sim, em capítulos temáticos ou fractais, sugestão esta defendida por Pena (2004).

A biografia proporciona uma lacuna muito maior de estudos, que transporta o leitor a uma compreensão de vivências e aprendizados. Essas experiências não denotam apenas

curiosidade pelo íntimo ou secreto. Entender o pretérito também educa e deveria ser mais explorado em disciplinas dos cursos de Jornalismo, em especial nas matérias que englobam teorias da comunicação ou história do jornalismo. De que forma a experiência de Robert Park como repórter apurado auxiliou nas técnicas de observação na Escola de Chicago? Como o passado de Theodor Adorno e Max Horkheimer influenciaram os estudos frankfurtianos sobre indústria cultural? Como a vida dicotômica de Stuart Hall na Jamaica colonizada ilustra o pensamento do “Centre for Contemporary Cultural Studies”¹¹⁷, a dita Escola Britânica? Da mesma forma, é impossível não falar do jornalismo de revista, por exemplo, e não comentar de *O Cruzeiro*, periódico integrante dos Diários Associados, ou o surgimento da televisão no Brasil por meio da TV Tupi sem passar pela biografia de Assis Chateaubriand, tão bem documentada em *Chatô: O rei do Brasil*, originalmente publicada por Fernando Moraes em 1994. Aliás, apresentar as múltiplas e sucessivas pesquisas de Luiz Beltrão sem relacionar com o passado de cultura popular daquele que fundaria a teoria da folkcomunicação - ainda tão pouco estudada nas ementas disciplinares - parece ser um erro.

Assim como ocorre em algumas plataformas virtuais, como o arquivo Memória Globo (<https://memoriaglobo.globo.com/>), onde se reúne depoimentos e perfis de funcionários do jornalismo, colaboradores do esporte, profissionais artísticos presentes em novelas ou minisséries da emissora carioca, a coleta de narrativas biográficas por meio da história oral (RIBEIRO, 2015) já é realizada, a passos lentos, na universidade. Em especial no Departamento de Jornalismo da UEPG, o método de história oral é investido junto aos estudantes bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) vinculados ao grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação. Nele, se debatem perspectivas teóricas transdisciplinares que abordam conceitualmente a cultura como enfoque, entre outras, nas bases da cultura popular e no jornalismo literário. Entre as pesquisas realizadas em 2018-2019, destacam-se entrevistas com antigos profissionais e atuais colaboradores do rádio pontagrossense como forma de resgatar o jornalismo local.

Ao fim desta dissertação, acredita-se que ela possa ter contribuído para os estudos do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo da UEPG, especialmente às discussões do grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação. Ao longo da leitura, pode-se ater a algumas lacunas investigativas que poderão ser tratadas por outros pesquisadores tais como a elaboração de um mapa de quais são os protagonistas mais biografados por jornalistas no Brasil ou ainda discutir a participação das mulheres jornalistas enquanto biógrafas, já que há uma

¹¹⁷ Tradução livre: Centro de Estudos Culturais Contemporâneos.

brecha no assunto, pois quando se estuda biografias no Brasil, a luz se volta aos já clássicos autores do segmento. Com o intuito de se “[...] [f]azer justiça a certas figuras que a história oficial esqueceu ou depreciou” (DOSSE, 2015, p. 76) e ainda, para que o legado de jornalistas anônimos ou ilustres profissionais da imprensa seja tratado de igual importância em um mesmo patamar, esta dissertação se propôs a iluminar o passado nacional a fim de instruir leitores, estudantes, professores, jornalistas ou demais leitores que possam se interessar a respeito da história do jornalismo brasileiro.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. **A imprensa em transição**: O jornalismo brasileiro dos anos 50. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

AGUIAR, Josélia. **Jorge Amado**: Uma biografia. São Paulo: Todavia, 2018.

ALENCAR, Carlos. **Juca Kfourir**: O militante da notícia. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

ANDRADE, Mariza Guerra de. **Anel encarnado**: Biografia e história em Raimundo Magalhães Junior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ARAÚJO, Paulo Cesar. **O réu e o rei**: Minha história com Roberto Carlos, em detalhes. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ARAÚJO, Paulo Cesar. **Roberto Carlos em detalhes**. São Paulo: Planeta Brasil, 2006.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS. Notícias. ABEU divulga mais completa pesquisa realizada com editoras universitárias. Disponível em: <http://www.abeu.org.br/farol/abeu/blog/abeu/abeu-divulga-mais-completa-pesquisa-realizada-com-editoras-universitarias/12999>. Acesso em: 12 jun. 2019.

BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BAUER, Martin W. Análise de Conteúdo Clássica. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 189-217.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BECKER, Howard S. A História de Vida e o Mosaico Científico. In: BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 3ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997, p. 101-115.

BELTRÃO, Luiz. O Livro de Atualidade. In: MARQUES DE MELO, José; SANTOS, Marli dos. **Mutações na comunicação**: Ampliando as fronteiras do jornalismo. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2016, p. 205-235.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: Tratado de Sociologia do Conhecimento. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BERTOL, Sonia. **Tarso de Castro**: Editor de “O Pasquim”. Passo Fundo: UPF, 2001.

BORGES, Rogério Pereira. Escrita do si, escrita do outro: Jornalismo literário como parâmetro teórico para gêneros biográficos. **Brazilian Journalism Research**, Brasília-DF, v.14, n.3, p. 806-831, 2018.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (orgs). **Usos e abusos da história oral**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 183-191.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4815. Requerente: Associação Nacional dos Editores de Livros. Relator: Ministra Carmen Lúcia. Brasília, 10 jun. 2015, p. 257. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=10162709>. Acesso em 15 fev. 2018.

BUFREM, Leilah Santiago. **Editoras universitárias no Brasil**: Uma crítica para reformulação da prática. São Paulo: Edusp; Curitiba: ComArte, 2001.

BULHÕES, Juliana; SOBRAL, Gustavo Leite. O uso de biografias e autobiografias de jornalistas na construção da história do jornalismo brasileiro. **Temática**, João Pessoa, v. 12, n. 09, p. 206-221, 2016.

BULHÕES, Juliana; SOBRAL, Gustavo Leite. Rachel de Queiroz, jornalista. In: **Estudos de Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 1. p. 39-50, 2017.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

BURKE, Peter. Abertura: A nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org). **A escrita da História**: Novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 7-37.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia**: A escola dos Annales (1929-1989). 2ª ed. São Paulo: Editor Unesp, 1992.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

CALDEIRA, Jorge. **Mauá**: Empresário do Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.

CARVALHO, Isabel Cristine Machado de. **Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley**. Natal: EdUnp, 2012.

CATALÃO JR, Antonio Heriberto. **Jornalismo best-seller**: O livro-reportagem no Brasil contemporâneo, 2010. 252 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araçatuba, 2010.

CHARTIER, Roger (orgs). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

COSTA, Cristiane. **Pena de Aluguel**: Escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COSTA, Luciano Bedin da. **Biografema como estratégia biográfica**: Escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller, 2010. 180 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DINES, Alberto. **Morte no paraíso**: A tragédia de Stefan Zweig. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: Escrever uma vida. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2015.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**. Século XIX: Dicionário ilustrado. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2016.

ECHEVERRÍA, Regina. **Furacão Elis**. Versão atualizada. São Paulo: Leya, 2012.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 3-13.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: Possibilidades e procedimentos. 2ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FRICHE, Flávio; GUIMARÃES, Manoel Marcos; FARIA, Maria Auxiliadora de. **José Mendonça**: A vida revelada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

GALVÃO, Walnice Nogueira. A voga do biografismo nativo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 350-366, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOBBI, Maria Cristina. Método biográfico. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. 5ª reimpr. São Paulo: Atlas, 2011, p. 84-97.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: Fundamentos da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: Sua história. 3ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2017.

HOHLFELDT, Antonio Carlos; STRELOW, Aline. Erico Verissimo, permanente jornalista militante. **BOCC**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, p. 1-27, 2009.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: De Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2009.

LORENZOTTI, Elisabeth. **Tinhorão**: O legendário. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

LORIGA, Sabrina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org). **Jogos de escalas**: A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 225-250.

LORIGA, Sabrina. **O pequeno x**: Da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MACIEL, Alexandre Zarate. **Narradores do contemporâneo**: Jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil, 2018. 310 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

MAIOR, Marcelo Souto. **As vidas de Chico Xavier**. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

MARKENDORF, Marcio. Reflexões sobre a memória biográfica no meio audiovisual contemporâneo. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 16-28, 2013.

MARQUES NETO, José Castilho; ROSA, Flávia Garcia. Editoras universitárias: Academia ou mercado? Reflexões sobre um falso problema. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). **Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 331-347.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**: A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MARTINEZ, Monica; ALBUQUERQUE, A. Narrativas biográficas: Análise de produções acadêmicas disponíveis no portal de periódicos da Capes. **CADERNOS DA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO** (UNIBRASIL), Curitiba, v. 15, n.1, p. 48-59, 2017.

MATTELART, Armand. Ideología, infomación y Estado militar. In: MATTELART, Armand; SIEGELAUB, Seth. **Comunicacion y lucha de clases**. Vol. 1. Capitalismo. Imperialismo. Quito: Ediciones Ciespal, 2017, p. 700-736.

MAUÉS, Flamarion. **Livros contra a ditadura**: Editoras de oposição no Brasil, 1974-1984. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

MORAIS, Fernando. **Chatô**: O Rei do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORAIS, Fernando. **Olga**. 8ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.

MOTTA, Rafael. **Tarquínio**: Começar de novo. São Paulo: Editora Universitária Leopoldianum, 2012.

MUGNOL, Babiana. **A construção narrativa do biógrafo e do biografado em Roberto Carlos em detalhes e O réu e o rei**, 2018. 233 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Revista Estudos Feministas**. CFH/CCE/UFSC. v. 11, n. 1, p. 225-233, 2003.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. **Contracampo**, Niterói, v. 17, p. 43-58, 2007.

PENA, Felipe. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

PIGNATARI, Décio. Para uma semiótica da biografia. In: HISGAIL, Fani (org.) **Biografia**: Sintoma da cultura. São Paulo: Hacker Editores:Cespu, 1996, p. 13-19.

PIZA, Daniel. **Machado de Assis**: Um gênio brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em 4 mar. de 2019.

PONTES, Felipe Simão. Robert Park (1864-1944). In: TELLES, Sarah Silva; OLIVEIRA, Solange Luçan de (orgs). **Os sociólogos**: De Auguste Comte a Gilles Lipovetsky. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, v.1, 2018, p. 304-325.

REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro**, 1960-1990. São Paulo: Com-Arte Fapesp, 1996.

REIMÃO, Sandra; CASTRO, Ana Caroline Silva de. Livro de atualidade – uma reflexão sobre o presente. In: MARQUES DE MELO, José; SANTOS, Marli dos. **Mutações na**

comunicação: Ampliando as fronteiras do jornalismo. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2016, p. 241-248.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A história oral nos estudos de jornalismo: Algumas considerações teórico-metodológicas. **Contracampo**, Niterói, v. 32, n. 2, p. 73-90, 2015.

RITTER, Eduardo. Escritores-jornalistas: Uma tribo no campo jornalístico brasileiro. **Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 88-104, 2014.

RITTER, Eduardo. Sergio Vilas Boas: Um ícone enigmático do Jornalismo Literário brasileiro. **Observatório**, Palmas, v. 4, n. 6, p. 237-269, 2018.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SACRAMENTO, Mariana Silveira. **O dono da história:** Análise da ADI 4815 à luz dos direitos dos biografados, 2018. 183 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. **Com Clarice**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** Cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia:** uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

SILVA, Paulo Ferracioli. **A batalha das biografias na arena midiática da democracia:** Uma análise de enquadramento da deliberação mediada jornalística, 2017. 149 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

SOARES, Jô. **O livro de Jô: Uma autobiografia desautorizada**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STRELOW, Aline. Jornalismo literário e cultural: Perspectiva histórica. **Contracampo**, Niterói, v. 18, p. 113-134, 2008.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

THOMPSON, John B. **Mercadores de cultura:** O mercado editorial no século XXI. São Paulo: Edunesp, 2013.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia:** Estudios sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1983.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. Prêmio Jabuti: do incentivo à leitura à promoção da cultura brasileira. **Bibliocom**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 15-23, 2014.

VIANA FILHO, Luiz. Os Biógrafos e a Biografia. In: BRITTO, Luiz Navarro de. **Luiz Viana Filho**. Salvador: Coleção Cabrália, 1978, p. 45-58.

VIDAL E SOUZA, Candice. **Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

VIEIRA, Karine Moura. **Do fazer um saber - A construção do biografar**: O discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros, 2015. 213 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografia e biógrafos**: Jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografismo**: Reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**: Memórias de um repórter. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.

WEINGARTEN, Marc. **A turma que não escrevia direito**: Wolfe, Thompson, Didion e a Revolução do Novo Jornalismo. Rio de Janeiro: Record, 2010.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.